Órgão Central
do Partido Comunista
Português

Avante!

Proletários
de todos os países
UNI-VOS!

Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 60 – Série VII – N.º 872
6 de Setembro de 1990
Preço: 80$00

Propriedade do Partido Comunista Português

Distribuição – *CDL*, R. Santos Dumont, 57-2.º – 1000 Lisboa

Sexta • Sábado • Domingo

HÁ FESTA NA ATALAIA!

XIV Festa Avante!

Igual a si própria. Inconfundível. Tanto que toda a gente a reconhece como a maior iniciativa político-cultural do nosso país, a maior e mais popular festa em Portugal. Sempre diferente, de ano para ano, com novos motivos de atracção. Só que, desta vez, é ainda mais diferente. Realiza-se no seu terreno próprio, no nosso terreno. É na Atalaia!

A Festa abre às 19 horas de sexta-feira e o secretário-geral do PCP pronunciará então algumas palavras alusivas ao acto, junto ao Pavilhão Central.

Comício

A culminar a Festa, o Comício. Com a intervenção do camarada Álvaro Cunhal. É no Domingo, às 17 horas.

Transportes para a Festa

A melhor solução para quem vai de Lisboa, é apanhar no Terreiro do Paço o barco para o Seixal. Na margem Sul estão asseguradas carreiras de autocarro entre o embarcadouro e a Festa.

Entre os vários parques de estacionamento recomenda-se o da Zona Industrial (Santa Marta de Corroios). Daí há carreira especial gratuita de autocarros até à Festa.

Serigrafia especial na Campanha

Em edição do «Avante!» especialmente para a Festa deste ano e integrada na Campanha dos 150 mil contos, está à venda a serigrafia de José Araújo. Impressa a 6 cores, com tiragem de 400 exemplares, devidamente numerados e assinados pelo autor.

A situação no Golfo

- **Aspectos da crise**
- **Cimeira de Helsínquia**

Págs. 11 e 12/**Semana**

PCP quer acabar com asfixia financeira nas autarquias

Págs. 6 e 7/**Semana**

Coligação de Esquerda do Parlamento Europeu em jornada no Algarve

Págs. 1 e 2/**Semana**

Editorial

Avante!

Ano 60 – Série VII
N.º 872
6 de Setembro de 1990
1.º Caderno
Não pode ser vendido separadamente

Espaço de abertura, Amizade e Paz

A dois dias de abertura da Festa do «Avante!», destinada, para além dos seus fins específicos, a ser palco de importantes tomadas de posição política dos comunistas portugueses, é útil esboçar aqui o quadro de uma conjuntura nacional e internacional complexa.

É indubitável que a chamada «Crise do Golfo» se tornou um tumor de fixação de uma crise muito mais vasta que nos toca de maneira directa.

Numa região já inflamada pela violenta ocupação militar de territórios da Palestina por Israel; pelas violentas confrontações entre as facções diversas do fundamentalismo islâmico; numa zona onde se digladiam poderosos interesses antagónicos de altos potentados do petróleo e onde sobreaquece o clima de tensões e de confronto militar, configura-se uma grave ameaça à paz a curto prazo se nos próximos dias, contra o aventureirismo belicoso dos falcões da guerra, não for encontrada pela via das negociações, com urgência e aguda noção das responsabilidades, uma saída pacífica e política para a crise.

Há dos dois lados (se é lícito esquematizar em dois lados) círculos empenhados em fazer fracassar uma tal saída, entretanto ainda em aberto.

Como se pôde formalizar em tão poucos dias uma tão grave ameaça?

A poeira da diversão política soprada com determinação pelos centros da conspiração contra a Paz, tentam escamotear e ocultar as verdadeiras causas do «abcesso» do Golfo e a natureza das contradições que o fizeram inchar.

É por isso útil seguir os meandros da crise, referir ainda que brevemente algumas das causas fundamentais, tirar dos factos em rápida evolução conclusões mínimas para na base delas situarmos e definirmos a desejável posição do Estado português e ver a essa luz a política inadequada e ambígua do Governo PSD/Cavaco.

Os agentes de diversão do imperialismo tentam velar e distorcer alguns dos novos fenómenos emergentes do processo de desenvolvimento anárquico do modo de produção capitalista, tentam, no novo ciclo da crise latente do sistema capitalista, inverter e confundir as causas e os efeitos.

Um desses fenómenos é o agravamento das contradições internas do sistema pelo crescente debilitamento da hegemonia dos Estados Unidos no mundo capitalista, pelo aparecimento de novos centros de decisão - Japão, CEE, certas zonas periféricas de forte penetração de capitais estrangeiros notavelmente desenvolvidos do Sueste Asiático (Coreia do Sul, Taiwan, Tailândia, Singapura)e outra recentíssima, que levanta impetuosamente a cabeça - a comunidade islâmica, principal detentora dos recursos petrolíferos do globo.

Outro dos fenómenos que tentam ocultar é o da ameaça de uma nova recessão económica nos Estados Unidos - que é já um facto adquirido - e por reflexo nos restantes principais países capitalistas desenvolvidos.

Os diversionistas tentam agora responsabilizar a condenável invasão iraquiana do Kuwait e o deflagrar da «Crise do Golfo» como a causa original da recessão económica.

Contudo, todos os analistas e estudiosos da economia sabem que muito antes da «Crise do Golfo» já eram notórios os factores de uma nova recessão nas tumultuosas oscilações bolsistas das principais Bolsas de Valores do mundo capitalista (Nova Iorque, Tóquio, Londres, Frankfurt, Paris e outras), sabem que na economia americana se acumulam os défices do orçamento público e da balança comercial, se eleva a números astronómicos a dívida externa e os índices de pobreza e do desemprego (este prevê-se que atinja os 6 por cento da população activa no final do ano) e se multiplicam as falências.

Sabe-se também que com os avanços da paz e da distensão internacionais diminuíram as encomendas e logo os superlucros do complexo militar-industrial dos Estados Unidos e ainda que a intensificação da corrida armamentista, da «guerra-fria» e se possível da «guerra-quente» é sempre a saída natural para as crises do sistema.

É lícito então colocar a seguinte questão: a ameaça da recessão foi criada pela «Crise do Golfo» ou esta foi usada como saída bélica para a recessão e a eclosão de um novo ciclo da crise capitalista?

O que levou o Pentágono a deslocar para o Golfo Pérsico poderosas forças e meios militares sofisticados e a tentar impor a saída da guerra e não a das negociações pacíficas para fazer sair as forças iraquianas do Kuwait e resolver o melindroso caso da saída dos cidadãos estrangeiros ainda retidos no Iraque?

Não é significativo que no desenvolvimento da operação militar dos Estados Unidos no Golfo e na insistência da recusa a negociações pacíficas com o Iraque, na «febre» da movimentação militar tenham esfregado de contentamento as mãos os «barões» do complexo militar-industrial, que tenham subido de imediato as cotações e a especulação bolsistas?

No quadro realista da situação internacional actual e dos interesses básicos do povo português e da paz se deveria mover com serenidade e energia a política externa do governo português. Não é, porém, nesse sentido que se orienta o governo PSD/Cavaco Silva.

A posição do PCP é clara: nenhum compromisso internacional obriga Portugal, na situação criada com a «Crise do Golfo», a um envolvimento militar de qualquer tipo que nos arraste para a órbita de uma crescente ameaça de guerra no Médio Oriente.

Na «Nota do Secretariado do CC do PCP» de 23 do mês passado era precisado que «O PCP opõe-se firmemente a quaisquer decisões do governo português que levem ao envolvimento de Forças Armadas nacionais (navais, aéreas ou terrestres) na escalada militar e em possíveis operações no Médio Oriente. Considera com a maior apreensão a utilização para o efeito de bases situadas em território nacional» e que «em nenhum caso o governo português pode submeter os interesses nacionais e a actuação do País a interesses unilaterais de qualquer potência ou grupo de potências (NATO, UEO, CEE).

E mais à frente «manifesta a sua preocupação pela situação dos portugueses no Golfo».

Não é por tais interesses que se baliza a actuação do Governo PSD/Cavaco. Três fragatas e barcos de transporte foram mobilizados para as operações do Golfo sob o comando dos Estados Unidos e da NATO, o ministro da Defesa esteve nos Açores a estudar o alargamento das facilidades militares naquela Região Autónoma, o governo evidencia uma nítida falta de energia e de argúcia diplomática para fazer sair do Iraque os portugueses que queiram regressar ao seu País.

E no plano económico e financeiro o governo cavaquista - que tem desprezado os interesses das mais largas camadas da população, em particular dos trabalhadores e dos agricultores que se movimentam em greves e outras acções de massas contra a política governamental - aumentou de novo num mês o preço dos combustíveis (justificando agora os aumentos com a subida do preço do petróleo quando nas ainda recentes baixas das cotações no mercado petrolífero não só não baixou como elevou os preços internos), nada fez para travar os novos aumentos da carestia da vida e da taxa de inflação, promete para o orçamento de Estado de 1991 uma nova subida dos impostos indirectos.

É neste quadro que amanhã ao cair da tarde a Festa do «Avante!» abre as suas portas. É, no seu âmbito, uma resposta às questões cruciais do momento presente.

Na Quinta da Atalaia alguns milhares de comunistas, de amigos do PCP, de portugueses que não têm da Festa do «Avante!» uma visão sectária fazem um último «forcing» para proporcionar aos visitantes momentos de elevada fruição - cultural, artística, desportiva, lúdica e também necessariamente política.

No horizonte cerrado e sombrio da situação internacional e das ambiguidades, das incongruências e da acção desestabilizadora do governo cavaquista, a Festa do «Avante!» vai, aos portugueses de todas as condições sociais e convicções religiosas e políticas que não têm desta extraordinária iniciativa político-cultural de massas uma concepção fechada, proporcionar um espaço de abertura, de paz, de convívio e debate democrático, de amizade e confraternização popular, de solidariedade internacionalista.

O comício de domingo à tarde proporcionará aos seus participantes a actualização política, o conhecimento de algumas das mais importantes tarefas imediatas do nosso Partido, da sua leitura política da conjuntura actual, das suas propostas de solução dos complexos problemas nacionais e de convergência e unidade com todos os portugueses e democratas interessados em imprimir um novo rumo à política nacional, em pôr à frente do País um governo que se guie pelos interesses fundamentais do Povo, em constituir uma alternativa democrática de governo e de política.

E também proporcionar momentos únicos de descontracção, alegria e convívio num quadro natural de excepcional beleza.

Caros leitores, pegai na vossa família, levai convosco os amigos, ide até à Atalaia.

Lá os esperamos.

Resumo

29
Quarta-feira

A OPEP decide pronunciar-se a favor de um aumento temporário da produção de petróleo para compensar o abastecimento que, até à eclosão da crise do Golfo era realizado pelo Iraque e o Koweit ■ Cavaco Silva ouve separadamente todos os partidos da oposição antes da reunião do Conselho Superior de Defesa Nacional dedicada à crise do Golfo; Álvaro Cunhal reafirma a posição do PCP de não serem enviadas tropas portuguesas para a zona ■ O governador de Macau afirma que não há razão alguma para se demitir, sublinhando que aguarda com tranquilidade o resultado do inquérito que lhe foi instaurado pela Procuradoria-Geral da República ■ A China considera que a execução do plano adoptado na véspera pelos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU dependerá da boa vontade de Hanói e de Phnom Penh ■ Um autocarro da CP despenha-se de uma ponte sobre a Barragem da Aguieira, esmagando, ao despistar-se, um automóvel cujos quatro passageiros morreram.

30
Quinta-feira

O ministro da Defesa, Fernando Nogueira, anuncia que o Governo decidiu enviar para a zona do Golfo o navio de transporte da Armada, S. Miguel, e dar resposta afirmativa a uma solicitação da NATO para integrar temporariamente os meios navais que a aliança vai colocar no Mediterrâneo para desenvolver a partir de 10 de Setembro o exercício «On Call Force» ■ Um incêndio de grandes proporções deflagra, ao fim da tarde, próximo da Malveira e começa a romper os limites da vila cerca da meia-noite ■ O Partido Comunista Português acusa o Governo de seguir uma política de asfixia financeira das autarquias, pretendendo libertar verbas para seu benefício e para a campanha eleitoral indirecta do PSD ■ A embaixada dos Estados Unidos em Bona anuncia que vão ser enviadas para a Arábia Saudita forças blindadas e helicópteros de combate que se encontravam até agora estacionados na Alemanha Federal ■ Margaret Thatcher censura a maioria dos aliados europeus por conceder aos EUA um apoio mínimo para a resolução da crise do Golfo ■ O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem culpa a Grã-Bretanha de ter violado os direitos humanos de três norte-irlandeses detidos por suspeita de manterem ligações com o Exército Republicano Irlandês.

31
Sexta-feira

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros faz, em conferência de imprensa, o balanço das conversações de três dias entre a Unita e o governo angolano, afirmando que Portugal veria com satisfação a participação dos EUA e da URSS no processo de negociações ■ O presidente soviético, Mikhail Gorbatchov, considera que a concentração de forças militares no Golfo torna a situação explosiva e muito perigosa ■ Os governos da RDA e da RFA assinam em Berlim-Leste o tratado que regulará política e juridicamente a reunificação prevista para o dia 3 de Outubro ■ O presidente Frederik De Klerk anuncia que o Partido Nacional vai abrir-se a todos os sul-africanos, independentemente da raça ou credo.

1
Sábado

Cerca de duas dezenas de portugueses continuam retidos no Iraque por não lhes ser concedido o visto de saída ■ O ministro do Ambiente e Recursos Naturais anuncia que Portugal está a negociar um programa com a CEE, o qual será dotado de uma verba de aproximadamente vinte milhões de contos ■ O líder líbio, Muammar Khadafi, apela para que tropas da ONU substituam os soldados iraquianos no Koweit e para que tropas árabes e islâmicas tomem o lugar das forças ocidentais ■ A frente árabe de oposição do Iraque reafirma na Liga Árabe a sua condenação da invasão do Koweit pelo regime de Bagdad ■ As principais companhias aéreas mundiais anunciam aumentos de seis e oito por cento para fazer face à subida dos combustíveis e dos prémios de seguros devido à crise no Golfo ■ Os ministérios dos Negócios Estrangeiros da URSS e da China reúnem-se em Harbin, nordeste da China, num encontro dominado pela crise no Golfo e pela questão do Camboja ■ O Comité Central do PAIGC adopta o multipartidarismo para a Guiné-Bissau ■ O Governo do Sri Lanka impõe o recolher obrigatório por tempo indeterminado nas três províncias do Norte do país, a fim de permitir ao exército levar a cabo operações militares contra os separatistas tâmules.

3
Segunda-feira

O principal eixo rodoviário do País é cortado por agricultores como protesto contra a política do Governo de integração na CEE ■ Os eurodeputados da Coligação de Esquerda reunidos no Hotel Alvor preparam propostas e posições sobre a unificação alemã e o conflito no Golfo ■ O parlamento russo reúne-se para debater e aprovar uma série de projectos de lei, elaborados na sequência de uma viagem do seu presidente, por várias regiões da Federação, e para tomar medidas consideradas inadiáveis para o saneamento da economia local ■ A retirada total do contingente militar cubano de Angola poderá ocorrer antes de Junho de 1991, de acordo com uma notícia divulgada pela agência noticiosa Angop ■ O presidente francês François Mitterrand anuncia que o seu país vai aumentar as verbas para a ajuda ao desenvolvimento e propor ao Parlamento a anulação da dívida de todos os países menos avançados.

2
Domingo

O ministro da Indústria e Energia afirma que Portugal vive um momento crucial da sua integração europeia, quando é significativamente afectado pela crise do petróleo, de que depende em 70 por cento ■ A realização de dois conselhos nacionais separados agrava o conflito existente entre dirigentes do Partido Ecologista Os Verdes ■ A chefe do governo britânico, Margaret Thatcher, afirma que o presidente iraquiano deve ser julgado por um tribunal internacional por ter transformado homens, mulheres e crianças em reféns ■ É divulgada a decisão do governo líbio de recusar-se a cumprir o embargo decretado pela ONU ao Iraque ■ Os líderes dos Estados da Linha da Frente, reunidos na cimeira de Lusaka, apelam ao governo da África do Sul e ao ANC para que continuem o diálogo conducente ao processo de paz e ao fim do «apartheid» ■ Eduard Chevardnadze, ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, inicia uma visita à RPD da Coreia ■ O representante dos índios «mohawks» junto das Nações Unidas, em Genebra, pede uma intervenção da ONU para evitar um banho de sangue entre as tropas canadianas e os índios entrincheirados em Oka, nas proximidades de Montreal ■ A Unita lança um ataque na província de Uíje que causa a morte de 35 pessoas e fere mais 150.

4
Terça-feira

No final de uma reunião do Conselho de Concertação Social, Carvalho da Silva, dirigente da CGTP-IN, e Torres Couto, dirigente da UGT, convergem na apreciação de que o Governo evidencia pouca convicção na negociação de um acordo para os anos 90, parecendo não querer assumir responsabilidades a longo prazo ■ O ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Eduard Chevardnadze, relança a ideia da realização de uma conferência internacional para encontrar uma solução para a crise no Golfo ■ Os eurodeputados comunistas do Grupo Coligação de Esquerda do PE, reunidos no Alvor para planificar o seu trabalho para a próxima sessão legislativa, preconizam uma solução política para a crise do Golfo na base da resolução adoptada pela ONU ■ Nova onda de violência nos subúrbios negros de Joanesburgo causa 30 mortes; entretanto foram ontem libertados 11 membros do ANC da cadeia de Robben Island, em cumprimento da exigência deste movimento para a realização de conversações políticas com Pretória.

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS!
O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo
PROPRIEDADE: *Partido Comunista Português*. Rua Soeiro Pereira Gomes – 1699 – Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45
DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes – 1699 Lisboa CODEX. Tel. 76 97 25/76 97 22
ADMINISTRAÇÃO: EDITORIAL «AVANTE!», SA Rua de São Bernardo, 14, 2.º 1200 Lisboa
Capital social: 15 000 000$00
CRC matrícula: 47059
NIF – 500 090 440
DISTRIBUIÇÃO: *CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL.* Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57 – 2.º – 1000 Lisboa
Tel. 73 22 75/76 11 31/73 48 17
Casa de Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 – 1200 Lisboa
Tel. 32 19 16
ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º, Esq.º – 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02
ALTERAÇÕES DE ÚLTIMA HORA Das 22 às 2 horas – Tel. 90 00 44
EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 – Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44
PUBLICIDADE CENTRAL: Rua de São Bernardo, 14, 2.º Tel. 67 01 93
Porto – Rua do Almada, 18-2.º, Esq.º – 4000 Porto. Tel. 38 10 67
Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 576 – 4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15
Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 – 3000 Coimbra
Tel. 28394
Composto e Impresso na Heska Portuguesa – R. Elias Garcia, 27 Venda Nova – 2700 Amadora
Depósito legal n.º 205/85
Tiragem média do mês de Agosto: 23 330

Semana

Avante!

Ano 60 – Série VII
N.º 872
6 de Setembro de 1990
2.º Caderno
Não pode ser vendido separadamente

Cavaco fala na lei mas o problema está no dinheiro

PCP quer acabar com a política de asfixia financeira dos municípios

«Ao contrário do que parece entender o Primeiro-Ministro, o problema central que se coloca aos municípios portugueses neste momento não é o das regras que orientarão a eleição das câmaras municipais daqui a três anos e meio. O problema central é outro: é o da capacidade financeira dos municípios e dos seus reflexos nas condições de vida das populações» — afirmou Luís Sá na passada quinta-feira, durante uma conferência de imprensa em que o PCP denunciou a política de asfixia financeira seguida pelo Governo em relação às autarquias e que afecta a vida dos municípios e das populações, suscitando protestos generalizados de autarcas de todos os quadrantes.

Acusando o PSD e o Governo de pretenderem à custa das autarquias libertar verbas para a sua campanha eleitoral indirecta, os comunistas fizeram uma série de propostas com o objectivo de garantir a estabilidade financeira das câmaras municipais e das juntas de freguesia e reforçar a sua autonomia face ao poder central.

(Páginas 6 e 7)

Na conferência de imprensa do PCP participaram os camaradas Fernando Cruz, Luís Sá, Helena Rocha, Daniel Branco, Eufrázio Filipe e Abílio Fernandes

Coligação de Esquerda do Parlamento Europeu em jornada de estudos no Algarve

O Grupo Coligação de Esquerda do Parlamento Europeu, que integra os deputados dos Partidos Comunistas Português, Francês e Grego e o Worker's Party (Trabalhista Irlandês), esteve reunido de 3 a 5 deste mês no Alvor, no Algarve, em jornada de estudos. Durante os trabalhos o Grupo analisou alguns dos principais problemas que se colocam hoje à Comunidade Económica Europeia, designadamente a União Económica e Monetária, a União Política, o Espaço Económico Europeu, as «Assisses» (reunião entre o Parlamento Europeu e os Parlamentos nacionais para discussão das alterações institucionais ao Tratado que instituiu a organização comunitária), bem como os temas a debater na sessão plenária de Setembro do Parlamento Europeu.

Em análise esteve ainda a situação no Golfo, tendo os parlamentares aprovado uma tomada de posição comum sobre o que consideram dever ser um contributo activo da CEE para a resolução na crise. Um documento que se publica em separado, na íntegra.

Dos temas da sessão de Setembro merecem particular atenção o Acordo Multifibras, de grande importância para Portugal e de que o deputado e secretário-geral adjunto do PCP, Carlos Carvalhas, é autor de um parecer; a situação política no Médio Oriente, objecto de um relatório e de um debate; as conclusões da Comissão de Inquérito do PE sobre racismo e a xenofobia nos países da Comunidade, a que pertence a deputada comunista francesa Mireille Elmalan; o programa de acção da Carta Comunitária dos Trabalhadores, analisada em vários relatórios, um dos quais do deputado Barros Moura; a unificação alemã, de cuja comissão do PE faz parte o deputado francês René Piquet, membro da Comissão Política do PCF; o relatório «um futuro para o sector comunitário dos transportes marítimos», sobre o qual o deputado Vassilis Efremidis, da direcção do PCG, emitiu um parecer respeitante às respectivas incidências sociais, e o debate, proposto pelo Grupo Coligação de Esquerda, pedindo a anulação da dívida dos Países ACP (África, Caraíbas e Pacífico) à Comunidade.

Nos trabalhos, para além dos já referidos, participaram ainda De Rossa, presidente do Worker's Party e vice-presidente da Comissão dos Assuntos Regionais do PE; Philippe Herzog, da Comissão Política do PCF; Miranda da Silva, membro do CC do PCP; Sérgio Ribeiro, deputado do PCP na AR; Silviane Ainardi, Sylvie Mayer e Francis Wurtz, do CC do PCF; Alexandros Alavanos, do PCG, e vários membros do secretariado do Grupo Coligação de Esquerda no Parlamento Europeu.

Conclusões das Jornadas apontam para o reforço da intervenção do Grupo

Em conferência de imprensa realizada na passada terça-feira, o Grupo Coligação de Esquerda divulgou um documento de conclusões do trabalho que a seguir se transcreve na íntegra.

1. O Grupo Parlamentar Coligação de Esquerda no Parlamento Europeu nesta reunião no Algarve debateu a problemática da União Económica e Monetária e da União Política e as questões do desenvolvimento, da coesão económica e social e das reformas institucionais que lhe estão estritamente ligadas.

O Grupo analisou também o documento da Comissão sobre a União Económica e Monetária adoptado na reunião extraordinária de 21 de Agosto destinado à reunião informal do Conselho de Economia e Finanças que se vai realizar em Roma de 7 a 9 de Setembro.

O Grupo preparou ainda a sua intervenção na reunião plenária de Setembro, de que se destacam as questões sobre a crise no Golfo, mas também o processo orçamental para 1991 e os incêndios florestais.

2. Relativamente à UEM e à UP o Grupo sublinhou a necessidade de, nesta fase importante, seguir de forma atenta e activa a preparação e a realização das conferências intergovernamentais e, de uma forma geral, o sentido das orientações e medidas a adoptar com vista à concretização da União Económica e Monetária e da União Política.

A componente portuguesa

➔

edições Avante! Já é = divulga

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

À VENDA

aTalhe deFOICE

Schwarzkóboi

Schwarzkopf é o nome do comandante-chefe das forças expedicionárias dos EUA na Arábia Saudita, um general de quatro estrelas que o enviado especial do «Diário de Notícias» descreve como «um oficial pesado e brigão, modelo John Wayne de corte à escovinha, populista no trato com os seus soldados e absolutamente desenfreado de linguagem: promete *dar uns bons chutos nos traseiros desses gajos*, ridiculariza a preparação militar dos iraquianos chamando-lhes um bando de *tughs* e descreve o armamento e equipamento do adversário potencial como *ordinário*» E prossegue o jornalista do «DN»: «Sem se dar conta, Schwarzkopf hostiliza, na prática, globalmente, o mundo árabe, não distinguindo Saddam Husseim do resto e definindo os iraquianos todos por igual. Mesmo os políticos árabes que desejam a eliminação de Saddam Hussein não anseiam por um conflito em que norte-americanos vençam árabes. Postas as coisas em termos de pontapés com porta-ianques no traseiro, é natural que aumente o número de simpatizantes que queiram proteger a *retaguarda* de Saddam...»

Esta apreciação do enviado do «DN» é simultaneamente um qualificado trabalho jornalístico e a monótona constatação do que vale a retórica norte-americana quando retrovertida para o plano concreto das acções. O «espírito americano» sabiamente coreografado por Hollywood esboroa-se sempre quando sai das coboiadas da «última fronteira» e entra, efectivamente, nas fronteiras a partir das quais estão os outros, que por acaso até lá vivem e são de lá. Foi assim desde o princípio, seja na caminhada para oeste que arrasou as nações índias para construir a grande pátria americana, ou nos arrozais do extremo-oriente semeados a napalm para que neles florisse a democracia americana.

Entretanto a vida demonstrou e a História atesta que a gula imperial também tem fronteiras que ninguém pode passar nem com o Gary Cooper e o 7.º de Cavalaria, e se a construção do grande país americano pôde assentar no aniquilamento do povo índio e na anexação do Norte do México, a sua expansão pelo planeta mostrou-se fisicamente menos exequível e por isso substituída por variantes coloniais mais sofisticadas, como a imposição de governos fantoches ou o controlo das economias.

Mas se a evolução do imperialismo norte-americano patenteia alguma criatividade política (a contragosto embora, pois resulta sempre da impossibilidade de esmagar resistências alheias), a postura dos seus dirigentes retrata-se interminavelmente nos desbocamentos dos «operacionais» que lhes procuram concretizar os projectos, dê-se a palavra (e o comando) a um Schwarzkopf ou a um general Patton qualquer.

Postura que consiste na paleolítica convicção de que o que é preciso é ter instrumento e força nele para lixar os parvos do lado, uma subespécie que tem de saber quem manda para depois fazer alguma coisa que nos dê jeito.

Foi assim que o general Custer se fez chacinar mais ao 7.º de Cavalaria no desfiladeiro de Little Big Horn, que os Audie Murphy foram chutados da Coreia para fazerem de heróis em Hollywood, que os Rambos ganharam em cinema a guerra que os EUA perderam no Vietname. Estes factos, que são lições para qualquer estratego desde que Júlio César escreveu De Bello Galico, continuam ilegíveis para a elite dirigente dos EUA e dispiciendos na construção do «american way of life».

Daí que as recentes alarvidades de Schwarzkopf apenas onomasticamente se estranhem, dado o barbarismo do nome do homem; a arrogância continua a mesma que os EUA até ensinaram aos computadores, pondo-os a falar de vitória militar no Vietname três semanas antes de serem expulsos, a tiro, de Saigão, e com o desprezo de sempre pelos «bandos de *tughs*» que enxameiam o mundo, tenham à frente Sitting Bull ou Fidel Castro, Ho Chi Min ou a Frente Sandinista.

É por isso que os EUA, pesem embora os ventos perturbantes que arrepiam hoje o mundo, continuem, inexoravelmente, a transmutar-se de país surpreendente em país surpreendido...

■ **H.C.**

Parlamento Europeu

Conclusões das Jornadas

do Grupo Coligação de Esquerda entende que, face ao avanço da União Económica e Monetária, a Comunidade deverá igualmente e a par reforçar o caminho da aproximação das diferentes economias, nomeadamente através dos Fundos Comunitários e do apoio, com meios políticos, as regiões e países de economia mais débeis da Comunidade.

A componente portuguesa entende também que os recentes acontecimentos do Golfo mais evidenciam a **necessidade da Comunidade apoiar a diversificação energética e a diminuição da dependência petrolífera dos países periféricos, nomeadamente de Portugal**, que é o mais dependente.

3. Relativamente aos recentes acontecimentos do Golfo, o Grupo reafirma a sua condenação da invasão e anexação do Kuwait pelo Iraque, e insistiu igualmente na necessidade imperiosa de uma solução política negociada para esta grave crise, na base das resoluções das Nações Unidas.

4. A reunião do Grupo Coligação de Esquerda teve presente o processo orçamental em curso e, desde logo, o projecto de Orçamento para 1991 aprovado em primeira leitura pelo Conselho em fins de Julho.

Quanto a esta questão o Grupo sublinhou a urgência da definição de um novo quadro financeiro que, nomeadamente no contexto da evolução na Europa Central e de Leste, e das exigências financeiras que ela determina e poderá vir a determinar para a Comunidade, permitir não só garantir como reforçar os compromissos já assumidos, internamente para com as regiões e países de economia mais débeis e, no plano externo, a cooperação com os PVD.

A componente portuguesa salientou a sua apreensão quanto ao facto de, no referido projecto de Orçamento, se verificar um acréscimo das despesas como FEOGA-Garantia (da ordem dos 14,5%) superior ao acréscimo global previsto para o Orçamento (da ordem dos 12,2%), o que serve, no fundamental interesses de certos países ricos do Centro e Norte da Europa. De igual forma considera negativo e sublinha que, quanto ao Fundo Social Europeu, e no quadro do referido aumento global, se verifique apenas um acréscimo de 5,8%.

Entretanto e à semelhança do que fez, com o êxito conhecido, em casos anteriores, a componente portuguesa formulará diversas propostas para o reforço ou integração de novas verbas no Orçamento, tendentes a dar resposta a problemas prementes — alguns dos quais já apresentados no PE — como é o caso dos incêndios florestais que têm assolado o País e suas consequências.

5. O Grupo Coligação de Esquerda considera aliás que a Comissão deve reforçar significativamente as acções comunitárias no domínio da prevenção e da luta contra os **incêndios**.

Os deputados comunistas no Parlamento Europeu decidiram **interpelar o Comissário** responsável pelo ambiente, Ripa di Meana, sobre esta questão e apresentar várias propostas ao Comité Permanente das Florestas, instituído em 1989.

A componente portuguesa do Grupo Coligação de Esquerda no Parlamento Europeu apresentará também com carácter de urgência, na próxima reunião plenária do PE, em Estrasburgo, uma Proposta de Resolução com vista à atribuição de uma verba de cerca de 6 milhões de ECU's (um milhão de contos) por parte da Comissão das Comunidades Europeias para financiamento dos prejuízos causados pelos incêndios florestais deste Verão e pelas intempéries que assolaram em Agosto o Centro e Norte do País.

6. Os deputados comunistas ao Parlamento Europeu decidiram também na próxima sessão legislativa continuar a sua intervenção nas questões relativas à regionalização, pesca artesanal e Via do Infante e desenvolver esforços para que seja aprovada a resolução sobre «consolidação e defesa do património ambiental dos ecossistemas do Algarve, nomeadamente da Ria Formosa».

Um debate profícuo

A perspectiva de um rápido avanço da Comunidade no sentido da União Económica e Monetária e o debate que vem tendo lugar com vista à concretização da União Política exigiam da parte do Grupo Coligação de Esquerda do Parlamento Europeu, em que se integram os dois deputados do PCP, uma aprofundada reflexão tendente, por um lado, a avaliar o sentido exacto de tal evolução, as suas implicações globais e particulares e, por outro lado, a dotar o Grupo dos elementos políticos e operacionais indispensáveis a um posicionamento activo, particularmente em face das Conferências Intergovernamentais previstas para o final do corrente ano.

O debate realizado durante os dois dias da reunião realizada no Algarve, que deverá ter uma natural continuidade no futuro, foi, sem dúvida, profícuo e constituiu, antes de mais, um satisfatório ponto de partida para uma actividade positiva e reforçada do Grupo no futuro próximo.

(Joaquim Miranda)

A crise no Golfo
Proposta para um papel activo da CEE

Ao analisar a crise no Golfo, o Grupo Coligação de Esquerda considerou que o objectivo a atingir é o de **obrigar o Iraque a respeitar o direito internacional**, designadamente através da retirada do Kuweit, da libertação dos reféns e da renúncia a qualquer agressão. Para alcançar este objectivo considera-se necessário o cumprimento das sanções económicas e que seja dada prioridade às soluções diplomáticas.

Neste quadro, o Grupo Coligação de Esquerda considera que a CEE deve apoiar qualquer iniciativa de diálogo e de solução política, seja no âmbito da ONU ou no quadro árabe.

Toda a acção militar unilateral deve ser evitada. A CEE deve afirmar uma posição autónoma, sublinhando os riscos de escalada na região na sequência das deslocações de unidades militares.

A CEE deve agir para que o conjunto do processo seja colocado sob a autoridade da ONU, incluindo o dispositivo militar presente no Golfo que deverá agir estritamente no quadro das resoluções do Conselho de Segurança e sob a égide deste último.

Os países da CEE deverão sublinhar que no quadro duma solução política supervisionada pela ONU, será efectivada a retirada de todas as tropas estrangeiras, empenhando-se na retirada das tropas sob a sua autoridade.

Os países da Comunidade deverão ter uma política activa de desarmamento e substituir o comércio das armas na região por uma cooperação mutuamente vantajosa; deverão reconhecer o papel negativo que têm desempenhado através da distribuição de armas - incluindo nucleares e químicas - ao Médio Oriente.

A CEE e o Parlamento Europeu, pela parte que lhes cabe, devem contribuir para combater as causas profundas da crise do Golfo e de forma mais lata da crise do Médio Oriente:

- As resoluções da ONU sobre a situação na região devem ser respeitadas (Irão, Palestina, Síria, termo às vendas de armas aos países beligerantes);
- A questão palestiniana deve encontrar uma solução política na base do direito de Israel e dos Palestinianos ao seu próprio estado, no quadro de fronteiras seguras e internacionalmente reconhecidas, e da retirada de Israel dos territórios ocupados;
- Os problemas da miséria e das escandalosas desigualdades que prevalecem nesta região devem ser enfrentados no quadro de um novo diálogo Norte-Sul, visando uma nova ordem económica mundial mais justa. Neste âmbito, deve ser abordada a questão de uma mais justa repartição dos recursos petrolíferos no Mundo. O Grupo apoiará todos os esforços euro-árabes nesse sentido.

Finalmente, o Grupo Coligação de Esquerda opõe-se firmemente a todas as tentativas dos governos dos países da CEE de fazer suportar o peso da crise pelos trabalhadores, sob a forma de uma austeridade reforçada e de um aumento inaceitável e economicamente injustificado dos produtos petrolíferos.

Reunião do Comité Central no dia 9 de Setembro

Na manhã do próximo domingo, dia 9 de Setembro, realiza-se na Sociedade Timbre Seixalense, no Seixal, uma reunião plenária do Comité Central do PCP.

Tendo a Comissão Política do CC do PCP considerado o Comício da Festa do «Avante!» como o momento apropriado para a divulgação do candidato do PCP às eleições presidenciais, a convocação desta reunião do Comité Central do PCP tem em vista concluir o processo de decisão em curso relativamente à designação do candidato do PCP.

5.9.90
Gabinete de Imprensa do PCP

Nacional

Alegrias e tristezas, preocupações e esperanças à chegada de Split

Após os campeonatos europeus de atletismo, que decorreram na semana passada em Split, a delegação portuguesa regressou trazendo da Jugoslávia alegrias, como a medalha de ouro de Rosa Mota ou o bronze de Mário Silva, e tristezas, como as de Dionísio Castro, José Pinto ou Conceição Ferreira. Mas trazia também preocupações com o presente e o futuro da prática desportiva, bem como esperanças fundadas na vontade de fazer melhor. Nos dias da chegada, o «Avante!» obteve depoimentos de Rosa Mota, do professor Moniz Pereira e do presidente da Federação Portuguesa de Atletismo, dr. Henrique de Melo.

Rosa Mota

Moniz Pereira com Dionísio Castro

• Rosa Mota

Rosa Mota achou que o povo de Split é «muito agradável, muito simpático», e aconteceu mesmo que «ao chamarem por mim ao longo do percurso, julgava que eram portugueses, pronunciavam o nome mesmo à portuguesa, eu já estava admirada por estarem ali assim tantos portugueses».

— O que mudou em termos de apoio ao desporto nacional, se compararmos os Jogos de Seul com estes campeonatos europeus, particularmente na área do atletismo?

— Em relação a mim, tive os apoios que sempre tenho tido e que são os apoios que nós próprios fazemos: treinar onde nos apetece, ir às provas onde achamos que é mais importante e nos dá mais prazer... Em relação aos meus colegas, não posso falar por eles, já que, como sabem, tenho estado um bocado afastada do grupo de atletismo, da organização federativa.

— Acha suficientes as bolsas de 30 contos atribuídas aos atletas de nível europeu e de 40 contos para atletas de nível mundial?

— Depende dos atletas. Por exemplo, para os atletas de velocidade, esses 30 ou 40 mil escudos podem ser uma grande ajuda para a sua preparação; se se vai para a parte dos fundistas, bem, um atleta de fundo já ganha tanto dinheiro que isso praticamente não conta. Em vez de receberem esse dinheiro, até podiam eram cedê-lo para os atletas de nível nacional, que vêm a seguir a nós.

— Está a par da posição do PCP e da intenção que este partido anunciou de chamar o Estatuto da Alta Competição à AR para ser ratificado?

— Ainda não. Saí de Portugal a 23 de Julho, tentei estar afastada de tudo o que se estava a passar para me concentrar na minha preparação. Temos uma posição muito nossa, achamos que as coisas só se resolvem conversando, dialogando.

• Henrique de Melo

— E agora, doutor, depois de Split, quais são os planos da Federação?

— Agora há que continuar a trabalhar. O atletismo tem um programa, quer nacional quer internacional, muito denso. De imediato seguem-se os «ibero-americanos», depois haverá os 15 quilómetros mundiais de estrada femininos, a última prova do calendário internacional. Já se devia ter começado a trabalhar, há pelo menos dois anos, para os Jogos Olímpicos de 92 e para o campeonato do mundo. E, de facto, aí estamos com algum atraso e têm-nos faltado orientações de base que nos permitam encontrar as linhas com que nos devemos orientar daqui para a frente.

— Os meios de que a Federação irá dispor serão muito parcos. Tendo em conta a proximidade dos Jogos de Barcelona, o que está a ser feito em termos da preparação da selecção?

— São perfeitamente insuficientes as verbas postas ao dispor da Federação Portuguesa de Atletismo, quer para a alta competição, quer para o desenvolvimento, a formação, a média competição, as associações, etc.

E, infelizmente, mais do que a insuficiência de meios, lutamos com uma grande carência de planificação. A falta de pistas e de apetrechamentos é um dado de facto. As próprias capacidades de mobilizar as pessoas envolvidas na alta competição — atletas e técnicos — são extremamente difíceis. Mais uma vez acabámos de viver uma situação em que só em cima da hora se conseguiu a requisição oficial de um fisioterapeuta para acompanhar a selecção. Tudo isto leva a que seja muito difícil podermos orientar o desenvolvimento da modalidade. E os próprios técnicos sofrem, por tabela, das mesmas insuficiências.

— De quem, em sua opinião, é a responsabilidade por toda esta situação? E outra pergunta: entre a preparação para os últimos Jogos Olímpicos e os de Barcelona, houve melhorias ou a situação encontra-se estacionária?

— Há aqui quase que uma responsabilidade histórica. Isto é, sempre estas coisas foram mal planificadas (talvez não seja só no atletismo).

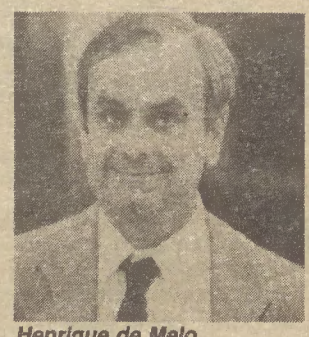
Mas a grande responsabilidade é a de quem tem a obrigação de planificar e ajudar a desenvolver o desporto nacional, neste caso o Ministério da Educação e os organismos que lhe estão afectos. Esperemos que, apesar de tudo, nestes dois anos que faltam, a situação venha a melhorar. Temos feito um grande esforço junto do senhor ministro para que estes problemas sejam desbloqueados.

— Houve melhorias, se comparada a preparação para os Jogos Olímpicos de Seul e de Barcelona?

— Eu não estava na Federação nessa época, mas dizem as pessoas que fizeram Seul, como até Jogos Olímpicos anteriores, que estamos em pior situação. Talvez se esteja a planificar pior que em anteriores jogos. Cinquenta por cento do tempo está comido, vamos lá a ver os outros cinquenta.

— E em termos de infra-estruturas nacionais? Por exemplo, em médicos, massagistas? Os atletas ultimamente têm-se queixado da ausência de apoios federativos e até governamentais.

— Nós queixamo-nos amargamente da falta de apoios e repetidas vezes, por escrito e verbalmente, temos feito sentir à estrutura estatal, que tem o poder de fazer requisições, todos esses inconvenientes. Na prática é fácil dizer-se que os atletas têm apoio através da rede estatal e dos centros de medicina desportiva, mas isso não acontece. É um dado que nos preocupa — devemos ser talvez a federação que menos é apoiada, nesses termos, na Europa. Mesmo em relação a outras federações nacionais com iguais responsabilidades, temos dúvidas se alguma é tão apoiada como nós. Isto preocupa-nos muito.



Henrique de Melo

— Não sente que no quadro da Federação há uma ausência de informação em relação aos atletas e aos treinadores?

— Temos tentado fazer alguma informação. Da legislação que vai sair deu-se notícia para as associações. A Federação é um organismo coordenador das associações, lida directamente com as associações, estas com os clubes, os clubes com os atletas, é a rotina habitual. E também, tanto quanto possível, tentamos fazer chegar a informação directamente aos clubes e aos atletas interessados. Admito que às vezes as coisas não tenham sido feitas com celeridade, a máquina da Federação começa a ter carências para dar resposta a algum tipo de informação.

A muito curto prazo, vamos tentar fazer uma reunião com os atletas de alta competição para dar a conhecer o que vai ser a programação do próximo ano, de forma a que os direitos e os deveres de ambas as partes fiquem muito mais clarificados do que têm sido até hoje. Temos que admitir que tem havido falhas e que estas, depois, se traduzem em mau ambiente e em alguma especulação, o que faz com que aparentem maior gravidade do que realmente tiveram.

— Acaba de sair o Estatuto de Alta Competição. O que pensa da eliminação da Comissão de Apoio à Alta Competição?

— Nós fizemos na altura um trabalho crítico das sucessivas versões submetidas à nossa apreciação. Algumas das nossas sugestões, poucas, foram aceites, e outras não. Ainda não vamos fazer um comentário daquilo que nos parece correcto, ou menos correcto, ou menos válido. Vamos fazer primeiro uma análise global. E só nessa altura daremos a opinião da direcção.

— Para isso, a reunião que está prevista é uma inovação?

— É uma inovação. Nessa reunião, a partir do Estatuto de Alta Competição e dos comentários, vamos dizer: meus amigos, vocês podem contar com isto, isto é o que é oferecido. É bom que as pessoas todas percebam que têm as suas obrigações, que ficam com estes deveres. E as pessoas terão que optar, terão que pensar no que lhes convém. Os atletas sabem disso, mas é bom que as pessoas pensem que o Estatuto de Alta Competição não as obriga a serem seleccionadas.

É evidente que nós, Federação, damos aos atletas aquilo que o Estado nos dá para distribuir, nós não podemos distribuir mais do que aquilo que temos. E, portanto, só a partir desses dados é que podemos realmente dizer: contem com isto. Todos nós somos os primeiros a dizer que as verbas são insuficientes, que o apoio médico é insuficiente, que não pode continuar o problema dos atletas que estudam, ou que estão no serviço militar, ou que têm emprego.

Enfim, há um conjunto de carências que nós somos os primeiros a reconhecer. Simplesmente, não temos por nós próprios autoridade, poder, nem situação para alterar isso. É isso que vamos explicar. É por isso que esta situação não pode ser feita tão cedo. Só podemos definir o programa e aquilo para que se conta com os atletas depois da aprovação do calendário europeu, em Outubro.

— Ainda em relação ao Estatuto de Alta Competição: o doutor tem conhecimento da iniciativa do PCP de se pronunciar sobre o Estatuto? O que é que pensa desta iniciativa?

— Temos conhecimento, de facto. Mas, como disse, ainda não tivemos oportunidade para ver esse e outros aspectos com profundidade. Quando fizermos a leitura global do Estatuto, dos nossos próprios comentários e das achegas que os partidos políticos possam ter dado, é que nós poderemos então pronunciar-nos globalmente. Esperamos fazê-lo em Setembro.

— Qual a sua opinião sobre a iniciativa do Partido Comunista Português de pedir a ratificação do actual Estatuto na Assembleia da República?

— Para nós é agradável que os partidos políticos com assento parlamentar — e os outros, se o acharem por bem — se pronunciem e tomem posição sobre isto. Não há dúvida que o desporto e a alta competição têm uma importância muito grande, um impacte muito grande na opinião pública e, portanto, também é bom que os próprios partidos, para o bem e para o mal, tomem posições sobre o decreto-lei da Alta Competição. Nós próprios acharíamos que haveria algumas emendas ainda a fazer. Mas, se for ratificado, por nós não vemos inconveniente nenhum, bem pelo contrário.

— Esta iniciativa poderá permitir que federações, técnicos e atletas possam dar ainda a sua opinião?

— Com certeza. Nós próprios demos opinião *a-anteriori*. Nem tudo o que dissemos foi aceite, também não seria obrigação do Governo aceitar tudo o que a gente diz, também há outras federações e outros interesses, isto porque todas as federações têm atletas de alta competição. Mas há coisas que ainda gostaríamos de rever, se fosse possível. Se essa oportunidade vier a ser dada, seja por via de ratificação, seja por outra qualquer, é evidente que não deixaremos de reforçar os pontos de vista que expusemos na altura e que não foram considerados pertinentes.

• Moniz Pereira

Regressado com total disposição para entrar a muito curto prazo numas repousantes férias, o professor Moniz Pereira falou ao «Avante!» sobre o **Estatuto de Alta Competição** recentemente publicado pelo Governo.

— O Estatuto já devia ter saído há mais tempo. Espero que seja posto em prática urgentemente, que não esperem mais tempo. Julgo que o documento está bem elaborado, vamos agora ver se, com a burocracia e a prática, faz com que o atletismo ande para a frente. O atletismo já há muito tempo que está à espera desse Estatuto e necessita que ele entre em acção o mais depressa possível. Terá naturalmente algumas coisas que poderão não estar cem por cento correctas. Mas, numa primeira leitura, acho que de uma maneira geral está bem feito.

Relativamente à **preparação para os Jogos Olímpicos de Barcelona**, disse Moniz Pereira:

— Acho que não podemos perder mais tempo. Até agora, praticamente, não se fez nada desde os Jogos Olímpicos de Seul. Não digo aqui, porque iria demorar muito tempo, o que é que se deve fazer. Apenas digo que estou às ordens se alguém se lembrar que eu posso ser necessário para qualquer coisa. Julgo que a falta do Estatuto de Alta Competição era até aqui um travão. Agora, espero que sejam retirados todos os obstáculos para que nós possamos ter em Barcelona uma equipa ao nível daquilo que o atletismo português poderá proporcionar.

Acidente na CP

Embora não pretenda expressamente antecipar-se às conclusões do inquérito sobre o caso, a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses e o Sindicato dos Ferroviários do Norte afirmam num comunicado difundido quinta-feira passada que o acidente com um autocarro da CP em Santa Comba Dão, de que «há a lamentar a perda de vidas humanas» se deve atribuir, em seu entender, à «degradação constante do material de circulação».

Aquelas organizações sindicais dos ferroviários portugueses acrescentam que o acidente de 29 de Agosto, em que morreram o condutor e o seu acompanhante revisor, se inscreve na falta de condições a que «os trabalhadores ferroviários são submetidos no seu dia-a-dia de trabalho, pagando (essas condições) com a sua própria vida e ainda com iguais consequências para outros».

A Federação manifesta publicamente o seu desejo de que «a comissão de inquérito seja rigorosa nas conclusões e actue com o máximo de isenção».

Nacional

FUNCHAL

«Bandeira verde», lixeiras, furnas perseguição a trabalhadores e outras «contradições»...

A cidade do Funchal, na Região Autónoma da Madeira, foi distinguida com a **bandeira verde**, símbolo da cidade turística com melhor apresentação pública em termos de higiene e limpeza. Comentava há dias o Executivo da Comissão Concelhia local do PCP que «decerto, tal distinção se refere apenas à zona turística da cidade, porque se subirmos um pouco às zonas mais altas continuamos a deparar com lixeiras que degradam as condições de vida».

Mesmo assim, recordam os comunistas do Funchal, a bandeira verde só foi possível pelo trabalho abnegado dos trabalhadores do sector de limpeza do Município, trabalhadores esses que «continuam à espera que o sr. Presidente e os srs. vereadores cumpram o prometido nas vésperas das eleições autárquicas: a construção de um refeitório e balneários para homens e mulheres. É caso para dizer que o presidente e os vereadores não têm para com os trabalhadores o mesmo comportamento que estes têm para com a cidade».

A Concelhia do PCP aborda ainda outros problemas que demonstram também a política de afrontamento da Câmara Municipal com os seus trabalhadores:

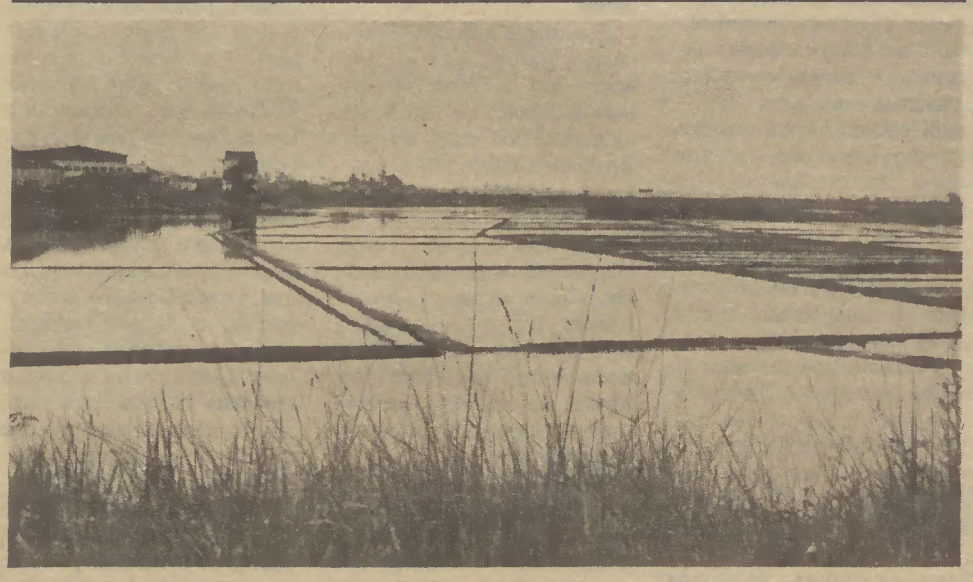
- No complexo balnear do Lido continuam as vergonhosas perseguições de que são vítimas as trabalhadoras, que há cerca de um ano expuseram o seu caso à administração da Câmara;
- A administração da Câmara, violando as leis laborais e os direitos dos trabalhadores consagrados na Constituição, levou alguns trabalhadores efectivos a assinarem contratos a prazo;
- Parte significativa da população do concelho continua à espera de ver concretizadas as promessas eleitoralistas do senhor presidente e do seu partido, o PSD. Que o digam os moradores de zonas das freguesias de Sta. Luzia, Sta. Maria, St.º António e São Martinho, que continuam a debater-se com o problema da falta de água. Que o digam os milhares de famílias que continuam vivendo em furnas, barracas e casas degradadas à espera de uma habitação condigna, há muito prometida.

Subcomissão

Conclui a Concelhia do PCP:

«Estes e muitos outros problemas que afectam as condições de vida de grande parte da população e dos trabalhadores do Município, são o resultado da acção política do PSD, que tudo investe na zona turística, esquecendo as péssimas condições em que vivem dezenas de milhar de pessoas das zonas altas. São também o resultado da submissão da Região em relação à CEE e ao Governo da República, devido à grave situação financeira a que a política do PSD conduziu a região. E são ainda consequência da política de compadrio, benesses e favores aos amigos, como é exemplo último a construção de um complexo turístico sem projecto nem licença. E que só veio a público por choque de interesse entre industriais do sector...»

Administração da CM do Funchal não reconhece trabalho abnegado dos trabalhadores do sector da limpeza. Bem pelo contrário...



Arroz: colheitas arrancam

Governo atrasou-se na fixação de preços indicativos à produção

«Estamos a iniciar a colheita do arroz e os orizicultores ainda não conhecem preços indicativos à produção para a campanha de 1990», lamenta a Direcção da APOR (Associação dos Orizicultores) em «telex» enviado aos órgãos da comunicação social, que acrescenta:

«A defesa dos orizicultores, cuja cultura na presenta campanha foi sobrecarregada com elevados custos adicionais no tratamento a novas pragas, justifica e impõe que a questão dos preços, como garantia prioritária para assegurar a normal comercialização, esteja defendida com a antecedência devida.»

Assim, a APOR reclama a imediata saída em portaria dos preços indicativos do arroz à produção da presente campanha e adianta os preços justos que devem ser pagos à produção:

- Arroz tipo **carolino** ..... 75$00/kg
- Arroz tipo **longo** ..... 66$00/kg
- Arroz tipo **miúdo** ..... 64$00/kg

«São os preços mínimos que, devido aos enormes encargos acumulados pelos orizicultores, este ano, podem compensar os gastos efectuados», conclui a APOR.

São Miguel do Rio Torto

Renovar a freguesia – proposta CDU para as eleições de dia 30

Estradas, equipamento social, abastecimento de água, zonas verdes, trânsito, esgotos, recolha de lixo, habitação social, correios, transportes, ensino, cultura, desporto e juventude são áreas de actuação em foco no programa da candidatura CDU (PCP/PEV) às eleições na freguesia de São Miguel do Rio torto, concelho de Abrantes. Recorde-se que a lista CDU para este acto eleitoral, a realizar no próximo dia 30, apresenta como candidata a presidente da Junta de Freguesia, **Maria José Paulina Oliveira**.

O programa da CDU avança propostas concretas de intervenção e trabalho que vão ao encontro dos justos anseios da população desta freguesia, dispersa por quatro lugares: **S. Miguel, Arreciadas, Bicas** e **Arrifana/Carvalhos/Cabrito**.

Na nota introdutória do seu programa, a CDU de S. Miguel de Rio Torto refere a dado passo:

«A lista CDU é constituída por pessoas sérias e capazes de renovar a nossa freguesia.

São democratas empenhados em realizar a todo o custo uma acção que conduza ao progresso da sua terra, enfrentando os problemas com capacidade, dedicação e competência.»

Camaradas Falecidos

José Pereira Valegas

Residente no Barreiro e membro da respectiva organização de freguesia do PCP, faleceu no passado mês de Agosto o nosso camarada **José Pereira Valegas**, reformado, de 61 anos.

Manuel Jorge da Costa

Natural de Grândola, faleceu o militante comunista **Manuel Jorge da Costa**, de 87 anos. O camarada falecido integrava a célula dos PMEs, em Lisboa.

***

Aos familiares, amigos e companheiros dos comunistas falecidos, o colectivo da Redacção do Avante! apresenta sentidas condolências.

PCP

Números de arrepiar...

- **Gasolina super com chumbo** — 145 escudos por litro.
- **Gasolina super sem chumbo** — 135 escudos por litro.
- **Gasolina normal com chumbo** — 143 escudos por litro.
- **Petróleo iluminante** — 88 escudos por litro (fornecido quer a granel, quer em taras).
- **Petróleo carburante** — 88 escudos por litro (fornecido quer a granel, quer em taras).
- **Gasóleo** — 95 escudos por litro.
- **Fuel** (1. enxöfre) — 33,5 o quilograma.
- **Fuel** (3,5. enx.) — 29 o quilograma.
(Nestes preços já está incluído o IVA — Imposto sobre o Valor Acrescentado).

O PCP e os novos aumentos dos preços dos combustíveis

Inflação, para onde vais?

Este novo aumento, tal como o primeiro, vai pressionar as tendências inflacionistas com repercussões nos cidadãos com menores rendimentos e nos assalariados, pensionistas e reformados — sublinha uma nota do Gabinete de Imprensa do PCP, divulgada no início desta semana, a propósito dos últimos aumentos de preços dos combustíveis. Aqui fica o comentário do PCP:

1. O aumento dos preços dos combustíveis que o Governo decretou é o segundo verificado em pouco mais de um mês, com sérias consequências para o orçamento dos portugueses, agora com a justificação do aumento dos preços do petróleo em mercados internacionais devido à crise do Golfo.

Esta justificação contrasta claramente com as afirmações tranquilizadoras dirigidas aos portugueses e aos agentes económicos por Cavaco Silva de que Portugal detinha reservas até ao fim do ano e com as afirmações do ministro das Finanças («DN» — 25.8.90) de que as consequências económicas da crise do Golfo não exigiam «por enquanto, evoluir para uma política de aperto de cinto» e que «níveis de preços do petróleo na ordem dos 25 a 26 dólares o barril» eram sustentáveis neste momento, tanto mais que a quebra da divisa americana era benéfica para Portugal.

2. Este novo aumento, tal como o primeiro, vai pressionar as tendências inflacionistas com repercussões nos cidadãos com menores rendimentos e nos assalariados, pensionistas e reformados.

O cuidado e a pressa com que o Governo procede ao aumento dos combustíveis, a pretexto da crise do Golfo, não tem correspondência nem se vislumbra na reposição do poder de compra de milhares de trabalhadores portugueses e dos pensionistas e reformados.

O PCP, perante este quadro, reafirma a sua reclamação sobre a necessidade urgente de o Governo proceder a um aumento intercalar do salário mínimo e das pensões e reformas.

Por outro lado, as repercussões do aumento do preço dos combustíveis na agricultura contrastam fortemente com a não actualização do subsídio de gasóleo de consumo agrícola em 1990 e com as medidas governamentais de liberalização das importações de carne, vinho e outros produtos agro-pecuários, com graves reflexos para os rendimentos dos agricultores portugueses.

3. A eventual continuação da evolução negativa da conjuntura externa põe também em evidência, tal como o PCP tem denunciado, que se perderam cinco anos de uma conjuntura externa favorável para diminuir e superar as principais fragilidades e vulnerabilidades da economia portuguesa e, no caso concreto, a excessiva dependência petrolífera.

Património natural (Serra de São Mamede), incêndios e regionalização

Comunistas de Portalegre tomam posição

É urgente o ordenamento da Serra de São Mamede e a criação do seu Parque Natural, ultrapassando a burocracia e a ineficácia das entidades responsáveis — sublinha a Direcção da Organização Regional de Portalegre (DORPOR) do PCP. Em contacto com os órgãos da Comunicação Social, a DORPOR deu conta das conclusões fundamentais da sua recente reunião, onde foram abordados temas da actualidade política e social de âmbito nacional e regional, para além da Festa do «Avante!».

A propósito dos incêndios que ocorreram nesta região do Alto Alentejo, a DORPOR «entende que são duros golpes infligidos ao património natural pelo que as suas causas e consequências devem merecer a reflexão e o alerta das entidades responsáveis e das populações».

O PCP chama a atenção de que a ausência de um ordenamento florestal, a inexistência e o mau estado dos acessos, a carência de pontos de água e a falta de meios humanos e técnicos exigem da parte do Governo medidas excepcionais.

A DORPOR saúda os corpos de Bombeiros, cuja abnegação é exemplo de solidariedade para com a sociedade e lembra as injustiças de que são vítimas devido à insuficiência do Estatuto do Bombeiro, designadamente quanto à garantia de acesso e estabilidade no emprego e na protecção socioprofissional.

Filosofia centralizadora do PSD

A DORPOR denunciou, uma vez mais, o método antidemocrático de funcionamento da CCRA (Comissão de Coordenação da Região Alentejana), que convocou recentemente para Évora o Conselho Regional do Alentejo para apreciar o relatório sobre a OID/NA(*) e a sua reprogramação, sem que as autarquias e as entidades do distrito envolvidas, tivessem tomado conhecimento.

Esta decisão da CCR aliada à manutenção do Gabinete Coordenador em Évora só confirma a filosofia centralizadora do PSD, de limitação de autonomia do Poder Local democrático e de bloqueamento à criação das Regiões Administrativas, conclui a DORPOR do PCP.

(*) Operação Integrada de Desenvolvimento/Norte Alentejano.

Beja

Deputados do PCP à disposição dos cidadãos

A Direcção da Organização Regional de Beja (DORBE) do PCP, assim como os deputados comunistas pelo distrito, estão à disposição da população e de todas as entidades e organizações para apresentarem propostas de verbas a serem incluídas no Orçamento de Estado para 1991, com vista ao desenvolvimento económico, social, educativo deste distrito do Baixo Alentejo.

Os deputados do PCP pelo distrito procurarão avistar-se com um conjunto de entidades para análise e recolha de propostas para o Orçamento de Estado.

• Qualquer contacto poderá ser feito para o Centro de Trabalho da DORBE do PCP, Rua Dr. Pereira Coelho, n.º 1, Beja, Telef. 2 62 00

Poder Local

Governo não paga o que deve e fica com o que lhe não pertence

Comunistas querem que acabe a asfixia financeira das autarquias

Na semana passada o PCP denunciou em conferência de imprensa a política de asfixia financeira seguida pelo Governo em relação às autarquias e que afecta a vida dos municípios e das populações, suscitando protestos generalizados de autarcas de todos os quadrantes. **«Ao contrário do que parece entender o Primeiro-Ministro, o problema central que se coloca aos municípios portugueses neste momento não é o das regras que orientarão a eleição das câmaras municipais daqui a três anos e meio. O problema central é outro: é o da capacidade financeira dos municípios e dos seus reflexos nas condições de vida das populações»** — afirmou o dirigente comunista Luís Sá no encontro com os jornalistas, respondendo directamente à intervenção de Cavaco Silva no Algarve e à pretensão, ali anunciada, de alterar a lei eleitoral para as autárquicas.

Isto prende-se, não com as *engenharias eleitorais* do Primeiro-Ministro, mas com uma situação concreta e actual, como referiu Luís Sá: «Hoje são muitas as autarquias que têm a sua capacidade de realização de obras e actividades diminuída e pagam tarde e mal a fornecedores, afectando as economias locais.» Uma das consequências, alertou, é que **«pode mesmo ficar em risco a possibilidade de suportar a parte portuguesa de obras, a cargo das autarquias, que são co-financiadas pela CEE».**

Além daquele membro da Comissão Política do Comité Central do Partido, na conferência de imprensa da passada quinta-feira participaram os camaradas Daniel Branco (membro suplente do CC, presidente da CM de Vila Franca de Xira e vice-presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses), Fernando Cruz (presidente da CM de Montemor-o-Novo e membro do conselho directivo da ANMP), Eufrázio Filipe (suplente do CC, presidente da CM do Seixal e da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, membro do conselho geral da ANMP), Abílio Fernandes (suplente do CC, presidente da CM de Évora e membro do CD da ANMP) e Helena Rocha (presidente da Junta de Freguesia de Sarilhos Grandes e vice-presidente do conselho directivo da Associação Nacional de Freguesias).

Calação de escolas pela Câmara de Nisa

Para a campanha vale tudo...

Luís Sá acusou o Governo de seguir uma política de «asfixia financeira» das autarquias locais, a qual tem a ver com «razões profundas: normalmente uma política de descentralização está associada a uma política de democratização e de participação popular — e cremos que não é essa a orientação do Governo» e com as «convicções centralizadoras profundas» do executivo de Cavaco Silva.

Só que, neste momento, depois de o PSD e o Governo terem sofrido uma grande derrota nas eleições de 17 de Dezembro passado, há uma razão «de conjuntura imediata» para aquela política, como acusou o dirigente comunista: **querem «libertar verbas das autarquias para as canalizar para o Governo e para a campanha eleitoral indirecta do PSD».**

Valde tudo, desde que seja para cumprir este objectivo e apesar dos protestos generalizados de autarcas de todos os partidos, incluindo o próprio partido do Governo. Na conferência de imprensa do PCP foi dado o alerta para os expedientes que estão a ser utilizados.

O Fundo de Equilíbrio Financeiro — que, segundo a Lei das Finanças Locais, é transferido do Orçamento de Estado — constitui mais de 70 por cento das receitas da grande maioria dos municípios. Daniel Branco demonstrou que, a preços constantes (ou seja, considerando os índices de inflação) o FEF não tem aumentado.

Mas há mais. O montante do Fundo é calculado com base nas previsões de cobrança do IVA; de ano para ano, o Governo reedita a subavaliação dos valores deste imposto. Luís Sá referiu, a título de exemplo, os números de 1989: a diferença entre o IVA efectivamente cobrado e a previsão do Governo foi de 60 milhões de contos.

As receitas dos municípios têm sido diminuídas também com a concessão pelo Governo de **isenções** de pagamento de sisa e de contribuição autárquica. Daniel Branco ressalvou que as receitas destes impostos e derramas se distribuem **«de forma profundamente desigual»** no País: só Lisboa e Porto juntos recolhem mais de 50 por cento da colecta da contribuição autárquica, e além destes distritos apenas Braga, Faro e Setúbal ultrapassam os 5 por cento.

Ora o Governo decide conceder isenções, faculdade que lhe pertence por lei. Mas a mesma lei determina que o Governo compense os municípios pelas verbas que assim deixam de receber, e isto não tem sido cumprido. Desta forma, denuncia o PCP, são retirados à colecta municipal cerca de 12,5 milhões de contos.

... e mais alguma coisa!

A ofensiva do Governo contra a autonomia financeira das autarquias não se fica por aqui. Fernando Cruz referiu mais alguns aspectos, enquanto Eufrázio Filipe falou da utilização de fundos comunitários, e Abílio Fernandes apresentou um levantamento das dívidas do poder central aos municípios.

«De forma perfeitamente arbitrária e à margem dos tribunais» — sublinhou o autarca —, o Governo criou mecanismos de **retenção das receitas** das autarquias com os mais diversos pretextos, desde o pagamento de dívidas frequentemente não comprovadas nem negociadas (casos da EDP e do ex-FFH), até ao pagamento de pessoal da Administração Central (caso dos Gabinetes de Apoio Técnico).

Entretanto, os mais diversos ministérios e secretarias de Estado remetem para os municípios **novos encargos** e responsabilidades, sem a transferência dos correspondentes meios financeiros; aqui o destaque vai para a área da educação.

Fernando Cruz denunciou a «chantagem» de que estão a ser alvo vários municípios quando se trata da construção de escolas secundárias; esta é uma responsabilidade do Governo, mas as escolas «estão a ter andamento apenas nos locais onde as autarquias desviam dezenas de milhares de contos dos seus orçamentos e das suas atribuições para comparticipar as obras do Governo».

Por problemas da Administração Central, verificam-se **atrasos na entrega de receitas municipais**, como a contribuição autárquica. Nestes casos, o Governo não se dispõe a pagar quaisquer juros, mas não os perdoa quando há atrasos no sentido inverso.

Os sucessivos **aumentos dos encargos sobre o pessoal** é outro problema das autarquias referido pelo presidente da CM de Montemor-o-Velho. Mas não têm a ver com os aumentos insuficientes que o Governo impôs à Função Pública, dizem antes respeito a novos descontos e contribuições. Há autarquias que, sem aumentarem o número de trabalhadores e com aumentos salariais da ordem dos 10 por cento, viram os seus encargos aumentar 80 por cento nos últimos dois anos.

As autarquias revolucionaram o quotidiano mais sensível dos portugueses: o que lhes está ao pé da porta (na foto, trabalhos de implantação de esgotos em Samora Correia, no Concelho de Benavente)

Mas com que autoridade?

«Se o Governo é mau pagador, devendo alguns milhões de contos às câmaras, com que autoridade retém as verbas do FEF para liquidação das dívidas das autarquias?» — questionou na conferência de imprensa de quinta-feira Abílio Fernandes.

O presidente da CM de Évora apresentou aos jornalistas um rol de dívidas — «indiscutíveis e questionáveis» — do Governo às autarquias locais.

O calote

Afirmando que «ninguém pode aceitar que as dívidas inquestionáveis (reconhecidas pelo próprio Governo) não sejam pagas de imediato», o autarca e dirigente comunista enumerou-as e deu exemplos concretos:

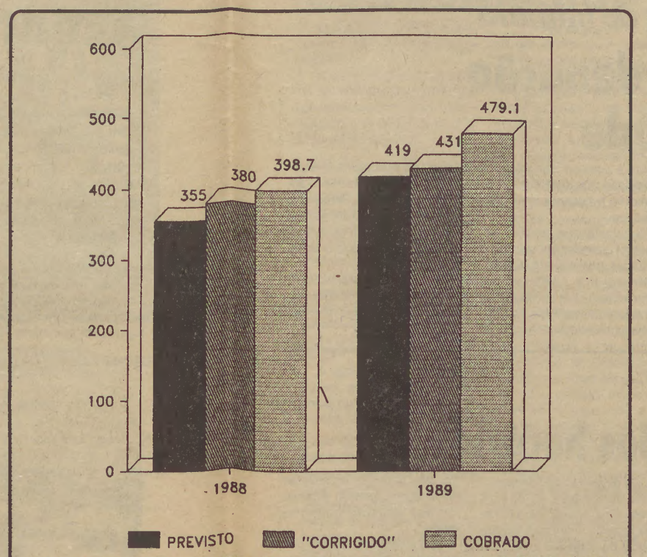
- dívidas de obras financiadas pela CEE e já executadas pelas câmaras (como sucede com a CM do Seixal no âmbito da OID Setúbal;
- adiantamentos de dinheiros já recebidos da CEE pelo Governo, referente a obras das câmaras financiadas pelo FEDER;
- terrenos municipais cedidos ao IGAPHE para habitação social, como sucede em Évora, Reguengos, Portel e outros concelhos; as casas estão construídas, algumas há mais de 10 anos, e os critérios de avaliação foram decretados pelo Governo em 1988;
- compensação das autarquias pelas isenções de sisa e contribuição autárquica, decretadas pelo Governo;
- compensações às cinco câmaras que exploram transportes urbanos, cujo pagamento chegou a estar previsto no Orçamento de Estado para 1987 (350 mil contos), embora sem se efectuar.

O Governo deve ainda às autarquias verbas relativas à **compensação do IRS que foi acrescido aos vencimentos dos trabalhadores** e suportado pelas câmaras (ainda que, relativamente a 1988, o Governo tenha procedido a essa compensação); **terrenos cedidos pelas câmaras ao Estado** para equipamentos culturais (como o Centro Cultural de Belém), para infra-estruturas de desenvolvimento (como o Aeroporto de Lisboa), para escolas secundárias e preparatórias, para o Metropolitano de Lisboa, para subestações e postos de transformação da EDP; e ainda **edifícios, equipamentos** e outros bens das autarquias transferidos para o Estado (como sucede em Lisboa com o Centro Cultural de Belém, com o centro cívico-comercial dos Olivais onde o Governo instalou a PSP, ou com edifícios ocupados pelo Metropolitano).

Isenções de Contribuição Autárquica – 1989

DISTRITO	VALOR TRIBUTÁVEL (contos) ISENTO	TOTAL	%
Aveiro	42 260 453	169 509 464	25
Beja	6 583 298	26 646 998	25
Braga	63 119 870	187 959 024	34
Bragança	6 976 183	28 515 684	24
Castelo Branco	14 504 180	55 097 009	26
Coimbra	35 757 453	120 750 763	30
Évora	12 545 788	41 069 616	31
Faro	92 242 856	335 734 443	27
Guarda	9 985 378	38 540 125	26
Leiria	31 881 650	120 677 038	26
Lisboa	434 475 473	1 279 269 424	34
Portalegre	9 486 411	29 481 160	32
Porto	151 903 987	606 498 094	25
Santarém	29 356 420	118 385 452	25
Setúbal	133 208 184	310 749 382	43
Viana do Castelo	21 087 887	55 958 520	38
Vila Real	8 358 598	36 912 767	23
Viseu	18 691 163	67 254 637	28
Angra do Heroísmo	2 821 011	11 232 745	25
Horta	552 357	2 592 804	21
Ponta Delgada	4 715 122	19 601 673	24
Funchal	12 179 226	46 264 516	26
TOTAL GERAL	1 142 692 949	3 708 701 338	31

As isenções de pagamento de contribuição autárquica decretadas pelo Governo não contemplaram todos os distritos em percentagem análoga, como se vê neste quadro. Segundo afirmou Daniel Branco, «quando se desce à escala do município, são diversas as situações em que o número de contribuintes isentos é superior a 50 por cento do total». Para Luís Sá, são manifestamente mais prejudicados os municípios onde o PSD sofreu grandes derrotas nas eleições de 17 de Dezembro passado



Cerca de 70 por cento dos recursos das autarquias provêm do Orçamento de Estado através do Fundo de Equilíbrio Financeiro. Como os seus valores são determinados na base das previsões de cobrança do IVA, basta ao Governo fazer uma previsão por baixo para que não sejam transferidos alguns milhares de contos para as câmaras. O PCP deu como exemplo o que sucedeu nos últimos dois anos, mostrando aos jornalistas este quadro que mostra os valores previstos no OE para o ano seguinte, os valores corrigidos (aqueles que, na discussão do OE para o ano seguinte, o Governo apresenta no relatório) e os valores efectivamente cobrados.

Adiantamentos da CEE

O Governo intermediário

O sistema de adiantamento de verbas do FEDER (Fundo de Desenvolvimento Regional) proposto pelo Governo à Associação Nacional de Municípios é «incomparavelmente mais gravoso» do que o sistema praticado pela CEE — denunciou Eufrázio Filipe na conferência de imprensa do PCP.

Somado aos outros vectores da política de asfixia financeira das autarquias pelo Governo, o «Projecto de protocolo global entre o Estado e municípios sobre adiantamentos das verbas do FEDER» prevê um sistema que irá agravar as dificuldades já existentes e que — como frisou o presidente da CM do Seixal e da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal — funcionará como um *travão*, e não como um *acelerador*, no que concerne à capacidade de absorção plena dos fundos colocados à disposição das autarquias locais.

Enquanto a Comunidade transfere para os Estados-membros **50** por cento da comparticipação do FEDER, a título de primeiro avanço, à data do início da obra, o Governo pretende nestas circunstâncias adiantar apenas **30** por cento aos municípios.

A CEE transfere automaticamente 50 por cento da segunda anualidade desde que o Estado-membro prove ter realizado uma despesa correspondente a **60** por cento do investimento previsto na primeira anualidade. Mas o Governo de Cavaco Silva pretende reter a *tranche* seguinte até que o município tenha gasto **todo** o adiantamento recebido.

O executivo do PSD quer ainda condicionar a recepção dos adiantamentos à aceitação pelos municípios das cláusulas que determinam a retenção na fonte (leia-se Governo) os duodécimos do Fundo de Equilíbrio Financeiro.

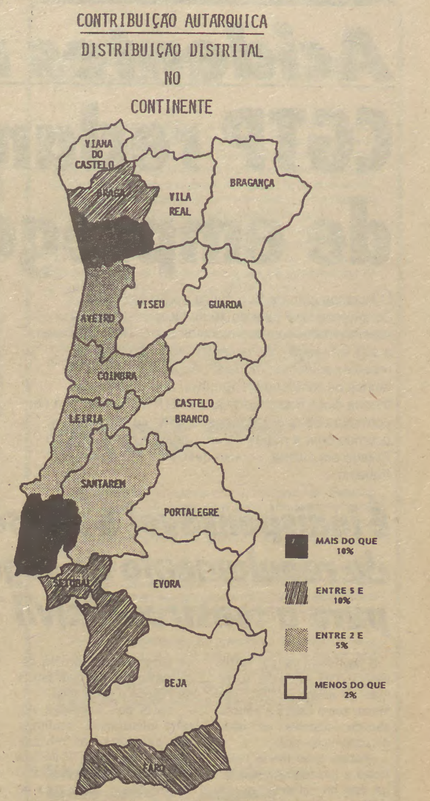
No âmbito do quadro comunitário de apoio ao Plano de Desenvolvimento Regional o Governo negociou uma linha de crédito bonificado para os municípios. Mas condicionou o seu desbloqueamento ao parecer e aprovação dos projectos candidatos a tal financiamento pelas unidades de gestão dos programas operacionais — unidades que ainda não entraram em funcionamento; assim, as autarquias não podem receber as verbas já dispendidas com projectos enquadráveis nem podem candidatar projectos à linha de crédito já instituída.

Avance-se!

O PCP, face a esta situação, exige do Governo que **instale e coloque em funcionamento, com carácter de urgência, as unidades de gestão** dos programas operacionais, atribuindo o mesmo critério aos programas que já estavam em funcionamento e fazendo integrar nos seus órgãos executivos representantes das autarquias locais.

Na aplicação do sistema de adiantamentos — reclama o PCP — devem ser aplicados **os mesmos critérios que são praticados pela Comissão das Comunidades.**

Deve ainda ser garantido o **pagamento atempado das despesas efectuadas com os projectos integrados nos programas operacionais**, de forma a não quebrar os orçamentos municipais.



Os recursos financeiros provenientes da contribuição autárquica, tal como da sisa e das derramas, distribuem-se de forma profundamente desigual entre os vários distritos. Neste mapa, distribuído na conferência de imprensa, estão assinalados Lisboa e Porto (que juntos recolhem mais de 50 por cento da colecta da contribuição autárquica a nível nacional), Faro, Setúbal e Braga (mais de 5 por cento), Aveiro, Coimbra, Leiria e Santarém (entre 2 e 5 por cento) e todos os demais distritos que recolhem menos de 2 por cento. Não é por aqui que chega o dinheiro de que as autarquias precisam.

Propostas do PCP

Ao encontro das necessidades das autarquias locais

Das críticas feitas pelo PCP à política governamental de asfixia financeira das autarquias locais decorre a urgência da alteração desta linha, consubstanciada em algumas propostas de medidas imediatas apresentadas na conferência de imprensa e que procuram ir ao encontro das necessidades das câmaras municipais e das juntas de freguesia.

Tal é o caso da exigência de que, no imediato, as autarquias sejam indemnizadas das isenções de sisa e contribuição autárquica decididas pelo Governo, bem como da reclamação de que o montante do Fundo de Equilíbrio Financeiro seja rectificado tendo em conta o montante de cobrança do IVA já indiciado.

O PCP quer que termine a prática de chantagem sobre as autarquias para pagarem parte dos investimentos a cargo do Governo e exige que a atribuição ao poder local de novas responsabilidades deve ser acompanhadas das verbas necessárias. Tanto mais, que o Governo não se inibe de centralizar competências que eram das câmaras, como o licenciamento de grandes superfícies comerciais.

No OE para 91

Para além daquelas medidas, inseridas na desejada descentralização administrativa e financeira e no avanço do processo de regionalização, os comunistas entendem que o Orçamento de Estado para 1991 deve também contribuir para rectificar a actual orientação. Para tal, propõe-se que no OE:

1.º — a fixação da verba a inscrever no Orçamento a favor das autarquias assente numa previsão de cobrança do IVA mais rigorosa e sem as manipulações que se verificaram nos últimos anos;

2.º — seja acrescentada a verba necessária para compensar a perda de receitas municipais entre 1987 e 1990 (resultante da subavaliação do IVA);

3.º — seja adoptada uma fórmula de correcção automática dos desvios resultantes da subavaliação do IVA em cada OE, com consideração da correspondente compensação no Orçamento do ano seguinte;

4.º — sejam inscritas as indemnizações devidas pelas isenções de contribuição autárquica e sisa.

Freguesias

O reforço da autonomia financeira das freguesias surge à frente de uma série de propostas apresentadas por Helena Rocha. De acordo com a presidente da JF de Sarilhos Grandes, o PCP entende que as juntas deviam ter uma participação mínima de 15 por cento nas receitas dos municípios provenientes do FEF.

Deve ser alterado o mecanismo de transferência de verbas do OE para as freguesias, instituindo a afectação directa dos meios financeiros que sejam atribuídos, sem prejuízo dos que hoje auferem e que decorrem de acordos com os respectivos municípios.

Há que proceder — exige o PCP — à compensação imediata das freguesias pelos novos encargos a que têm sido sujeitas (ADSE), IRS, Caixa Nacional de Pensões, Montepio dos Servidores do Estado) e à implementação gradual da sua participação no produto da cobrança dos impostos locais gerados na respectiva área.

O PCP, chamando a atenção para as conclusões do 2.º Congresso da Associação Nacional de Freguesias («não podem nem devem ser ignoradas por nenhum Governo ou parlamento que se queiram efectivamente democráticos e descentralizados»), propõe ainda que seja lançado «um verdadeiro programa nacional para dotar, até ao final desta década, o conjunto de freguesias com sedes próprias dignas e funcionais», para o que deve ser reforçada a verba prevista no OE (para 2 milhões de contos em 1991, actualizando-a nos anos seguintes).

Trabalhadores

Acidentes mortais nas obras

CGTP reclama segurança de emprego e formação

O Regulamento de Segurança no Trabalho da Construção Civil data de 1958. Desde há muito e repetidamente que os sindicatos e a CGTP reivindicam a sua revogação. Ao lamentar profundamente os recentes acidentes mortais, designadamente o da fábrica de refrigerantes Sumolis, que vitimou pelo menos cinco trabalhadores, a CGTP-IN manifesta a sua convicção de que, tanto nesse acidente como no ocorrido com a queda de um andaime numa obra do Chiado em Lisboa, «houve deficiente segurança no trabalho».

É indispensável a revisão do regulamento de segurança para a construção civil

À semelhança de outras associações sindicais, sobretudo do sector, a CGTP comenta como segue a «sucessão de acidentes» em obras de construção cicil:

«Foram duas novas catástrofes a juntar à negra e longa lista de acidentes de trabalho que, a um ritmo crescente, se têm registado no nosso país. Este aumento da sinistralidade é, sem dúvida, resultante da precariedade do trabalho a que muitos trabalhadores estão sujeitos, sobretudo na construção civil.

«A precariedade, dum modo geral, anda associada a uma preparação ou formação técnica e profissional mais que insatisfatória. Ao não facultarem aos trabalhadores a adequada formação, bem como as necessárias condições de segurança, o Governo e o patronato tornam-se responsáveis por esta sucessão de mortes e estropiamentos trágicos.

«A CGTP-IN e os sindicatos do sector da construção civil reivindicam há muito a revogação do obsoleto Regulamento de Segurança no Trabalho da Construção Civil, qua data de 1958. Não se têm cansado de alertar também para a necessidade de se garantir uma rigorosa fiscalização das normas legais de higiene e segurança.

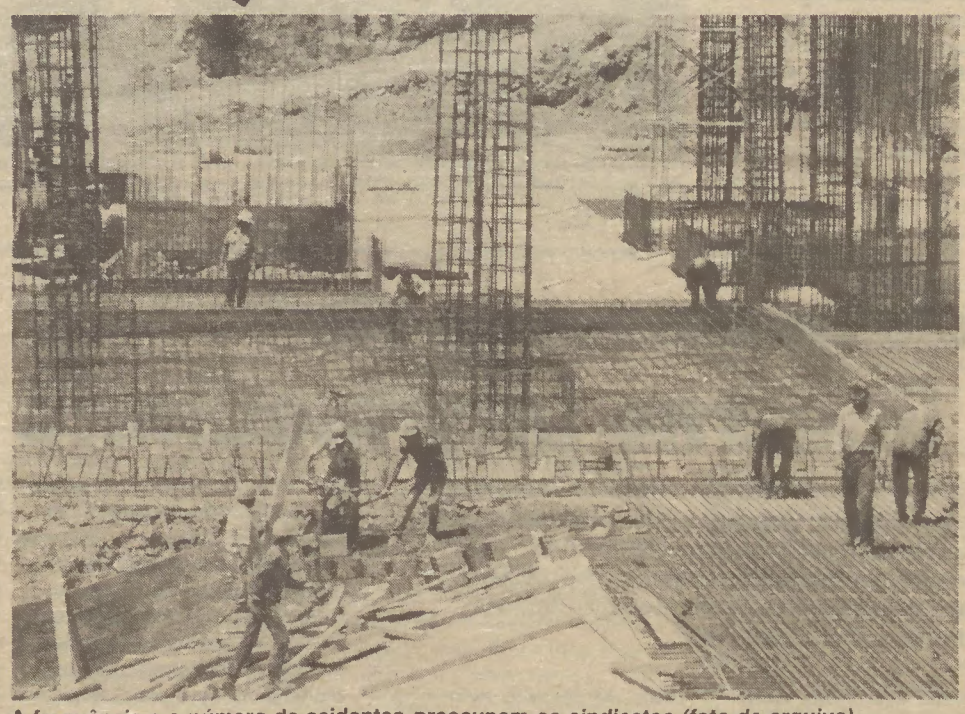
«Estes dois acidentes vieram, infelizmente, confirmar que são justas as reivindicações que a CGTP-IN tem feito no Conselho Nacional de Higiene e Segurança no Trabalho e que apontam para uma aplicação real das leis e normas existentes, para a intervenção fiscalizadora da Administração do Trabalho, nomeadamente da IGT (Inspecção-Geral do Trabalho) e para a revisão urgente do Regulamento de Segurança da Construção Civil.»

Alguns números preocupantes

A União dos Sindicatos de Lisboa divulgava, entretanto, alguns números sobre acidentes no mesmo sector, e considerava a situação «deveras preocupante».

Com base em estatísticas oficiais, a USL afirma que «Portugal ocupa o primeiro lugar na Europa em número de acidentes de trabalho e doenças profissionais». **Em Portugal ocorrem mil acidentes de trabalho por dia, três dos quais são mortais,** sublinha aquela organização sindical.

Quanto à área específica da construção civil e obras públicas — acrescenta a USL — «em 1988 ocorreram 49 mil acidentes de trabalho, ocasionando 131 vítimas mortais; no período de 1982 a 1985, registaram-se 195 mil acidentes, deles resultando 427 casos mortais; o índice de sinistralidade corresponde a uma média de 133 acidentes por dia e cerca de dois mortos por semana».



A frequência e o número de acidentes *preocupam os sindicatos (foto de arquivo)*

Agricultura

Patronato concorda em Setúbal com nova proposta contratual

Representantes da Associação dos Agricultores do Distrito de Setúbal reuniram-se sexta-feira passada com a comissão executiva da União dos Sindicatos de Setúbal (USS/CGTP). Nas conclusões divulgadas por esta organização sindical, destaca-se a «urgência de melhores condições sociais e económicas dos trabalhadores, sendo em breve apresentada uma nova proposta contratual para o sector».

A reunião, que se inscreveu no âmbito da **operação integrada de desenvolvimento da Península de Setúbal,** principalmente no que respeita às perspectivas para a agricultura, permitiu ainda concluir pela «necessidade de assegurar um desenvolvimento na região com progresso efectivo da melhoria do bem-estar dos trabalhadores e em particular da população agrícola».

Segundo a USS, concluiu-se também que «existe grande falta de trabalhadores qualificados na agricultura, para o que é fundamental o desenvolvimento da formação profissional nesta área».

Ensino especial e educadoras de infância

Fenprof propõe coordenação ao Ministério da Saúde

A situação das educadoras de infância, cujos salários e outras remunerações se encontram desactualizados, bem como a revalidação dos subsídios dos professores de educação especial foram alguns dos assuntos tratados na reunião de quinta-feira passada entre a direcção de gestão e recursos humanos do Ministério da Saúde e os departamentos de educação pré-escolar e da educação e ensino especial da Fenprof (Federação Nacional dos Professores).

Esta organização sindical insistiu junto daquele organismo do Ministério da Saúde na necessidade de criar **«um serviço coordenador»**, que centralize e sirva de articulação à actividade dos docentes, bem como às acções de formação contínua.

O secretariado nacional da Fenprof acrescenta, quanto à situação das educadoras de infância, dos auxiliares de educação e dos professores de educação especial, que insistiu junto do Ministério da Saúde na questão dos **retroactivos a Outubro de 1989**. Ainda segundo a Fenprof, o Ministério comprometeu-se «a fazer um levantamento das situações existentes e a tentar solucioná-las».

A essa reunião devem seguir-se outras «para estudo e aprofundamento das questões em apreciação».

Jornada pela paz

A propósito da data de 1 de Setembro, em que se efectua anualmente a Jornada Sindical Internacional pela Paz e o Desarmamento, a União dos Sindicatos de Lisboa distribuiu aos órgãos de comunicação social um texto onde «diz não ao alargamento do Campo de Tiro de Alcochete».

No mesmo comunicado, a USL/CGTP, que manifesta mais uma vez a sua adesão à Jornada Internacional, acrescenta que «juntamente com outras Uniões Sindicais, com o Poder Local e com militantes da Paz, organiza uma acção para sensibilizar o Parlamento Europeu e organizações sindicais de capitais europeias para a questão de Alcochete».

Como o Parlamento Europeu se encontra encerrado nesta data (1 de Setembro), só em Novembro — diz a USL — se deslocará ao estrangeiro o «Autocarro da Paz e Solidariedade».

Ainda segundo a USL, mais exactamente o seu departamento de actividade internacional, «os contactos com organizações sociais» efectuam-se em Madrid, Paris e Bruxelas, nomeadamente.

Metalúrgicos

Prioridade à redução dos horários

A comissão executiva da Federação sindical dos metalúrgicos (FSMMMP), reunida em 28 do mês passado, em Lisboa, sublinhou entre outras questões «a necessidade de manter prioridade na luta pela redução do horário de trabalho diário e semanal».

Os dirigentes da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal acentuaram ainda a necessidade de cumprir os direitos dos trabalhadores, bem como a preparação das reivindicações salariais e de empresa.

Ainda quanto à redução dos horários de trabalho, a direcção da FSMMMP afirma que «se empenhará activamente na concretização e no êxito da luta que o Plenário Nacional da CGTP-IN (12 de Setembro) vier a decidir com esse objectivo».

Os dirigentes da Federação anunciaram para 19 do corrente uma reunião do conselho nacional e um plenário nacional de activistas para o dia seguinte.

Quanto a objectivos imediatos, os dirigentes daquela Federação filiada na CGTP, destacam os seguintes:

- Preparação das revisões salariais a apresentar às empresas e associações do patronato; os aumentos deverão ser substancialmente superiores aos verificados anteriormente;
- Defesa dos direitos dos trabalhadores, («pugnando pelo seu cumprimento e manutenção e melhoria nos contratos colectivos»);
- Defesa dos postos de trabalho e da resolução dos problemas do sector, «à luz dos interesses nacionais e dos trabalhadores».

Internacional

Declarações de Álvaro Cunhal após a reunião com o Governo

No quadro dos encontros entre o Governo e os partidos da oposição representados na AR para discutir a crise no Golfo, o secretário-geral do PCP foi recebido na semana passada pelo Primeiro-Ministro, o ministro dos Negócios Estrangeiros e o ministro da Defesa.
Após a reunião, Álvaro Cunhal expôs aos jornalistas o essencial das opiniões do PCP acerca do problema.

Depois de reafirmar a posição do PCP contra a ocupação e anexação do Koweit, partilhando da opinião de que é necessário que o Iraque saia do Koweit, Álvaro Cunhal manifestou «preocupação com a agressividade dos Estados Unidos, a concentração de grandes forças militares e a insistência, nas palavras e nos actos, no encaminhamento de toda uma política no sentido de um confronto armado e de uma solução militar. Quer-nos parecer que, tanto essa concentração como essa orientação expressa por dirigentes norte-americanos e acompanhada por alguns dos seus aliados, como também até justificações jurídicas para converter um embargo num bloqueio e procurarem justificar um bloqueio através do uso da força, não correspondem às possibilidades reais, ainda hoje, de uma solução pacífica e negociada do conflito.»

Solução pacífica posição autónoma

No entender do PCP, o Governo português deve «ter como direcção prioritária da sua acção, sem que de alguma forma comprometa os compromissos internacionais de Portugal, insistir mais numa solução política e não numa solução militar, não numa solução de guerra. Daí a preocupação com uma orientação que leve à participação de forças navais, aéreas ou terrestres portuguesas nesta grande concentração de forças no Médio Oriente, particularmente na região do Golfo.»

Por um lado, disse Álvaro Cunhal, «quer-nos parecer que a diplomacia portuguesa devia agir em conformidade e, portanto, não apenas acompanhar a UEO, as Nações Unidas, ou os aliados mais próximos, mas procurar uma maior diversidade de contactos e de consultás, de forma não apenas a que nesta situação pudesse intervir com maior autonomia, como também assegurar para Portugal, no presente e para o futuro, um relacionamento internacional em que o encaminhamento da diplomacia portuguesa só numa direcção certamente poderá ter consequências graves.»

Defesa nacional

Outra questão é que «o facto de ser invocada para dúvidas acerca da participação militar portuguesa na concentração de forças militares no Golfo a impreparação, em termos téchicos, em termos de material disponível, por parte das forças armadas portuguesas, de meios que possam estar em conformidade com a tecnologia militar e as forças militares ali concentradas, pode levar — e isso preocupa-nos — a uma ideia de que é necessário adquirir esses meios para, em conjunturas idênticas que se possam produzir no futuro, se esteja então em condições de participar sem que se mandem fragatas ou unidades militares que não estão ao nível tecnológico e militar das forças concentradas na região. Causa-nos muita preocupação que, em termos de uma política de defesa nacional não haja a reflexão bastante para que a situação de conjuntura não conduza a preocupações de um armamento ou de uma modernização de armamento que não esteja em correspondência com uma política de defesa voltada sobretudo para missões nacionais, e não para uma integração das forças armadas portuguesas em unidades mais vastas de carácter internacional, com comandos ou com linhas de comando e de direcção que na verdade não pertençam a portugueses.»

«Os interesses nacionais» — respondeu o secretário-geral do Partido quando questionado pelo «Avante!» sobre os interesses que Portugal deverá defender neste conflito. «Creio que temos um interesse muito sério em manter relações internacionais diversificadas, em não acompanharmos políticas agressivas, em termos relações de amizade e cooperação com todos os povos e, naturalmente, com os Estados Unidos, com os países da CEE, os países da UEO, e também com os países árabes e com todos os países do mundo».

Situação após Congresso do PCUS em debate na Associação Portugal — URSS

A Associação Portugal-URSS promove na sua sede nacional, na Rua de S. Caetano, 30 (à Lapa), no próximo dia 11 de Setembro pelas 21 horas, um painel-debate com Volodia Rymachevski, membro do CC do PCUS e segundo secretário do PC da Letónia, e com Lev Spiridonov, primeiro vice-director do «Pravda».

A iniciativa é subordinada subordinada ao tema «URSS, Situação e Perspectivas depois do XXVIII Congresso do PCUS» e contará também com a participação de jornalistas portugueses para interpelar os oradores soviéticos.

■ *Miguel Urbano Rodrigues*

Guerra idiomática e racismo nos EUA

O que é, como sente e pensa em 1990 o norte-americano médio?

A pergunta não tem resposta satisfatória pela quase impossibilidade de uma definição do que seja hoje o cidadão médio nos EUA.

De tanto se falar do renascimento do nacionalismo na Europa e na Ásia esquece-se com frequência que a sociedade norte-americana, resultante de fusões inacabadas e de antagonismos em desenvolvimento, está longe de resolver o problema da identidade nacional. É mítica a imagem da sociedade democrática avançada cada vez mais homogénea.

A **questão nacional** acentua-se nos EUA e está a provocar duras polémicas na imprensa.

Os Serviços federais de Recenseamento revelaram que o país sofre de um acelerado processo de terceiro-mundização racial. A manterem-se os actuais índices de natalidade, o cidadão médio norte-americano não será na segunda metade do Século XXI o branco anglo-saxão. A previsão oficial de que a maioria da população, na pátria de Washington, será, transcorridas algumas décadas, formada por latino-americanos, negros, asiáticos e mestiços, assusta muita gente.

O medo da **perda da identidade** manifesta-se já através de reacções perigosas. Em muitos Estados funcionam activamente dois Movimentos — **Only English** e **US English** — que, a pretexto da defesa do idioma, tomam iniciativas de carácter ostensivamente racista.

No Arizona os militantes da primeira daquelas organizações conseguiram impor uma emenda à Constituição estadual que proíbe no serviço público o uso de qualquer idioma excepto o inglês, medida que levou já ao despedimento de trabalhadores e querelas nos tribunais. Isso porque naquele Estado — tal como na Califórnia, no Colorado, na Florida, no Novo México e no Texas — a língua materna da maioria da população é, em muitas cidades, o espanhol. Na própria Nova Iorque, mais de 50% dos alunos das escolas públicas não usam o inglês como primeiro idioma. Assim o dizem as estatísticas.

Outra organização fundada para **defender o idioma**, a **US English**, gastou 20 milhões de dólares numa campanha de cariz abertamente racista. O seu dinamizador e presidente, John Tanton, foi desmascarado pela imprensa. Soube-se que esse **patriota** era financiado por uma Federação empenhada em fechar as portas à imigração de **não brancos** e que sustenta estar cientificamente provado que «os negros e os mexicanos são menos inteligentes que os povos de origem ariana».

As iniciativas da **Only English** e da **US English** assumiram tamanha amplitude e apresentam uma conotação racista de tal modo transparente que o presidente George Bush, diante da polémica, sentiu a conveniência de desaprovar publicamente o comportamento dos falsos defensores do idioma que apontam já o castelhano como um perigo para a nação.

«The New York Times» reconheceu quase simultaneamente que as tentativas para a proibição de idiomas estrangeiros nos serviços sociais (nomeadamente na assistência médica) e o bilinguismo nos boletins eleitorais encobrem objectivos políticos inquietantes.

O veneno ideológico é nestas campanhas de suposta defesa do inglês muito mais subtil do que na época do maccartismo. Mas seria uma ingenuidade subestimar a importância e significação destes movimentos. A guerra contra o espanhol é inseparável do racismo, do medo de uma América cada vez menos branca, mais próxima da tendência global, e irreprimível, da Humanidade para a mestiçagem.

Presos políticos libertados na África do Sul

Quinze presos políticos sul-africanos foram libertados no início desta semana, no âmbito de um acordo firmado entre o Governo da África do Sul e o Congresso Nacional Africano, em 6 de Agosto último. Este documento prevê que até Abril do próximo ano sejam libertados mil e quinhentos combatentes anti-*apartheid* como condição para o início do diálogo sobre a regularização da situação no país.

Em recentes declarações, o líder histórico do ANC, Nelson Mandela, mostrou-se convencido de que a fase seguinte de conversações terá início até ao final do ano, devendo definir-se nessa altura quais os participantes na elaboração da nova Lei Fundamental do país.

Nelson Mandela que regressava de uma viagem à Noruega, Argélia, Líbia e Zâmbia, afirmou ainda que «ao contrário do que se tem feito crer não existem questões étnicas nos confrontos do Natal. Os incidentes têm sido dinamizados por indivíduos da extrema-direita».

Estado-maior arménio depõe armas

Cerca de 250 elementos do estado-maior do Exército Nacional Arménio (ENA) depuseram as armas e foram detidos, durante uma operação efectuada no fim-de-semana passado pelas tropas do Ministério do Interior daquela república.

A dissolução desta formação paramilitar fazia parte de um decreto aprovado pelo parlamento da Arménia que implantou o estado de emergência na república e o recolher obrigatório na capital, Erevan, entre as 22 e as 6 horas da manhã.

Segundo declarações do presidente arménio, Ter-Petrossian, a cúpula do ENA estava disposta a enviar uma mensagem aos militantes da organização no sentido da sua dissolução, exortando-os a obedecer às autoridades, o que parece estar a acontecer numa série de regiões.

Tropas cubanas retiram mais cedo de Angola

A missão da ONU de verificação da retirada das tropas cubanas de Angola «Unavem» estima que o processo poderá ser concluído antes de Junho de 1991, como estava previsto.

Esta declaração baseia-se no facto de terem já regressado a Cuba mais de 37 mil soldados no decurso da terceira fase de retirada que termina no final do mês em curso.

De acordo com o calendário, depois desta fase permanecerão em Angola apenas 12 mil efectivos, de um contingente de 50 mil homens, que regressarão gradualmente a Cuba durante a quarta fase que se estende até Junho de 1991.

Argumentos não bastam a Gorbatchov para explicar falta de tabaco

O presidente da URSS, Mikhail Gorbatchov, considerou inconsistentes e pouco convincentes os argumentos apresentados por altos representantes dos governos da URSS e da Federação Russa para explicarem as falhas no abastecimento de tabaco, durante um recente encontro dedicado a esta questão.

A falta de cigarros no mercado obrigou à adopção de medidas de racionamento, contudo a sua aplicação tem deparado com uma forte resistência por parte da população, que tem originado violentos confrontos dos quais resultaram já mortos e centenas de prisões. Estes autênticos motins têm-se revelado como os incidentes mais graves relacionados com escassez de produtos, já que nem mesmo a falta de géneros alimentícios e outros bens essenciais provocaram tão intenso descontentamento entre a população.

Durante o mês de Setembro cada habitante da capital soviética terá direito a receber senhas de racionamente que lhe permitem adquirir cinco maços de cigarros por mês. Entretanto, como seria de esperar, o preço deste produto no mercado negro aumentou dez vezes.

Governos das duas Coreias reunidos em Seul

Os chefes dos governos da Coreia do Norte e da Coreia do Sul, estão desde ontem reunidos em Seul. Trata-se do primeiro encontro dos primeiros ministros coreanos desde a divisão da Península há 40 anos.

Estas reuniões poderão abrir caminho para a reunificação dos dois Estados, criados há 48 anos, embora ainda seja cedo para alcançar tais resultados. Por enquanto os dois governos procuram os meios adequados para resolver a confrontação política e militar que os tem oposto, e preparar a cooperação, nomeadamente através das trocas bilaterais que não se efectuam praticamente desde 1950.

À venda
REVISTA PROGRAMA

Tudo sobre a Festa!

TRANSPORTES
2 Como ir à Festa, voltar e aprender o caminho
Explicações e mapas em seis páginas

150 MIL CONTOS
11 O que faz falta fazer para que a Atalaia seja mesmo nossa, da Festa
Os títulos e as outras iniciativas, uma serigrafia especial do «Avante!»

CONSTRUÇÃO
12 Assim se faz a Festa do «Avante!»
Fotos do trabalho duro

PAVILHÃO CENTRAL
16 No coração da Festa, o centro do que ela é
Exposições, debates e mais

INFORFESTA
18 A festa dos computadores
Jogos, labor e arte nas páginas

COMÍCIO
21 A política, o País, as propostas do PCP
O comício de domingo à tarde e programa de colóquios

SOLIDARIEDADE
22 Um mundo de mudanças e lutas
Debates, exposições e pessoas

EMENTA
25 O roteiro gastronómico de Portugal inteiro
Bom, não é Portugal inteiro, mas tem muito por onde escolher

MULHERES
26 Um espaço de convívio, uma afirmação de consistência
Encontros, danças e conversas de amigas e amigos

JUVENTUDE
27 A diversidade, a discussão, as paixões da gente nova
Cidade da Juventude, Pioneiros e pormenores

FEIRA DO LIVRO
29 Livros, discos, vídeos e CDs
E também os pavilhões da emigração e dos deficientes

PARTIDA!
30 A corrida e todo o desporto da Festa
Para si, que quer ver, participar ou apenas saber

ESPECTÁCULOS
35 O que há na Festa de bom para os olhos e os ouvidos
Palco Arraial (folclore e circo) na página 35
Artistas e grupos musicais portugueses nas páginas 36 a 39
Artistas e grupos musicais estrangeiros nas páginas 42 a 46
Avanteatro nas páginas 48 e 49
Fotocas, regatices e coisinhas pequenas nas páginas 52 a 54

PROGRAMA
62 Os palcos maiores durante os três dias
Isto vai acontecer. O imprevisto não consta destes quadros

ORGANIZAÇÕES
56 Uma ronda por Portugal e por aquilo que os comunistas propõem
As regiões, o artesanato, a gastronomia, o povo

MULHERES

DANÇA AMBIENTE

JUVENTUDE

É P'RÓ MENINO
É P'RÁ MENINA!
... E PARA TODA A

JUVENTUDE

É assim a Cidade da Juventude. Situada mesmo ao lado do Palco 25 de Abril, tem lá um pouco de quase tudo o que interessa a jovens de diferentes idades e com as mais díspares motivações.

Encontro e convívio

A Cidade da Juventude começa por ser um agradável ponto de encontro: possui um espaço polivalente, onde as manhãs são preenchidas com filmes; tem uma esplanada com um bar que fornece, além das indispensáveis bebidas frescas, croissants, tostas mistas e outros petiscos jovens e rápidos; há ali teatro, mímica e dança, e ainda música a gosto de quem lá está a ouvir.

Ali vão ter lugar dois debates, sobre o serviço militar obrigatório e sobre racismo, xenofobia e surgimento de grupos nazis. A discussão é aberta a toda a gente interessada e tem a participação de gente conhecedora, por lidar de perto com estes assuntos.

Tomar a iniciativa

Começou há dois anos, com a modalidade de artes plásticas, continuou em 1989, com banda desenhada, está agora na Cidade da Juventude com fotografia. É o concurso-exposição «Tomar a Iniciativa», com o qual se pretende dar voz e espaço aos novos valores da arte portuguesa, proporcionando também a convivência, na Festa, das várias opções dos jovens amantes da arte.

A exemplo do que sucedeu já noutras edições da Festa, há um espaço onde jovens artesãos expõem e vendem os seus trabalhos. Nesta feira vendem-se chapéus de palha anti-soalheiros, farturas, pão com chouriço...

Iniciativa é coisa que não falta aos jovens que fazem jornais, revistas, boletins e folhas diversas. Pretendendo ter na Cidade as diversas expressões do movimento juvenil, foi criado este ano um espaço da imprensa juvenil, para mostra e venda de algumas dessas gazetas.

Por falar em gazetas... Não va ser preciso procurar muito, certa mente, para encontrar na Cidade d Juventude a revista Política e Propaganda, boletim da JCP q publica o programa detalhado d actividades no coração jovem Festa do «Avante!».

Um milhão p'rá Festa

Os jovens comunistas v mesmo no centro da Cidad ponto de recolha de fundos campanha dos 150 mil conto milhão da Jota p'rá Festa» em escudos, se propõem co como contributo para o pa do terreno da Atalaia. A qu algumas notas, ou moeda ques ao monte do milhão areia do terreno novo (devidamente ensacada autocolante ou títulos d cipação.

EV
BRINCAI

PARTIDA!

OITO MODALIDADES EM TRÊS DIAS DE DESPORTO

Tiro ao Alvo e dardo

ESPECTÁCULOS SÁBADO

COMO IR PARA A ATALAIA

TUDO SOBRE
OS AUTOCARROS
OS «CACILHEIROS»
OS ESTACIONAMENTOS

Internacional

Aspectos da crise no Golfo

■ *Domingos Lopes*

A invasão, ocupação e posterior anexação do Kuweit pelo regime iraquiano suscitou na comunidade internacional um enorme clamor de condenação. O regime liderado por Saddam Hussein repetia, agora com êxito no plano imediato, a versão do seu ataque relâmpago ao Irão, reclamando também então direitos históricos sobre o Estreito de Shat-Al-Arab.

Deve, em abono da verdade, esclarecer-se que o Iraque, a propósito do Estreito, tinha chegado a acordo com o regime do Xá. Entretanto, no auge da revolução iraniana, quando o seu eixo era ainda democrático e popular, o Iraque, acreditando na fragilidade do exército iraniano, invadiu o Irão.

Esse ataque iraquiano guindou a primeiro plano da vida político-militar todos os oficiais iranianos comprometidos com o regime do Xá e à posterior destruição económica dos dois países.

A invasão do Irão agravou a frágil unidade árabe face ao poderoso inimigo sionista ocupante de terras árabes ainda hoje por libertar.

No momento em que a Intifada palestiniana cumpre mil heróicos dias, em que o reconhecimento da Palestina está na ordem do dia, Saddam Hussein anexa o Kuweit e divide ainda mais o mundo árabe dando pretexto para uma monstruosa afirmação de força da primeira potência militar ocidental, os Estados Unidos.

As imposições dos EUA

No seguimento da invasão do Kuweit, nas horas que imediatamente se seguiram, com uma rapidez impressionante, os EUA, à margem da ONU (nesse período), empreenderam uma descomunal operação militar, bem reveladora dos seus desígnios de domínio mundial.

Com efeito, toda aquela região tem um valor geo-estratégico extraordinário. É lá que se situam os poços de petróleo de que o Ocidente depende em termos de indústria. A sua localização geográfica liga três continentes e não fica a muita distância das fronteiras do Sul da URSS.

As decisões tomadas pelo Conselho de Segurança da ONU são claras quanto aos limites da acção das tropas dos EUA e ocidentais. Elas destinam-se a garantir o embargo ao Iraque, e preconizam que a solução do conflito se deve basear no estrito cumprimento das resoluções da ONU, para assim se garantir uma solução político-diplomática.

As tropas dos Estados Unidos, segundo as próprias palavras do Presidente Bush, foram para a Arábia Saudita para assegurar a defesa dos interesses dos EUA, o que não pode deixar de se chamar a atenção. A operação militar constitui uma afirmação do poderio bélico norte-americano no actual contexto internacional, visando impor aos povos e países da região a «sua» lei com a sua «presença» e impor ao mundo que os interesses dos EUA são os interesses da humanidade.

Não foi movido por outros interesses que os EUA desenterraram toda a sua poderosa e sofisticada máquina de guerra. Registe-se que os EUA recentemente invadiram Granada e Panamá e atacaram a Líbia. Os EUA sempre **apoiaram e continuam a apoiar a ocupação sionista dos territórios árabes da Palestina, da Síria e do Líbano há mais de duas décadas. Sempre vetaram** todas as resoluções que visavam fazer restituir os territórios aos respectivos povos.

O que agora faz correr os EUA é exclusivamente o seu hegemonismo. Tentando tirar partido e proveito da situação mundial, das enormes dificuldades dos países socialistas, da fragilidade dos países árabes, querem apresentar-se ao mundo como líderes e assim esconder a sua verdadeira face e até, diz-se, a recessão económica que bate à porta.

Cumprir as resoluções da ONU

O facto de a comunidade internacional até agora não ter posto em acção mecanismos de embargo a agressões como o está a fazer agora, coloca com toda a acuidade a necessidade de os países progressistas, de todas as forças **se empenharem para que todas as resoluções da ONU se façam cumprir no quadro da ONU e pelos meios adequados**.

É necessário entretanto continuar a batalhar para que a solução do grave conflito prevalecente no Golfo se faça no quadro das decisões do Conselho de Segurança, as quais não «legitimam» o uso da força.

A psicose da guerra criada não é favorável ao bom senso e à prudência que a situação exige. Uma tão descomunal presença de tropas é sempre um grave perigo. A **qualquer momento a chispa pode aparecer**, e depois é razoável dizer-se que **não se sabe quando se pode fazer parar uma tão vasta confrontação numa região nevrálgica para o mundo.**

Os trabalhadores e peritos da comunicação, informando como entenderem ser seu dever profissional informar, podem contribuir para que os ânimos belicistas de algumas mentes não encontrem justificações para o que é injustificável, a guerra.

Esta aventura irresponsável do Iraque não deve de modo nenhum ser aproveitada pelos EUA e alguns países ocidentais para pôr em causa o desanuviamento e para impor ao mundo a sua política.

Conscientes da importância da retirada de todas as tropas estrangeiras da região (iraquianas do Kuweit; ocidentais da Arábia Saudita e da região), é fundamental que a ONU e o mundo se mova com a mesma rapidez em direcção à martirizada Palestina.

Os árabes, em vez de se dividirem, devem unir-se em torno da defesa da chamada «Nação Árabe», a qual se encontra amputada da Palestina. A «Nação Árabe» não deve descansar, inspirada na Intifada para recuperar a Palestina.

Sabemos que o povo palestiniano não se guia pelos mesmos critérios dos xeiques, sultões, reis, presidentes, incluindo o do Iraque, que vivem de costas para o povo, e muitas vezes com armas e instrumentos de terror e tortura apontados ao coração dos povos árabes.

Esta é sem dúvida a maior fragilidade dos regimes árabes. Os povos, um dia, pedirão contas de tanta esperança frustrada.

O Governo português e alguns partidos políticos não tiveram nesta crise uma postura conforme a uma defesa firme da paz, e conforme ainda aos interesses de Portugal. A decisão de enviar meios militares para a região constitui um passo perigoso na escalada de envolvimento do País no conflito.

Portugal **deveria manter-se afastado do conflito, porque não ganha nada em envolver-se; envolvendo-se serve apenas de apêndice a quem manda**, dando por isso maior carácter gratuito a tal envolvimento.

Portugal é membro da NATO, UEO e CEE, mas **ser aliado não pode significar fazer a política do aliado**, antes analisar essa política e concluir se ela é boa ou não para o País. Tudo conduz à conclusão de que Portugal só perde em enviar meios militares para a região. **Portugal não ganha nada agora e pode perder muito agora e no futuro.**

A nossa localização, a nossa História e o nosso futuro com o mundo árabe, não podendo de forma alguma iludir a condenação do Iraque, não **passa por participar numa demonstração de hegemonismo norte-americano em toda a região**; antes requer prudência e **consequentemente distanciamento.**

Alea jacta sunt, mas atenção, tudo se deve fazer para que a actuação dos EUA se conforme às resoluções da ONU. Só assim se poderá salvaguardar com segurança a paz mundial.

Não se pode entretanto deixar de fazer notar, neste mundo tão cheio de contradições, que os dramas dos povos, como o de Timor-Leste, Palestina, África do Sul, Panamá, Porto Rico, Irlanda do Norte, são tratados de modo profundamente desigual, apenas porque isso serve aos Estados Unidos e a todo o seu poderio económico, militar e informativo.

É justa e legítima a condenação da ocupação do Kuweit, mas acaso poderemos esquecer o sofrimento e o martírio, o espezinhamento destes povos que resistiram e resistem em defesa das suas legítimas aspirações?

Têm um enorme papel as mulheres, os homens e os jovens intelectuais que podem, com a sua palavra e com a sua inteligência contribuir seguramente para um mundo menos hipócrita, mais justo e mais pacífico.

Vem aí a Festa do «Avante!», e o lema da Cidade Internacional nunca foi tão actual e acutilante — Solidariedade, Sempre!

Subtítulos da responsabilidade da Redacção

Governo angolano recusa legitimar violência armada

Sem que se tenham registado avanços significativos quanto ao cessar-fogo, terminou na passada quinta-feira, em Lisboa, a terceira ronda de conversações directas entre o governo angolano e a Unita. Este movimento relaciona agora o fim da guerra com o seu reconhecimento formal pelo governo de Luanda e sugere mesmo a suspensão das normas da Constituição quanto ao monopartidarismo.

Esta questão é no entanto vista de modo diferente pelo governo angolano que considera que «um reconhecimento prévio ao cessar-fogo seria no fundo legitimar a violência armada e abrir um grave precedente de violação da actual Lei Constitucional», como indica um editorial da agência Angop.

Decorriam ainda as conversações em Lisboa, quando o presidente José Eduardo dos Santos reafirmou em Luanda, na abertura da oitava sessão ordinária da Assembleia do Povo, «o desejo de caminhar para a paz, para a economia de mercado regulada e para a democracia multipartidária». Ainda neste contexto o presidente angolano precisou que se trata de uma «viragem fundamental que implica não apenas a alteração do discurso habitual, mas sobretudo a mudança de mentalidade e a aceitação, naturalmente, da diferença e da competição leal na tolerância racional e no respeito pela ordem pública».

Eduardo dos Santos deixou no entanto claro que o «MPLA é a força impulsionadora desta mudança e permanece coerente com o seu espírito de vanguarda», acrescentando que, «o multipartidatismo a que nos referimos, em Angola nunca foi e não será uma conquista da Unita».

Com este objectivo prevê-se um período de transição em que deverá ocorrer a revisão e aprovação da Constitulção e a adopção de uma lei sobre os partidos políticos, bem como de uma nova lei eleitoral. Todas estas tranformações terão, contudo, de ser decididas pelo 3º Congresso do MPLA, marcado para Dezembro próximo.

«Desconfiança»

Para o secretário de Estado português, Durão Barroso, que deu uma conferência de imprensa sobre os resultados das reuniões no Instituto de Altos Estudos Militares, o «insucesso» foi sobretudo consequência da «desconfiança» entre as delegações do governo angolano e da Unita, acrescentando que na última fase desta terceira ronda as duas delegações já não conferenciaram directamente mas só por intermédio do medianeiro português.

Não obstante, ambas as delegações aceitaram genericamente, em Lisboa, quatro dos cinco princípios em discussão, ou seja a revisão constitucional, a subsequente realização de eleições, o respeito pelos direitos do homem e a existência de um exército nacional.

Por acordar ficou assim o principal, a assinatura do cessar-fogo, só após o qual, no entender do governo de Luanda, poderá ser definido o estatuto do movimento de Jonas Savimbi.

Perante a recusa deste último, foi Durão Barroso quem propôs o adiamento das conversações, aceite pelas partes, marcando-se um novo encontro para o dia 24 de Setembro próximo, a ter lugar em Portugal.

Mas aquele membro do Governo português revelou ainda no encontro com os jornalistas que Portugal veria com satisfação a participação dos Estados Unidos e da União Soviética no processo de negociação entre os angolanos. A justificar este ponto de vista foi sublinhado o facto de o conflito estar «internacionalizado» pelo que a presença de representantes dos EUA e da URSS poderia contribuir positivamente para o desenvolvimento das negociações, até porque «há questões que não se podem resolver isoladamente».

Internacional

Cimeira de Helsínquia debate crise no Golfo

■ Anabela Fino

A crise do Golfo vai dominar a agenda de trabalhos da cimeira Bush/Gorbatchov marcada para o próximo domingo, em Helsínquia, num momentó em que os esforços diplomáticos para a resolução do conflito parecem marcar passo. Dir-se-ia que neste arriscado jogo do xadrez político, as peças se movimentam no tabuleiro internacional com o objectivo de demonstrar que a única saída possível é a confirmação dos EUA como os *polícias do mundo*.
A cimeira, de um só dia, realiza-se a pedido de Washington, e na opinião de muitos analistas será a oportunidade de pressionar Moscovo para que retire os conselheiros militares que ainda mantém junto do Exército iraquiano

George Bush e Mikhail Gorbatchov encontram-se dia 9 em Helsínquia para debater a situação no Golfo

Após o fracasso da diligência do secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, a quem foi dada a ingrata tarefa de ir a Amã (Jordânia) apresentar quase um ultimato ao ministro dos Negócios Estrangeiros iraquiano, Tareq Aziz, para a retirada incondicional do Kuweit, ganhou força a tese da necessidade de uma solução árabe para o conflito. Esta uma posição que o Iraque vem defendendo e Perez de Cuellar afirmou partilhar, apesar de considerar necessário «reconhecer a dimensão internacional do conflito», dados os «interesses globais envolvidos, a grande concentração de forças na área e a presença no Iraque e no Kuweit de muitos nacionais de países terceiros».

Ora é justamente no âmbito dos «interesses globais envolvidos» que em cada dia que passa se levantam mais questões, à medida que se fazem sentir as consequências das sanções económicas contra o Iraque e os efeitos dos custos para o seu cumprimento.

Passado um mês sobre a invasão do Kuweit, o apoio árabe ao presidente iraquiano Saddam Hussein aumentou. É da mais elementar evidência a necessidade de reflectir nas razões de tal facto. O que começa a ser feito, designadamente nos meios de informação, incluindo os que no início do conflito se apressaram a alimentar o clima de histerismo e de tensão que só poderia justificar uma acção militar norte-americana na região.

Embora com atraso, a imprensa ocidental começa a reconhecer o que há muito os povos árabes sabem: a existência de dois pesos e duas medidas nos julgamentos internacionais.

Uma notícia vinda a público anteontem ilustra bem aquela situação: o secretário-geral adjunto da ONU, Raffeudin Ahmed, comparou Timor Leste a Macau e afirmou que a tendência na Ásia é para a reunificação dos territórios separados pelo colonialismo, manifestando esperança de que a visita de uma missão parlamentar portuguesa a Timor encerre a questão.

Não é por acaso que a questão de Timor Leste vem sendo comparada à do Kuweit. Só que, como bem referem os apoiantes de Saddam Hussein, as semelhanças acabam no acto de anexação. Quando Timor foi invadido pela Indonésia a reacção internacional ficou-se por uns discursos mais ou menos humanistas, uns protestos mais ou menos sinceros, umas piedosas manifestações de solidariedade com o povo maubere. Não houve sanções económicas, nem bloqueios, nem concentrações militares, nem sequer isolamento político do país invasor. E no entanto a Indonésia tem vindo a cometer um verdadeiro genocídio do povo maubere, o que nem os mais acérrimos opositores de Saddam Hussein podem dizer em relação ao Kuweit. Que, a propósito, é igualmente fruto do colonialismo.

Porquê esta dualidade de critérios? Porque a Indonésia é um fiel aliado dos EUA? Porque os interesses estratégicos norte-americanos ficam salvaguardados com a transformação de Timor em mais uma província da Indonésia?

O mesmo se pode perguntar em relação à Turquia, que impunemente invadiu e anexou Chipre.

Ou em relação a Israel, que invadiu e anexou territórios árabes, incluindo metade do que foi em tempos a Jordânia.

Ou em relação à Inglaterra, que continua a colonizar o norte da Irlanda, as Malvinas...

Ou em relação a Granada, ou ao Panamá, ou a Porto Rico... (só para citar alguns exemplos) invadidos pelos próprios EUA e de uma forma ou de outra anexados à política de Washington.

Exemplos não faltam na história recente de como os interesses estratégicos ou económicos pulverizaram os mais elementares direitos humanos, os princípios democráticos, as liberdades, o direito internacional.

Dir-se-á, com razão, que os erros - ou os crimes - não justificam outros erros, outros crimes. Por isso mesmo é que a invasão do Kuweit pelo Iraque é condenável. Mas, assente este ponto, será legítimo passar à internacionalização de um conflito que começou por ser regional?

O pretexto do petróleo

Dizer que na origem de toda esta escalada estão 20 por cento das reservas mundiais de petróleo, é pura demagogia. Em primeiro lugar, porque tanto os EUA como a Inglaterra dispõem de petróleo bastante para as suas necessidades internas; em segundo lugar, porque o Iraque, com ou sem Kuweit, continua a ter necessidade de exportar a sua produção petrolífera, base fundamental da economia do país.

Não é certamente o receio da escassez de petróleo que faz correr os norte-americanos e seus aliados, que de resto têm dificuldade em explicar, por exemplo, porque não aumentam o volume de compras de combustível ao México, cujas dificuldades económicas ameaçam sufocar o país.

Não é certamente a defesa dos direitos humanos da população do Kuweit, até agora ignorados.

Não é também o interesse dos árabes, explorados e oprimidos por governos coniventes com as potências ocidentais, vivendo num fausto de mil e uma noites enquanto a população morre de fome.

Mas é legítimo admitir que por detrás de toda esta escalada de guerra estão interesses hegemónicos, tanto políticos como económicos.

Para os EUA, mais importante do que os direitos humanos é o controlo do petróleo e dos preços do petróleo no mercado mundial. Mais importantes do que os direitos humanos, é a hegemonia política e económica a nível internacional.

A derrocada dos países de leste, a agudização dos problemas internos na URSS, deixaram aos EUA o caminho mais livre para a expansão da sua *influência*. O que, não agradando a Moscovo, poderá no entanto ser usado como moeda de troca para o auxílio económico de que os soviéticos tanto necessitam. E será bom não esquecer que a concentração de tropas norte-americanas na Arábia Saudita se encontra a 1200 quilómetros das fronteiras da URSS. Que garantias dão os EUA de uma retirada efectiva da zona, ultrapassado este conflito? Uma questão que certamente terá um lugar na mesa das conversações da cimeira de Helsínquia.

Ao invadir o Kuweit, o Iraque deu aos EUA o pretexto para a acção. Um pretexto agarrado com ambas as mãos, não apenas pelos imensos interesses norte-americanos no Kuweit, mas sobretudo pelas potencialidades de um domínio ainda maior e mais efectivo naquela região.

À imprensa coube o papel de *sensibilizar* a opinião pública para a justeza da causa e a legitimidade da intervenção norte-americana; uma legitimidade reforçada pelo apoio dos parceiros ocidentais que, face à eminência de nova divisão das áreas de influência, procuram garantir um lugar à mesa do festim.

O preço da crise

Como de costume, o preço desta crise está a ser pago pelos povos dos países mais pobres. Para além dos próprios países árabes afectados pelo embargo económico ao Iraque e da população iraquiana (só esta contabilizando 17 milhões de pessoas a que já faltam produtos essenciais), as sanções estão a representar uma pesada factura para o que se convenciou designar por países em vias de desenvolvimento.

Os EUA reivindicam para si o papel de polícias do mundo, mas exigem que o mundo lhes pague tão *altruísta* missão. Assim, as «ajudas» ocidentais aos mais pobres do mundo estão a ser desviadas para a manutenção das forças deslocadas para o Golfo e para o apoio aos refugiados saídos do Iraque. Entretanto, por todo o lado, os aumentos do petróleo reflectem-se no aumento do custo de vida.

Uma situação que ameaça tornar-se explosiva. Por um lado, os países do Terceiro Mundo dependentes da ajuda ocidental não têm capacidade - devido à injusta ordem económica internacional imposta pelos próprios países ricos - de sobreviver sem ela, espartilhados como estão entre uma dívida externa incomportável, a dependência das exportações de matérias-primas cujos preços não controlam e o subdesenvolvimento resultante desta situação. Por outro lado, os países árabes mais afectados pela crise do Golfo e pelas sanções ao Iraque, principal importador de muitos dos seus produtos, não entendem porque devem suportar acrescidos sacrifícios em defesa de interesses ocidentais que nunca tiveram em conta os seus próprios interesses. Sobretudo quando Saddam Hussein se transformou para muitos deles no herói que se atreveu a desafiar o imperialismo norte-americano aliado na região de todos os representantes da prepotência e da exploração, de quantos têm humilhado o povo árabe.

A guerra não será a solução para um tal conflito. Como afirmou na terça-feira o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Chevardnadze, a situação no Golfo «é extremamente perigosa», sendo fundamental que a solução não seja «atribuída aos meios militares».

Para o diplomata soviético, é «inadmissível qualquer variante que rejeite a soberania, a integridade territorial e o poder legítimo do Kuweit»; esta posição é partilhada pela China e pela Coreia do Norte, com quem Chevardnadze manteve conversações no passado fim-de-semana. Ao defender a necessidade de uma solução pacífica para o conflito, o ministro soviético sublinhou a necessidade de «convocar rapidamente uma conferência internacional para o Médio Oriente» de forma a conseguir uma solução global para a região, sob a égide da ONU.

Os resultados da cimeira de Helsínquia dirão em que medida o poder negocial da URSS será bastante para contrariar os anseios belicistas dos Estados Unidos.

Homenagem a Allende

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, enviou à Fundação Salvador Allende a mensagem que a seguir se transcreve na íntegra:

Agradeço de todo o coração o convite para estar presente na cerimónia oficial das exéquias dos restos mortais do Presidente Salvador Allende, lamentando não poder por motivos intransponíveis deslocar-me a Santiago.

Os comunistas portugueses prestam sentida homenagem ao Presidente Salvador Allende, símbolo da luta heróica e indomável do povo chileno à qual se deve não só a criação de um regime democrático e progressista violentamente interrompido pelo golpe militar fascista, como importantes vitórias no caminho da reconquista da democracia em que se inserem as cerimónias fúnebres de 4 de Setembro.

A vida de Salvador Allende e a luta do povo chileno constituem um forte estímulo à nossa própria luta, à confiança no futuro dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo.

O Partido Comunista Português que foi activamente solidário com o legítimo Governo da Unidade Popular e com a resistência popular e democrática ao fascismo imposto pelo golpe de Pinochet, é hoje também solidário com todas as forças democráticas e progressistas do Chile que lutam pela consolidação da democracia e pelo progresso social.

Honra e glória a Salvador Allende!

O Chile vencerá!

«Responsável pela indigência das corporações de bombeiros, cuja coragem e heroísmo não podem suprir os meios técnicos de que carecem para agir com rapidez e eficácia, o governo agravou ainda mais a situação não mobilizando os recursos técnicos e humanos que tinha [para combater os fogos].

Os aviões e helicópteros de que falou a imprensa, a rádio e a televisão limitaram-se a ir ver o triste panorama. Com efeito, aviões e helicópteros não substituem os aviões-tanques, destinados à extinção dos fogos, que não existem. No entanto, importante papel preventivo poderiam ter se sobrevoassem regularmente as regiões mais susceptíveis de se incendiarem, assinalando qualquer foco e informando imediatamente os serviços respectivos, sobretudo numa época do ano em que o alastramento dos incêndios constitui uma ameaça real nas regiões florestais do País. Fazendo-o num momento em que as chamas tudo devoravam e sabendo-se de antemão que era impossível comunicar com as corporações de bombeiros que nem sequer dispõem de um sistema de radiocomunicações, o seu papel não foi mais do que uma manobra demagógica (...).

Para as regiões martirizadas pelo fogo, o governo limitou-se a enviar uma dúzia de soldados e não quis pôr em risco a pele de um único elemento das suas preciosas forças repressivas. Contou com a coragem e o sacrifício do povo, enquanto as chamas iam devorando milhares de hectares de florestas, casas e mesmo vidas.

E, na verdade, num esforço solidário e sobre-humano, foram mais uma vez as populações das regiões atingidas que ao lado das corporações de bombeiros maior contribuição deram para o combate às chamas.»

(«Incêndios: Estado deve indemnizar os sinistrados» - «Avante!», VI série, nº 445, Setembro de 1972)

«Passa agora o 5º centenário do nascimento de Gil Vicente, grande poeta e dramaturgo do séc. XVI. Gil Vicente pertence, junto com Fernão Lopes, Camões, Almeida Garrett e Eça de Queiroz, ao número daquelas grandes figuras da nossa literatura que foram no seu tempo homens de progresso, críticos dos vícios das classes dominantes, lutadores contra o obscurantismo e as ideias retrógradas.

Gil Vicente foi um mestre na caracterização da alma do nosso povo, que conhecia profundamente, na descrição dos seus estados de espírito, de alegria e tristeza, de esperança e revolta, e das suas figuras típicas, onde palpita a cada passo o seu amor às massas populares e à terra portuguesa.

Observador objectivo e lúcido da sociedade dos descobrimentos, não poupou críticas mordazes às classes dominantes - especuladores, frades e padres, fidalgos e bispos, príncipes, reis, papas e imperadores, acusando-os de viverem no luxo e na corrupção, de não cumprirem com actos aquilo que diziam em palavras, de não se preocuparem com os males que afligiam o povo. Apontou mesmo as consequências sociais dissolventes da pilhagem dos povos coloniais e a crise que isso provocava na economia portuguesa.

Hoje, o governo fascista arroga-se o direito e as honras das comemorações de Gil Vicente, mas o fascismo, que apenas deu subprodutos à nossa arte e literatura, não tem o direito, nem será capaz de lhe fazer uma comemoração condigna.

Muitas das suas sátiras permanecem actuais, aplicam-se à sociedade dos monopólios e latifundiários. Gil Vicente permanece, por isso, vivo e actual nas tradições democráticas e progressivas do nosso povo, é um exemplo e fonte de inspiração para os artistas ligados ao povo.»

(«Gil Vicente - Poeta do povo» - «Avante!», VI série, nº 359, Setembro de 1965)

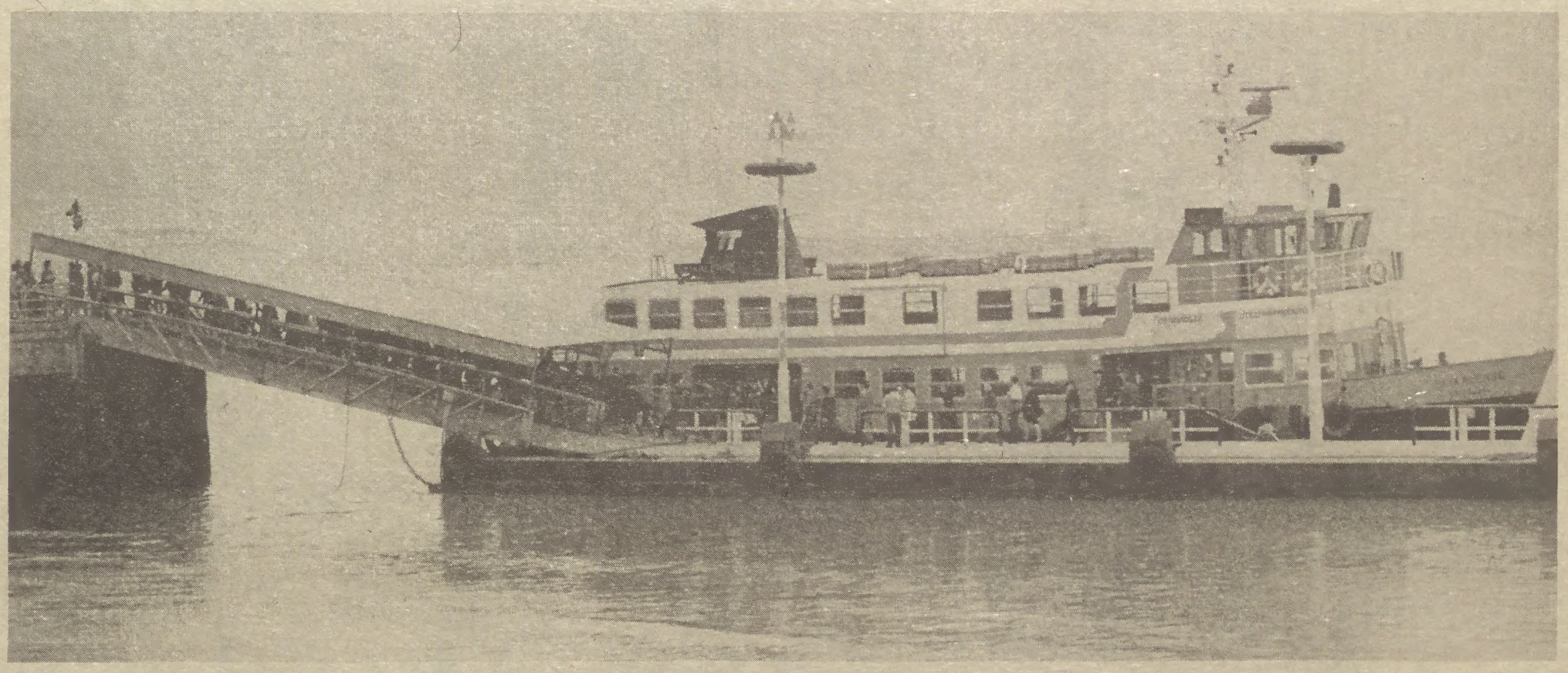
A festa!

Avante!
Director
António Dias Lourenço
SUPLEMENTO **N.º 12**
6 de Setembro de 1990
Não pode ser vendido separadamente

AMORA-SEIXAL • 7, 8 e 9 SETEMBRO

Vamos à XIV Festa

Avante!



Tudo sobre os transportes

Carreira Fluvial Terreiro do Paço-Seixal

SEXTA-FEIRA	
SEIXAL	LISBOA (T. Paço)
19H00	19H35
20H15	20H15
20H50	20H50
21H25	21H25
22H00	22H00
22H35	22H35
23H10	23H10
23H35	23H45
00H20	00H20
00H55	00H55
01H30	01H30

SÁBADO E DOMINGO	
SEIXAL	LISBOA (T. Paço)
07H05	18H15
07H40	18H35
08H15	18H55
08H50	19H15
09H25	19H40
10H00	20H00
10H35	20H20
11H10	20H40
11H45	21H00
12H25	21H20
12H55	21H40
13H20	22H00
13H45	22H20
14H10	22H40
14H35	23H00
15H00	23H20
15H25	23H40
15H50	24H00
16H15	00H20
16H40	00H40
17H05	01H00
17H30	01H20
17H55	01H40

SÁBADO E DOMINGO	
LISBOA (T. Paço)	
07H05	18H00
07H40	18H20
08H15	18H40
08H50	19H05
09H25	19H25
10H00	19H45
10H35	20H05
11H10	20H25
11H50	20H45
12H20	21H05
12H45	21H25
13H10	21H45
13H35	22H25
14H00	22H25
14H25	22H45
14H50	23H05
15H15	23H25
15H40	23H45
16H05	00H05
16H30	00H25
16H55	00H45
17H20	01H00
17H40	01H20

NOTA: Horário até 02H00

- *A Transtejo assegura, além do horário acima, o transporte de todas as pessoas presentes até às 2 horas da madrugada no embarcadouro do Seixal*
- *O preço do bilhete para cada viagem é de 135$00 se comprado na altura e 130$00 o pré-comprado*

Carreira especial Seixal-Medideira

- Funcionará nos dias da Festa uma carreira especial de autocarros entre o embarcadouro do Seixal e a entrada da Festa na Medideira.
- Os autocarros desta carreira especial partem sempre que estiverem cheios
- O preço dos bilhetes é de 100$00 no motorista e de 81$00 pré-comprado

Carreira especial Cacilhas-Quinta da Princesa

- Funcionará nos dias da Festa uma carreira especial de autocarros entre Cacilhas (onde a paragem se encontra devidamente sinalizada) e a Quinta da Princesa, junto à Festa
- Os autocarros desta carreira especial partem sempre que estiverem cheios
- O preço dos bilhetes é de 150$00 no motorista e 108$00 o pré-comprado

Carreira especial Amadora/Atalaia

- Esta carreira tem partida junto ao Parque Central da Amadora, na sexta-feira a partir das 17.00 horas e no sábado e domingo a partir das 8.30 horas. São carreiras frequentes (de meia em meia hora nas horas de ponta) e garantem o retorno até ao fim dos espectáculos nas 3 noites (01.00 hora). Os bilhetes de ida e volta custam 300 escudos e só ida ou volta 200 escudos.

Carreira especial Baixa da Banheira/Amora

- Com partidas junto ao cemitério do Lavradio, faz o percurso e paragens habituais da carreira Baixa da Banheira — Paio Pires (deixando porém os passageiros perto da entrada da festa). Estas carreiras têm início às 18 horas de sexta-feira e às 10.30 horas de sábado e domingo (com intervalos de 1 hora até às 21 horas), assegurando o regresso até à 1.30 horas, nas 3 noites.
  Esta carreira serve também os passageiros da CP que desembarcarem na estação ferroviária do Barreiro (paragem junto à padaria alentejana, no Barreiro).

MAPA N.º 2

Transporte próprio
Autocarros Vai e Vem

Para quem vai de automóvel

1. Se vem do Norte ou de Lisboa...

a melhor solução é apanhar o «cacilheiro» para o Seixal na estação do Terreiro do Paço. Se tiver carro, poderá assim parqueá-lo em Lisboa. Estão asseguradas carreiras de barcos durante todo o fim-de-semana *(ver horários na pág. 6)*. Está igualmente assegurada uma carreira especial de autocarros entre o embarcadouro do Seixal e a porta da Festa na Medideira

2. Se vem de automóvel do Norte do País...

tem igualmente a possibilidade de evitar o trânsito da Ponte «25 de Abril» atravessando a ponte de Vila Franca e seguir depois por Porto Alto, Infantado, Alcochete, Montijo, Coina, Paio Pires e Amora *(ver mapa nº 1)*, seguindo depois as instruções que a seguir se fornecem como se viesse do Sul do País e quanto ao parqueamento

3.Se vem de automóvel do Sul do País...

para evitar o cruzamento do Fogueteiro, pode tomar um de dois percursos:
3.1. ou toma a auto-estrada do Sul, sai para o Barreiro e entra no desvio para Coina-Seixal *(ver mapa Nº 5)*;
3.2. ou em Setúbal toma a EN 10 saindo no Casal do Marco para Torre da Marinha-Seixal ou antes para Paio-Pires-Torre da Marinha-Amora *(ver mapa Nº 4)*.
Depois, seguir a instruções que a seguir se fornecem sobre o parqueamento

4. Se atravessar a Ponte «25 de Abril»...

recomendamos que opte por virar para Almada tomando em seguida, na Cova da Piedade, a alternativa à EN 10 e à AE Sul, a chamada **via interior do Feijó**, em vez de seguir pela EN 10 ou pela Auto-estrada do Sul, evitando assim ter de sair no sensível nó do Fogueteiro. Deverá depois seguir a instruções sobre parqueamento

5. Parqueamentos

Estão preparadas seis áreas de parqueamento, com capacidade para várias dezenas de milhar de viaturas e com acesso garantido ao recinto da Festa.

5.1. Parque de Santa Marta de Corroios (Zona Industrial), com entrada e saída directa à via do interior do Feijó-Cova da Piedade *(ver mapa nº 2)*. Este parqueamento é o que se encontra mais afastado do recinto da Festa, mas também, exactamente por isso, será o de acesso e escoamento mais fácil e cuja utilização se recomenda. **Haverá uma carreira especial gratuita de autocarros entre este parque e a entrada da Festa** *(ver página 6)*

5.2. Parque da Feira da Amora, entre a Av. 1º de Maio e a Av. Afonso Costa na Amora *(ver mapa nº 1)*. Particularmente indicado para o trânsito que utilizar o desvio da Torre da Marinha *(nºs 1 e 2)*

5.3. Parque no cruzamento Cruz de Pau-estrada de Belverde *(ver mapa nº 2)*. Particularmente indicado para o trânsito que provenha da zona das praias (Caparica, Fonte da Telha, etc.)

5.4. Parque no centro da Amora

5.5. Parque reservado aos serviços da Festa, situado junto ao campo do Amora Futebol Clube

5.6. Parque de excursões, na marginal da Amora à direita do campo do Amora Futebol Clube *(ver mapa nº 2)* reservado aos autocarros de excursões que se dirijam à Festa

RN — HORARIO DA CARREIRA N. 7149

LARGO MIJEIRO — CACILHAS — QTA. DA PRINCESA

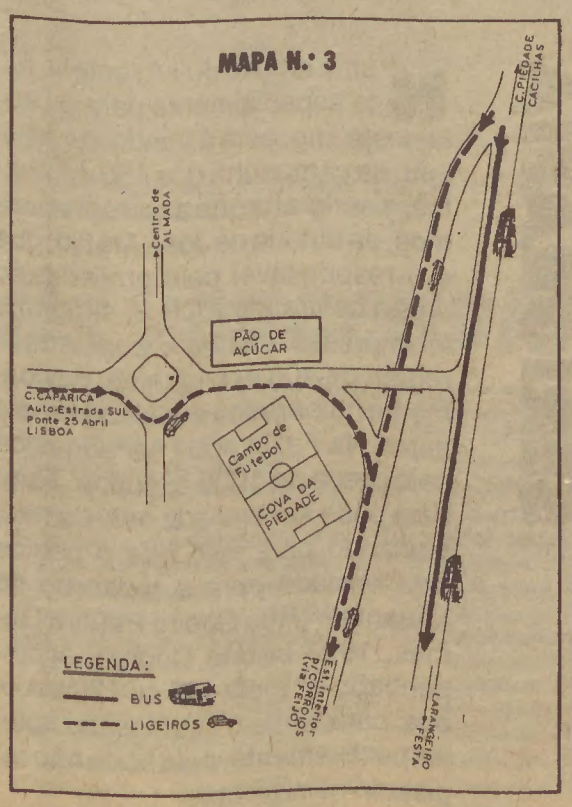
EFECTUAM-SE DE 2ª A 6ª FEIRA

PARTIDAS DE CACILHAS			PARTIDAS DA QUINTA PRINCESA		
06.30	12.55	18.25	06.00	09.50	17.10
07.00	13.35	18.40	06.20	10.20	17.25
07.30	14.15	18.55	06.40	10.55	17.45
07.50	14.55	19.10	06.55	11.35	18.00
08.10	15.25	19.25	07.15	12.15	18.15
08.30	16.15	19.40	07.30	12.55	18.30
08.50	16.30	19.55	07.45	13.35	18.45
09.10	16.45	20.15	08.00	14.15	19.05
09.50	17.05	20.45	08.20	14.45	19.20
10.20	17.20	21.30	08.40	15.35	19.35
10.55	17.35	22.55	09.00	15.55	20.05
11.35	17.50	01.45	09.20	16.55	20.55
12.15	18.05				

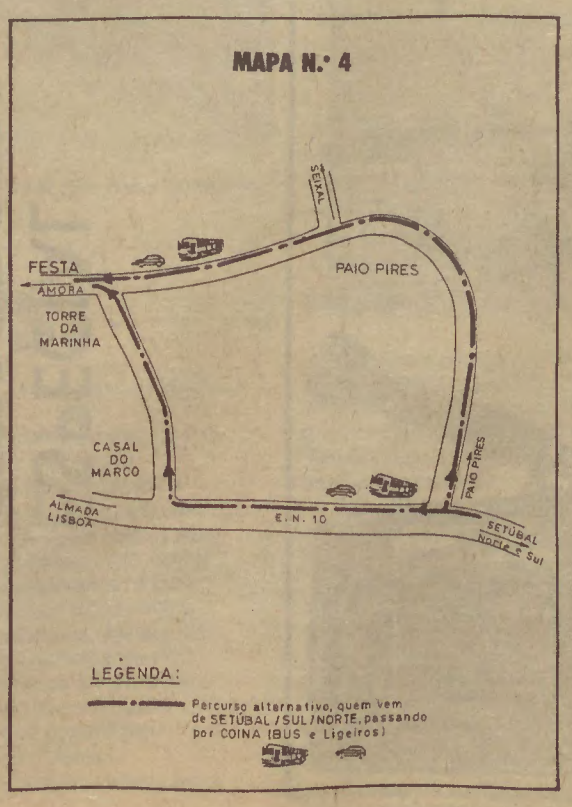
EFECTUAM-SE AOS SABADOS, DOMINGOS E FERIADOS

PARTIDAS DE CACILHAS			PARTIDAS DA QUINTA PRINCESA		
07.40	12.55	18.25	07.00	11.35	16.25
08.20	13.35	19.05	07.40	12.15	17.05
09.00	14.25	19.45	08.20	12.55	17.45
09.40	15.05	20.25	09.00	13.35	18.25
10.20	15.45	21.30	09.40	14.15	19.05
10.55	16.25	01.45	10.20	15.05	19.45
11.35	17.05		10.55	15.45	20.55
12.15	17.45		---		

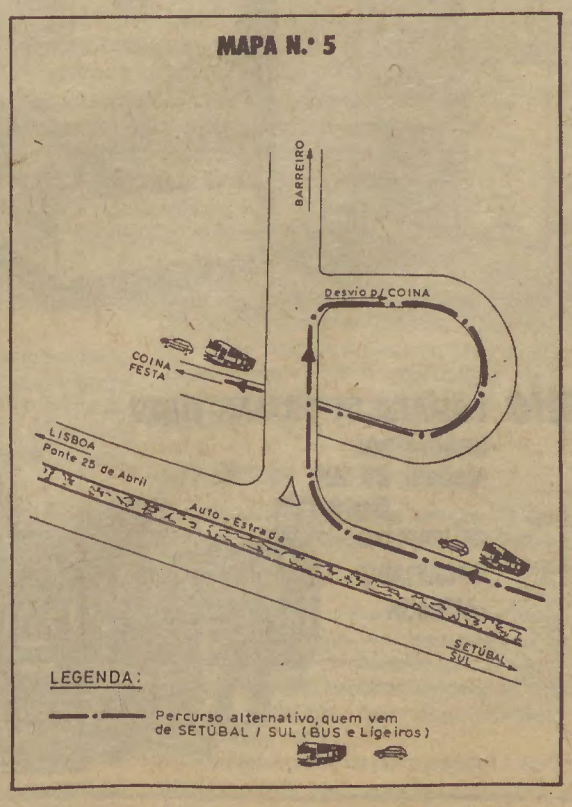
MAPA N.º 3



MAPA N.º 4



MAPA N.º 5

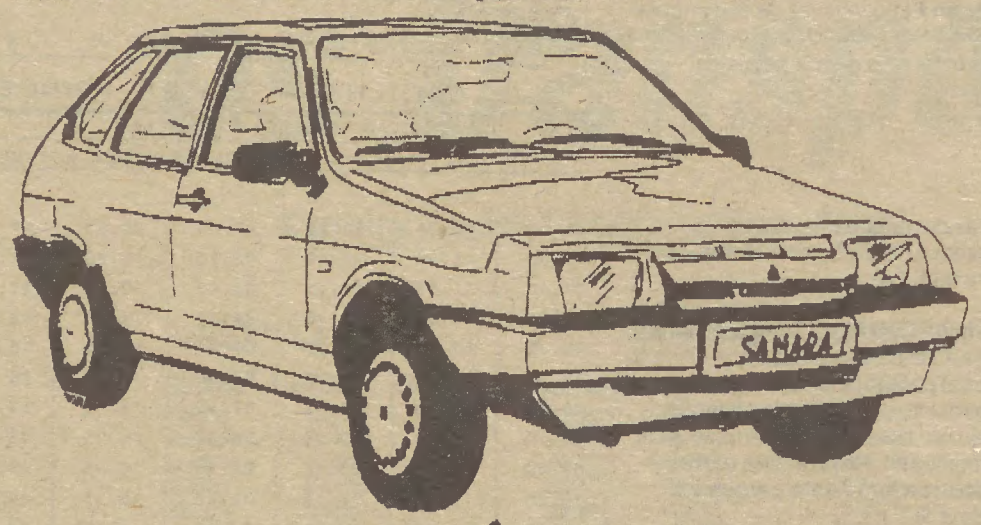


2.º sorteio das EPs

a 9 de SETEMBRO

1.º Prémio LADA SAMARA
1100 cc
3 Portas

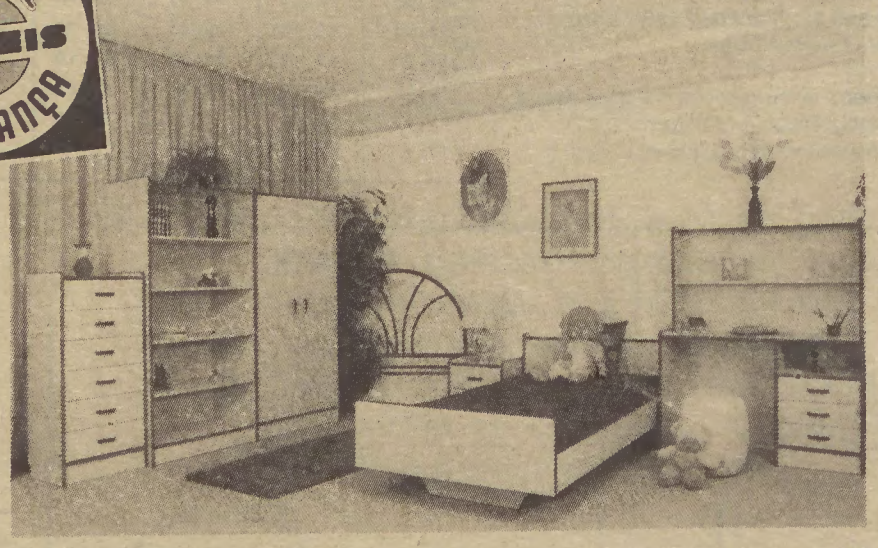
LADA SAMARA



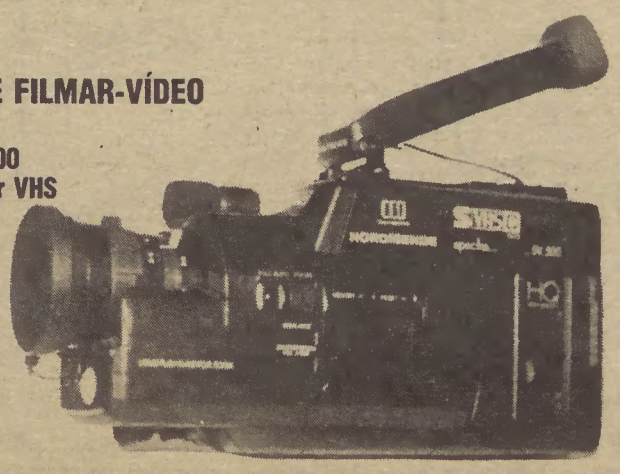
SODIMOTOR

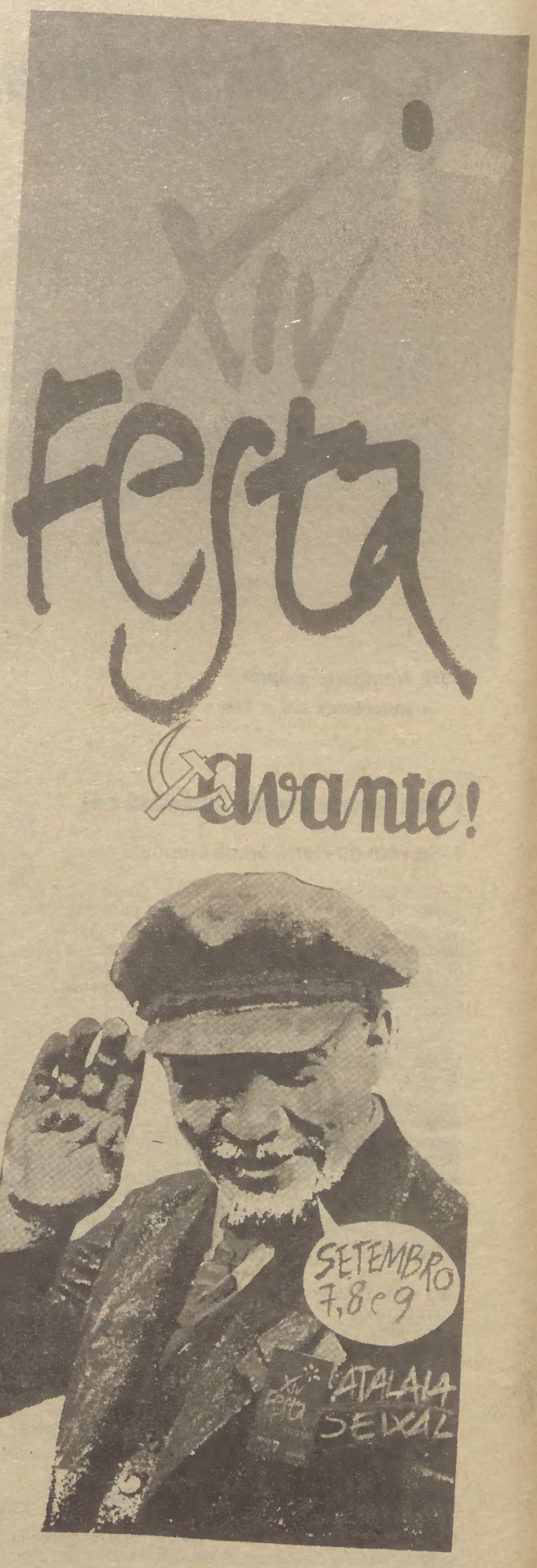
Sociedade Distribuidora de Automóveis, S.A.
Sede: Trav. da Glória, 19, 2.º-Esq. -1200 LISBOA
Tel. 346 06 04

2.º Prémio QUARTO DE CRIANÇA
D'ARTE MÓVEIS CONFIANÇA



3.º Prémio CÂMARA DE FILMAR-VÍDEO
NORDMENDE
Modelo: SV 500
Super VHS
da empresa
TOCAPIANO
-ALMADA





ESPECIAL
SERIGRAFIA

Numa edição do «Avante!», feita especialmente para a Festa deste ano, está à venda, no pavilhão da campanha dos 150 mil contos, a serigrafia que aqui reproduzimos, da autoria de José Araújo, que é o responsável pelo grafismo do órgão central do PCP. A serigrafia foi impressa a 6 cores, com uma tiragem de 400 exemplares, devidamente numerados e assinados pelo autor. Na Festa pode ser adquirida pelo preço de 1200 escudos. Também pode ser enviada pelo correio, bastando para isso que o pedido seja enviado para a redacção do «Avante!» (Rua Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa Codex), acompanhado de mais 100 ou 220 escudos, consoante o interessado opte, respectivamente, pelo porte não registado ou registado.

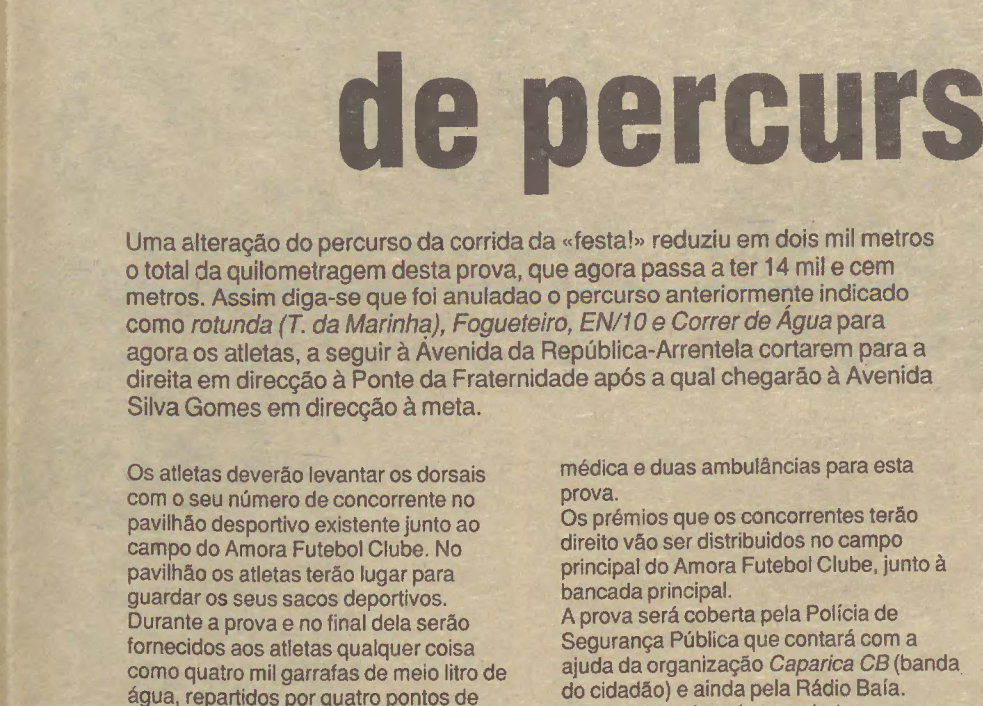
Corrida da «festa!» muda de percurso

Uma alteração do percurso da corrida da «festa!» reduziu em dois mil metros o total da quilometragem desta prova, que agora passa a ter 14 mil e cem metros. Assim diga-se que foi anuladao o percurso anteriormente indicado como *rotunda (T. da Marinha), Fogueteiro, EN/10 e Correr de Água* para agora os atletas, a seguir à Avenida da República-Arrentela cortarem para a direita em direcção à Ponte da Fraternidade após a qual chegarão à Avenida Silva Gomes em direcção à meta.

Os atletas deverão levantar os dorsais com o seu número de concorrente no pavilhão desportivo existente junto ao campo do Amora Futebol Clube. No pavilhão os atletas terão lugar para guardar os seus sacos deportivos.
Durante a prova e no final dela serão fornecidos aos atletas qualquer coisa como quatro mil garrafas de meio litro de água, repartidos por quatro pontos de abastecimento: Torre da Marinha, Paio Pires, Seixal (junto aos bombeiros voluntários) e à chegada no Campo da Medideira (à entrada do funil).
Contar-se-á tempos de passagem aos cinco e dez quilómetros, estando também previsto um *controlo* de passagem dos atletas ao longo da corrida.

Assistência médica

Os Bombeiros Voluntários do Seixal asseguram toda a assistência médica necessária, tendo disponibilizado uma médica e duas ambulâncias para esta prova.
Os prémios que os concorrentes terão direito vão ser distribuidos no campo principal do Amora Futebol Clube, junto à bancada principal.
A prova será coberta pela Polícia de Segurança Pública que contará com a ajuda da organização *Caparica CB* (banda do cidadão) e ainda pela Rádio Baía.
A corrida da «festa!» tem ainda a colaboração dos escuteiros do Concelho do Seixal e os apoios de diversas empresas, autarquias, comércio local e ainda do Amora Futebol Clube e da Associação de Atletismo de Setúbal.
Já agora diga-se que qualquer informação adicional poderá ser recolhida junto de um dos elementos da Conmissão de Organização da Prova, cujos nomes aqui se transcrevem: Costa Lourenço, C. Marques, Regina, Lisete, Antonieta, Manuela Furtado, Verdugo, Rafael Cândido, Vladimiro Simões, Isabel Morais, Pinto Claro, Fernando Santos, José Luís Barroso e ainda elementos de colectividades do Seixal e Amadora.



Armando Aldegalega, duas vezes vencedor em veteranos III nas duas anteriores edições da Corrida da Festa do «Avante!»

Os vencedores!

A Corrida da «festa!» tem uma história, aqui resumidamente relembrada através da lista dos diversos vencedores nos vários escalões participantes, quer em masculinos, quer em femininos.
No primeiro ano da Corrida da Festa do «Avante!» a prova foi concluída por mil e onze atletas. Jorge Costa (NAO) foi o vencedor em juvenis, José Dias (individual) venceu em seniores, Augusto Cruz (Pat.) venceu em veteranos I, Diniz de Sousa (Laranj.) em veteranos II e Armando Aldegalega (SCP) em veteranos III. Quanto à prova feminina desse ano, em juvenis a vitória coube a Elizabete Oliveira (P. Nova), Rita Borralho (SLB) venceu a prova sénior e Teresa Ribeiro (EVN) a de veteranas.
Em 1989 os atletas que cumpriram a prova foram 946. Houve dois repetentes vitoriosos, José Dias e Armando Aldegalega enquanto nos outros escalões a vitória sorriu a Artur Oliveira (C. Prev.) em juvenis, Carlos Santos (ind.) em veteranos I e Luís Canelas VII. Rita Borralho tornou a vencer uma Corrida da «festa!», só que desta feita já participando no escalão de veteranas, enquanto em seniores a vitória foi para Lucília Soares (SLB) e em juvenis para Sandra de Jesus (CAVA).
E este ano? No domingo saberemos a resposta

Rosa Mota, Carlos Lopes e Luís Horta:

Um recado para a «festa!»

A participar em Split nos campeonatos europeus de atletismo esteve a atleta Rosa Mota, que à chegada a Lisboa, ainda comemorando a conquista da medalha de ouro da prova da maratona, entendeu enviar uma mensagem a todos os atletas que vão participar na corrida da «festa!». Também Carlos Lopes, outro medalhado em provas internacionais e figura de proa do história do atletismo nacional, prestou declarações a propósito da Corrida da «Festa!», tal como sucedeu com o atleta de meio fundo do Benfica, Luís Horta, e tal como já antes havia ocorrido com Domingos Castro, Aurora Cunha, Ezequiel Canário e António Leitão. Eles são alguns dos atletas portugueses que igualmente participam na Corrida da «festa!». O melhor do atletismo nacional!

Rosa Mota

«A prova da Festa do «Avante!» é sempre uma corrida agradável e como eu gosto de corridas têm sempre a minha homenagem, o meu agradecimento por aquilo que fazem, todas as pessoas que fazem alguma coisa pelo atletismo.

Pelo que fazem nesta corrida, continuem! Desejo as maiores felicidades para bem daquilo que têm feito.

Se por vezes as coisas não correrem tão bem como as pessoas desejavam, acho que devem lutar. Vá lá: que a minha maratona sirva de exemplo sobre o que é lutar até ao fim... por vezes acaba-se por ganhar».

Carlos Lopes

«Penso que de ano para ano a prova em si tem *puxado* pelos melhores fundistas portugueses. Para tal não é alheio a grandeza da prova. Manifesto o interesse não só particular mas também a nível nacional do seu apoio e espero que a organização assim continue, para bem do atletismo português».

Luís Horta

«Estas iniciativas são sempre de apadrinhar, pois leva a que as pessoas tenham um incentivo para fazer actividade física diária.

Muitas vezes o treino sem competição torna-se monótono. Por isso, mesmo as competições sem o objectivo de fazer grandes marcas são importantes para as pessoas continuarem a fazer essa actividade física diária.

Qualquer prova de cariz popular é sempre bem-vinda para os atletas populares e esta prova do «Avante!» é uma delas».

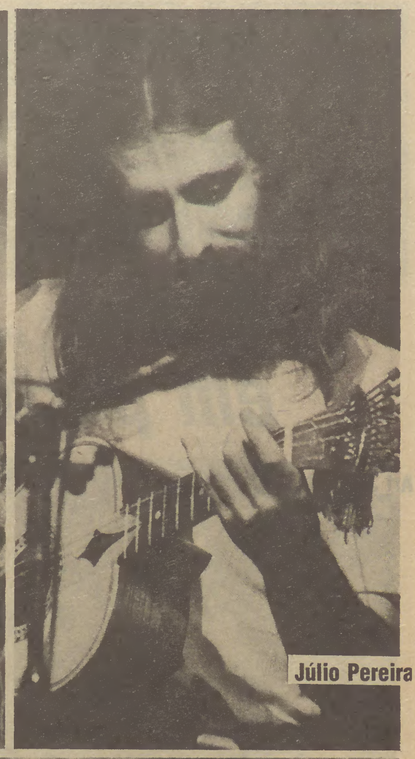
Todos os anos a «festa!» é também uma mostra representativa da evolução da música portuguesa, nas suas mais variadas formas, sendo esse um dos factos importantes a realçar do conjunto de espectáculos que a partir de amanhã vão acontecer na Atalaia. E essa importância aumenta este ano por um conjunto tão vasto dos melhores artistas portugueses estar reunido neste acontecimento, ainda por cima sabendo nós ser inabitual isso acontecer em outras organizações de espectáculos do nosso país. De alguns dessas centenas de artistas portugueses se fala agora, antecipando-se um pouco a sua passagem pelos palcos da «festa!».

Tão bem se canta e toca em português!

Rádio Macau

Paulo de Carvalho

Fernando Tordo



Júlio Pereira

Brigada Victor Jara

D'Isto & D'Aquilo

A fechar, sábado à noite,o espectáculo do «palco 25 de Abril» da edição deste ano da Festa do «Avante!» teremos fogo de artifício com música. É um trabalho feito a partir de uma obra de Haendel, numa *mimese* que será apresentada pelo Telectu, o duo de Vítor Rua e Jorge Lima Barreto.

Uma das particularidades desse espectáculo é que ele parte de um estudo que o duo Telectu realizou sobre determinado rock progressivo e sinfónico, bem como algum rock alemão, no que diz respeito há sua mecanicidade e automatismo. Também se trata de um estudo auditivo de certo hard rock.

Tudo isto com base num trabalho auditivo sobre a peça intitulada *Música para Fogo de Artifício* de Haendel, não para fazer uma versão ou uma imitação do que ali se passa, mas para um registo dos andamentos da obra, as suas intensidades de sons, a sua dinâmica, bem como a parte sensitiva que ao nível das emoções a peça de Haendel transmitiu a Lima Barreto e Vítor Rua.

Partiu-se então para a *mimese*, ou seja de um estudo sobre algo já composto resultará algo totalmente diferente, até, neste caso, pela instrumentação utilizada (computador, guitarra electrónica, banda magnética e *workstation*).

Da peça de Haendel serão retiradas seis partes, através de um método de samplagem, seis amostras musicais que variam desde um único segundo até aos dez segundos, e é dessas seis partes que partirá a base de toda a obra. Essas seis partes são trabalhadas, através de inversões, cortes, técnicas de loop, repetições, prolongamentos ou encurtamentos, num jogo de dinâmicas e alturas complexo, que criarão estruturas absolutamente diferentes das de Haendel. Depois há o próprio fogo de artifício, a conjugar-se assim para um dos prováveis momentos mais espectaculares da edição deste ano da «festa!».

Mas outra participação do *Telectu* está assegurada para a «festa!», sábado às 16 horas, no Auditório 1º de Maio, num espectáculo com a participação de Sei Miguel e Rui Azul.

Tordo e Paulo

Fernando Tordo promete-nos este ano para a «festa!» um espectáculo com uma sonoridade diferente da que estamos habituados, embora vá cantar canções obrigatórias do seu reportório. Mas também canções novas deste cantor, autor e compositor irão ser apresentadas no palco 25 de Abril. Em termos de espectáculo, trata-se de um trabalho que Tordo tem vindo a realizar com o maestro Pedro Osório, homem cuja identificação artística com o cantor é por de mais conhecida. Edgar Caramelo nos saxofones e o José Neves na viola-baixo completam o naipe de músicos que estarão em palco com Fernando Tordo que não se esquecerá de lembrar o seu mais recente disco: *O menino Ary dos Santos*, composto a partir de textos inéditos do poeta.

Paulo de Carvalho apresenta na «festa!» um novo espectáculo onde vamos ter oportunidade de ouvir muitas cantigas novas, que serão publicadas no próximo disco do cantor, a sair no princípio de Outubro, pouco depois desta XIV edição da «festa!».

No palco estarão sete músicos dedicados a instrumentos tão diversos como a guitarra e viola, a guitarra eléctrica sintetizada, teclados, percussões eléctricas e acústicas. Também duas raparigas nos coros e ainda um baixo eléctrico fazem parte da instrumentação prevista.

Domingo à noite apresenta-se *um novo* Paulo de Carvalho.

Júlio Pereira

Janelas Verdes é o nome do próximo disco de Júlio Pereira, a ser editado por alturas do próximo Natal. *Janelas Verdes* porque é nessa zona de Lisboa que Júlio Pereira trabalha, certamente também por os dez temas do disco terem como fonte de inspiração trabalhos de dez pintores portugueses. *Janelas Verdes* será parte integrante do espectáculo de sábado deste compositor que se apresentará pela primeira vez num palco com o grupo da Galiza, *Na Lúa*, cujo último disco foi produzido pelo músico português.

Uma espécie de somatório de temas de todos os discos de Júlio, desde o *Cavaquinho* até aos mais recentes, passarão pelo palco da «festa!» num espectáculo onde o músico experimenta novos arranjos, novas sonoridades.

Rádio Macau e Essa Entente

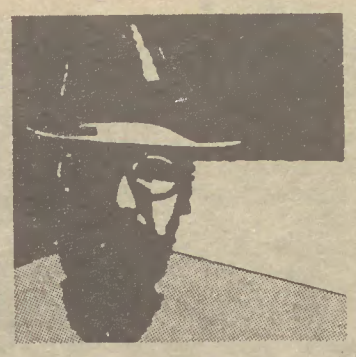
A noite de sexta-feira na «festa!», em termos de palco 25 de Abril, será dedicada ao rock, ou se preferirem, à música moderna portuguesa. O espectáculo dos Rádio Macau neste

Telectu

Tão bem se canta e toca em português!

Eduardo Santos, 22 anos, trompete

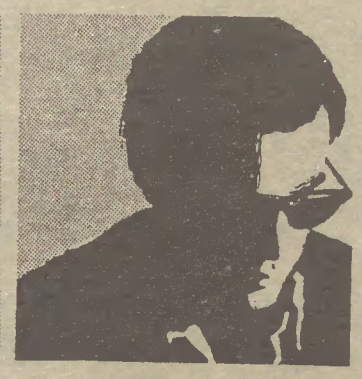
Claus Nymark, cidadão dinamarquês, 24 anos, trombone



Paleka, 36 anos, bateria

Quinteto de António Ferro

António Ferro, 30 anos, baixo eléctrico



João Courinha, 34 anos, saxofone

Art Jazz Trio

Nuno Rebelo e João Peste

Gilson de Assis

Cal Viva

José Peixoto

Carlos Bica

momento foi preparado durante três/quatro meses,tendo um outro tipo de cuidado a nível de luzes e encenação não muito habituais no grupo, a passar da espontaneidade das suas actuações de há uns anos para um elevado grau de profissionalismo. Na «festa» os Rádio Macau fazem a apresentação do seu último LP, *O Rapaz do Trapézio Voador*, mas tocam também bastantes músicas do *Elevador da Glória* e algumas do primeiro disco...

Outro grupo de música moderna portuguesa presente na «festa!» é o recentemente bem sucedido *Essa Entente*, que depois da popularidade alcançada com o lançamento do seu trabalho de longa duração mais recente, vem confirmar na tarde de sábado, no palco 25 de Abril, as potencialidades já demonstradas.

João Peste Nuno Rebelo

Mas um encontro raro e fascinante de dois dos mais importantes novos músicos portugueses ocorrerá Sábado às 19 horas no Auditório 1º de Maio quando ali se reunirem João Peste (vocalista dos *Pop del'Arte*) e Nuno Rebelo (líder dos *Mler If Dada*).

Na companhia de Alix e Emak, duas personagens do mundo da banda desenhada criadas por Jacques Martin nos anos sessenta, Peste e Rebelo passeiam-se por uma série de aventuras alucinantes e fantásticas, encontrando ao longo do seu percurso personagens como Andy Warhol, Jane Birkin e Capitão América.

Uma história onde impera a inesgotável imaginação do mundo da Banda Desenhada, conjugada com influências surrealistas e cyberpunk.

João Peste, o autor do texto, assume não só o papel de narrador como canta algumas das músicas criadas por Nuno Rebelo. Batidas *Rock* e *Disco* combinadas com composições atonais, em bases musicais criadas por processos de computador, constituem a parte principal do trabalho de Rebelo que em várias partes do espectáculo toca a sua guitarra electrica com uma afinação especial e num estilo que lhe é próprio. A não perder.

Outras músicas

D'Isto e D'Aquilo, Cal Viva, Quinteto de António Ferro, Art Jazz Trio e Brigada Victor Jara são outros nomes portugueses presentes nos palcos da «festa!».

Se há projecto coerente e consistente no domínio do tratamento da música tradicional portuguesa, esse projecto chama-se Brigada Victor Jara e há quinze anos que evolui no mundo da nossa música por um caminho que leva já contados seis álbuns gravados, a começar no ano de 1977 com o aparecimento de Eito Fora até ao recente Monte Formoso, e o impressionante número de mil e 300 espectáculos ao vivo, ocorridos nos mais variados palcos, em todas as regiões do país e por esse mundo fora. Na Festa do «Avante!» também!

Sérgio Pelágio, Mário Franco e André Sousa Machado são três nomes importantes do Jazz que se vai fazendo em Portugal e formam desde 1982 o *Art Jazz Trio* quando se conheceram na Escola de Jazz do Hot Club de Portugal. Aprenderam pois a tocar Jazz juntos, ouvindo os mesmos discos e sofrendo as mesmas influências.O reportório apresentado pelo trio é constituído por composições de Sérgio Pelágio e Mário Franco para além dos habituais *standards*.

Que mão cheia de espectáculos! Que bem se canta e toca em português!

Essa Entente

Um grande comício para um grande Partido

O comício da Festa do «Avante!» 1990, elemento destacado do programa político da «Festa!», terá lugar no domingo, dia 9 de Setembro, a partir das 17 horas no amplo recinto do Palco 25 de Abril.
A situação nacional — incapacidade do Governo PSD de dar resposta aos problemas do País, aproximação das eleições presidenciais e legislativas e necessidade de uma alternativa democrática — bem como a actual situação internacional conferem, no seguimento do XIII Congresso do PCP, um significado especial ao comício da Festa do «Avante!».
No comício intervirá Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do PCP. Estão também previstas intervenções de Dias Lourenço, director do «Avante!», e de João Frazão, da Direcção Nacional da Juventude Comunista Portuguesa.
Como em outros anos, a participação de milhares e milhares de comunistas neste tradicional comício da «festa!» fará dele um grande acontecimento político e nacional.
Várias organizações regionais do PCP organizam entretanto desfiles que na própria «festa!» desfilarão por diversos pontos da Atalaia até ao local do comício. É o caso, por exemplo, da Organização Regional de Lisboa, cujo desfile tem concentração marcada às 16 e 15 de domingo, junto ao coreto do espaço da ORL.

As questões da actualidade

FORUM/ PAVILHÃO CENTRAL

6.ª FEIRA/7 SET.

21.00 H

■ **O IDEAL COMUNISTA**

Vítor Dias
Manuel Gusmão
Henrique de Sousa

SÁBADO/8 SET.

15.00 H

■ **A ALTERNATIVA EXISTE**
Eleições Presidenciais e legislativas de 1991

Carlos Brito
António Andrez
Helena Medina
Manuel Sobral

18.00 H

■ **UM PORTUGAL SOBERANO NUM QUADRO DE COOPERAÇÃO**

Agostinho Lopes
João Amaral
Joaquim Miranda
Sérgio Ribeiro

21.00 H

■ **SITUAÇÃO SOCIAL, MITOS E REALIDADES**

Domingos Abrantes
Fernanda Mateus
Jerónimo de Sousa
Amélia Pardal

DOMINGO/9 SET.

15.00 H

■ **DEMOCRACIA E DIREITOS DOS CIDADÃOS**

Luís Sá
Carlos Fraião
António Abreu
Odete Santos

Na Cidade Internacional decorrerá um conjunto de debates com o tema comum *Solidariedade, Sempre!* que proporcionarão um conjunto de sessões dedicadas à solidariedade com os povos da África Austral (sábado às 16 e 30), Timor Leste (domingo às 21), América Central (domingo às 15) e Palestina (sábado às 18).

Na sessão dedicada à *Solidariedade com os Povos da África Austral* participam o camarada Domingos Lopes e delegações do ANC, do Partido Comunista da África do Sul, da Frelimo e do MPLA.
A sessão dedicada ao Povo da Palestina terá a participação do jornalista José Goulão e da delegação da OLP presente na «festa!».

A sessão de *Solidariedade com os Povos da América Central* terá a participação do jornalista Miguel Urbano Rodrigues e das delegações da Frente Sandinista (Nicarágua) e do Partido Comunista de Cuba.

Finalmente, a sessão dedicada à *Solidariedade com o Povo de Timor Leste* conta com a participação de António Mota e de uma delegação da Fretilin.
Para além destas sessões, destaque também para os debates que vão ocorrer no espaço para esse efeito criado na Cidade Internacional, o primeiro dos quais vai ocorrer na sexta-feira às 21 horas sob o tema *Capitalismo Hoje* no qual vão participar Octávio Teixeira, Frederico Carvalho e Américo Nunes. Sábado, às 15 horas, será a vez de uma discussão em torno do tema *As Conquistas Revolucionárias do Séc. XX*, debate no qual participarão Albano Nunes, Ernesto Cartaxo e Helena Bastos. *Questões Golbais e Luta de Classes* é tema para um outro pólo de discussão a ocorrer neste espaço, também no sábado mas às 21 horas, com a presença de Carlos Aboim, Ilda Figueiredo, António Pedro e André Espenica.
Momentos políticos importantes na nossa «festa!».

TEJO

ou um contador de histórias

Uma das iniciativas culturais de maior relevo integradas no programa da Festa é a exposição sobre o Tejo, o grande rio peninsular que teve uma importância decisiva no desenvolvimento da nossa história e no afeiçoamento dos costumes e modos de vida de grande parte da população portuguesa.

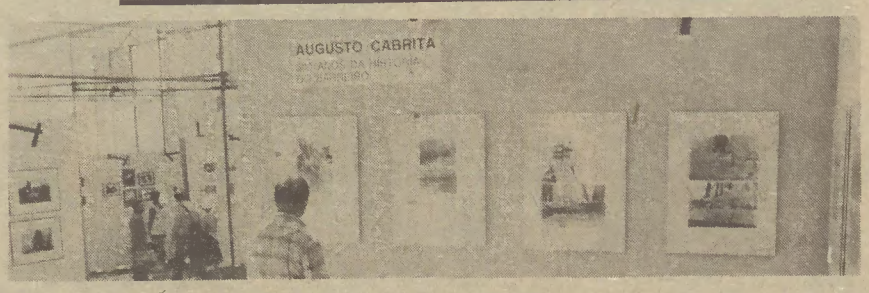
Fronteira e obstáculo, o Tejo foi também, ao longo dos séculos, factor de integração e irradiação de culturas e civilizações das mais diversas origens.

As antigas cidades que povoam as suas margens, como Lisboa e Toledo, são cadinhos de remotas confluências, de infindáveis encontros e desencontros de gentes e de povos.

O Tejo foi ainda palco de sofrimentos e de lutas populares, da arraia miúda de Lisboa e de Santarém, dos assalariados rurais dos campos do Ribatejo, da classe operária, testemunho silencioso e cúmplice de uma árdua mas imparável caminhada dos oprimidos e explorados para um futuro melhor, de Paz, Liberdade e Justiça.

Vítima, também ele, de graves agressões e da ausência de uma política planeada e integrada, o Tejo corre actualmente sérios riscos. O valioso e inestimável património que ele representa encontra-se ameaçado de morte.

É imperativo e urgente preservar e salvar esse património, promover o racional aproveitamento das grandes potencialidades do rio sem comprometer a sua integridade, enfim, salvar o Tejo, melhorando a vida dos que dele vivem.
São objectivos da exposição: evidenciar o valor e interesse patrimonial e paisagístico do rio; caracterização física e geográfica; descrição histórica da ocupação humana, desde a pré-história à actualidade; agregados populacionais, modos de vida, usos e costumes, actividades económicas; identificação dos problemas das populações ribeirinhas, assim como de projectos e propostas para a sua solução; destaque das potencialidades do rio e das realidades socioeconómicas das regiões por ele atravessadas; consideração do rio como motivo de inspiração artística: literatura (poesia e ficção), artesanato e fotografia.
Nesta conformidade, a exposição encontra-se estruturada nos seguintes núcleos temáticos: Meio Físico; Ocupação Humana, abrangendo os seguintes temas: Da Pré-História à Romanização, O Tejo Muçulmano, Reconquista e repovoamento, Baixa Idade Média: Vida económica e social, Idade Moderna, Idade Contemporânea; Problemas, Projectos e Propostas; O Tejo, factor da riqueza nacional; O Tejo e a Arte; Amostra Bibliográfica.
A exposição será ainda enriquecida por iniciativas complementares diversas, das quais se destacam:
— Passagem de diapositivos e videogramas;
— Amostras de artesanato;
— Passeios em embarcações típicas do Tejo.



Imagens da Beira Rio

Integrada na Exposição «O Tejo — O Rio e o Homem» estarão expostos 30 trabalhos fotográficos a cores de Augusto Cabrita «Imagens da Beira Rio», obras recentes deste grande artista que retratam recantos do estuário do Tejo — Moinhos de Maré, o trabalho, o lazer, o ambiente, a pesca.

Os visitantes da Exposição poderão ainda habilitar-se a passeios de falua pelos esteiros do Tejo, a realizarem-se nas tardes de sábado e de domingo.

COM MÃOS SE FAZ...

Matérias de vários géneros são utilizadas na feitura do artesanato regional: cerâmicas e barros, linho, lã, algodão e peles, vidro e cristal, cobres e alumínios, conchas, osso de baleia, prata e papel.
Objectos fabricados com um pouco de tudo isto vão poder ser apreciados em diversos pavilhões regionais na Festa do «Avante!».

Começando nas cerâmicas e barros, destacamos as mostras minhota e alentejana. Assim, no Pavilhão de Viana do Castelo estará presente a tradicional louça de Viana e de Carvoeira (pintadas à mão), o grês de Álvaro Rocha, miniaturas em barro de Vila Praia de Âncora e as bonecas de porcelana vestidas com trajes regionais. No de Braga, a louça regional de Barcelos e os barros de Júlia Ramalho (cristos, pecados), Mistério (pombais, ceias de cristo, diabos), Rosalina Baraça (coretos, figuras de trabalho no campo, matanças de porco) e de Júlia Cota (diabos e galos).

Na Venda Alentejana encontrar-se-ão os famosos barros de S. Pedro do Corval, Redondo, Estremoz, Nisa, Flor da Rosa e Viana do Alentejo.
Interessante será também a mostra de cerâmica algarvia vinda de Silves, Porches, Almansil e Lagos, bem como a que vem de Coimbra, mais propriamente do concelho de Soure (recriações do século XVII de Frederico Melânio, um dos mais famosos ceramistas da região) e ainda a de S. Facundo e do Estúdio Z de Condeixa.
Do Porto estará presente a cerâmica de St.º Tirso e dos Açores a louça da Lagoa (ilha de S. Miguel) além de artesanato da ilha do Pico.
Entre outros, também os pavilhões das Mulheres e da Emigração terão a presença da cerâmica.

Dos Açores ao Algarve

Objectos fabricados com madeira, vimes, vergas e colmos têm igualmente uma presença forte na Festa.
Socos e tamancos de Paredes de Coura, peças de madeira trabalhada de Gandra e rocas de Arcos de Valdevez vêm expressamente do Alto Minho para a Atalaia, bem como os brinquedos em madeira de Vila Verde (Braga), as mobílias da zona de Paredes (Porto) e diverso artesanato de madeira (Santarém e Lisboa), além das conhecidas cadeiras de Moura, Barrancos e Redondo (Alentejo).
Há cestos de muitas proveniências: de Braga, de Cidões (Bragança), da zona da serra algarvia (Loulé), da ilha Terceira (Açores). Há ainda os famosos vimes de Antuzede (Coimbra), vimes alentejanos de Barbacena, Terrugem, Moura e Barrancos, vimes da Madeira, vergas de Gonçalo e de Castelo Branco, colmos de Avis (Alentejo), além dos chapéus de palha da ilha do Pico (Açores) e das empreitas do Algarve.
Bordados das ilhas da Madeira e da Terceira (Açores) estarão também presentes, bem como os tradicionais bordados de Viana do Castelo: toalhas, caixas em coração, lenços, algibeiras, coletes e aventais com os ricos bordados de Perre, Santa Marta e Viana, além dos linhos de Ponte de Lima e das mantas de farrapos.
Igualmente de Braga virão mantas e de Vila Verde: toalhas, sacos e tecelagens em linho.
O Porto trará camisolas poveiras, mantas de Vila do Conde e tapetes tipo Arraiolos. Santarém, as conhecidas mantas e vestuário de Alcanena. O Alentejo, as mantas de Freixo (Redondo) e de Reguengos de Monsaraz. Prendinhas feitas com trapos poderão ser encontradas no quiosque das Mulheres.
De Leiria, mais propriamente da Marinha Grande, virá uma amostragem da generalidade do vidro e do cristal fabricado nas fábricas e oficinas da região, do utilitário ao artístico. Artistas e artífices estarão presentes no seu Pavilhão, podendo os visitantes adquirir as peças aí fabricadas. Também Lisboa terá um Pavilhão com artigos em vidro.
Cataplanas algarvias, cobres alentejanos de Arcos (Estremoz, chocalhos de Viana do Alentejo e Estremoz, cobres de Caminha e latoaria de Vila de Punhe (Viana do Castelo) também se encontrarão na Festa assim como cutelaria (de Azaruja — Alentejo e de Palaçoulo — Bragança) e curtumes (Viana do Alentejo, Estremoz e Setúbal).

Por toda a Festa

Igualmente marcarão presença alguns instrumentos musicais tradicionais: brinquinhos (Madeira), adufes de Idanha-a-Nova (Castelo Branco) e recos de Anha (Viana do Castelo).
Filigranas de Gondomar, objectos feitos com osso de baleia (ilha do Pico) ou com conchas (Setúbal) e palmitos de Vila Franca e Praia de Âncora (V. do Castelo) podem igualmente comprar-se na Festa.
Resta chamar a atenção para a Feira de Artesãos e de Artesanato que assenta arraiais na Cidade da Juventude e para a diversidade de artigos que lá se encontrarão, e para as Feiras da Ladra de Lisboa e de Setúbal, onde além de objectos de todo o género se encontarão muitas velharias.

No espaço Algarve da «festa!» o artesanato ocupará um espaço privilegiado já que ali se vai organizar uma Feira de Artesanato do Algarve. Cada compra superior a mil escudos dará direito a uma senha numerada como a que a imagem documenta, para um sorteio de dois fins-de-semana para duas pessoas num hotel da região

UMA «FESTA» SABOROSA

A gastronomia de todo o País vai estar presente na Festa do «Avante!», onde a par dos petiscos salientamos a presença dos vinhos, queijos, fumados e doçaria regionais.

Seguindo o mapa de Portugal, deparamos com uma **Taberna do Alto Minho** (Viana do Castelo) onde se poderá saborear: salpicão caseiro, chouriço caseiro da Serra d'Agra, sanguinhas — típicos chouriços de Ponte de Lima —, arroz de marisco, fêveras no pão, rojões à moda minhota e a broa de milho. Os vinhos verdes terão aí um lugar de eleição: Loureiro, branco de Viana e Ponte de Lima e tinto de Viana, Ponte de Lima e Monção. Mesmo ao lado estará o **Bar de Braga** que, além dos bons vinhos verdes (brancos e tintos) tem também: feijoada à moda da região, morcelas, bacalhau frito, chispe, chouriço e salpicão de vinho verde e caldo verde.

Passando para Trás-os-Montes, destacamos uma cuidada selecção dos bons e diversos vinhos transmontanos e durienses que vindos do distrito de Vila Real vão assentar arraiais na Festa: brancos e tintos de Chaves, Vila Real, Alijó, Sanfins, Mesão Frio e Sabrosa, oriundos desde o Alto Tâmega até às encostas do Douro, com distintos paladares e de óptima qualidade, além de uma selecção de Moscatel, vinda de Favaios e de Alijó, alguns do ano outros com 25 anos e mais: também o Vinho Fino, Vinho Generoso, mais vulgarmente baptizado de vinho do Porto estará presente, num engarrafamento especial com mais de 5 anos e outros vinhos directamente do produtor.

A feijoada à transmontana (com carnes e feijão da região), os canelos de presunto, o caldo verde, a orelheira, o chispe, a broa, o salpicão caseiro — rei dos fumados transmontanos — e as cristas de galo (doce de amêndoa e ovos) estarão igualmente no **bar de Vila Real.**

Esta amostra transmontana será completada no **Bar de Bragança:** rancho à mirandelense, trutas do Tuela e do Baceiro, alheiras de Mirandela, canelos fumados, azeitonas de Freixo-de-Espada-à-Cinta e o bom pão caseiro da região, a par com os vinhos de Vila Flor, Vale de Arcas e Sendim.

À venda haverá ainda o excelente mel da Terra Quente e do Parque Natural de Montesinho, vinhos e bagaceiras do Casal de Vale-Pradinhos (Macedo), Vila Flor e da UNAMONTES (Cooperativa de Macedo de Cavaleiros e Sendim).

Restaurantes regionais

O Porto terá um grande **Restaurante** onde as tripas à moda do Porto serão o prato forte e **vários Bares:** Valongo — sopa à mineiro; Maia — bolinhos de bacalhau com feijão frade; Santo Tirso — arroz de cabidela; Matosinhos — arroz de lulas e ainda um Bar de frango no churrasco. Nos vinhos predominam os verdes da região; doces regionais (entre os quais os jesuítas de Santo Tirso), licor de Singeverga, presunto e salpicão de amarante estarão ao dispor dos visitantes, bem como o **Solar do Vinho do Porto.**

Entrando na Beira Litoral, Aveiro vai ter um colorido **Restaurante** abastecido de leitão (vindo expressa e diariamente da Bairrada para a Atalaia) que aí será servido acompanhado por batatas fritas, laranjas e o borbulhante espumoso da região bairradina, muito fresco. Terá igualmente um **Bar** com sandes de leitão da Bairrada, o atrevido «castiço» branco-pique, o tinto e o branco da Quinta da Lomba (lote especial) e os ovos moles em barrica, canastras ou à peça.

Também Viseu terá um **Restaurante:** sopa de cebola, rojões e feijoada à moda da Beira Alta, folar de Vouzela, e vinhos das Terras do Demo, Lafões e do Dão (de várias produções e origens) podem aí ser saboreados.

A casa beirã de Coimbra completa a presença gastronómica da Beira Litoral na Festa do «Avante!». Nela, destaca-se a já tradicional **Churrasqueira** com entrecosto, fêveras, espetadas, barrigueiras, broa da Lousã e vinhos da região da Bairrada. Terá por fim um **Fumeiro** com o famoso presunto beirão, queijos do Rabaçal e da Serra, enchidos de aldeias beirãs e vinhos engarrafados (do ano e reserva) das adegas cooperativas de Souselas, Cantanhede e do Dão.

Da Beira Interior (distritos da Guarda e de Castelo Branco) virá uma **Queijeira** com queijo da Serra, queijo tipo Serra, queijo cabreiro e queijo picante; um **Fumeiro** com chouriço de carne, paios do lombo, presunto curado e paiolas e uma **Garrafeira** abastecida com vinho branco da Covilhã e de Figueira de Castelo Rodrigo e vinho tinto de reserva de Fundão, Pinhal e Meda.

Haverá ainda um **Restaurante/Bar:** frango com salada, fêveras, caldo verde, feijão branco com chispe constam da ementa, mas pode-se também experimentar as sandes com os bons presuntos e queijos da região.

Um **Salão de Chá** «O Miradouro da Festa» servirá o chá (quente ou frio), o vinho generoso da região do Douro e bolos secos (broa de mel, por exemplo).

Na região ribatejana dominam as **tasquinhas regionais:** Almeirim (sopa de pedra); Alpiarça (carneiro guisado): Chamusca (língua de porco e perna de frango estufados) e de Coruche (bacalhau à Sorraia), acompanhados de vinhos da região (colheitas especiais).

Haverá também *stands* com doces: pão de ló de Rio Maior, tigeladas de Abrantes e farturas.

Um povo pelo pratos

Com Leiria entramos na região da Estremadura. Destacamos o **Forno/Padaria**, a trabalhar ininterruptamente nos 3 dias para abastecer os seus visitantes com pão caseiro e pão com chouriço; o **Restaurante** cuja ementa consta de sopa juliana, fritada de carne de porco com cogumelos e vinho da região; a **Pastelaria/Minibar** com serviço de *cocktails* e doces regionais (brisas do Lis, cavacas e beijinhos das Caldas e tarte de amêndoa) e um **Snack-Bar** com sopas (feijão verde, caldo verde e de legumes), salgados e ainda serviço de pequenos-almoços.

Entrando em Lisboa a escolha é variada. Destaca-se o **Restaurante de Vila Franca** com açorda de sável, ensopado de enguias e caldeirada. Há ainda: o **Restaurante da Amadora/Cascais** com bife de vaca a dois; a **Taberna de Loures** com carapaus fritos, chouriço assado, coiratos, bacalhau assado, caldo verde, pipis e salgados; a **Churrasqueira** com frango, bifanas e chouriço assados; o **Café-Concerto** com tarte de atum, caldo verde, bacalhau-à-Brás, espetadas, açorda de bacalhau, *hamburgers*, queijo e bebidas finas; a **Cervejaria** com açorda de marisco, arroz de marisco, gambas, moela, polvo e berbigão; o **Bar/Cervejaria** com pratinhos de cabidela, doçaria regional (pastéis de feijão e de nata) além de vinhos da região Oeste (Torres Vedras e Alenquer); a **Pastelaria/Gelataria** com doçaria regional (fofos de Belas, queijadas, travesseiros), sorvetes, ginja e moscatel; o **Bar-Sandwich** com sandes mistas, *hamburgers*, cachorros, pipis, camarão e o **Bar-Esplanada** com batidos, *cocktails*, sumos naturais, aperitivos, cachorros e sandes mistas.

Setúbal aposta forte nos **Restaurantes** especializados em comida tradicional: o de Setúbal com arroz de tamboril; o de Sines com caldeirada à moda de Sines e o de Seixal com caldeirada de chocos.

Tem ainda uma **Churrasqueira** (Moita) e a **Marisqueira** (Sesimbra), além de **vários Bares:** de petiscos variados, de ovo com salsicha, de choco frito, de *hamburgers* com batatas fritas e de Moscatel de Palmela.

O Alentejo tem um grande **Restaurante** com uma ementa única mas soberba: ensopado de borrego à pastora, acompanhado de pão alentejano e de vinho do Redondo. Tem ainda uma **Taberna:** feijão com cabeça de porco e orelha assada de azeite e vinagre acompanhados com vinhos do distrito de Beja e uma **Venda de produtos agrícolas:** vinhos do Redondo e de Borba, queijos de cabra (Portel), queijos de ovelha (Rio de Moinhos), mel do Alqueva e azeitonas de Campo Maior.

No Algarve há um espaçoso **Snack-Bar:** arroz de marisco, caldeirada de atum e feijoada de búzios são os pitéus que os visitantes aí podem encontrar. Tem ainda: uma **Marisqueira** com camarão, lagostins, sapateira, peito de caranguejo, ostras e perceves; um **Cocktail/Bar** e **Vendas** com amêndoa, figos, medronho, vinho de Tavira, bolos de amêndoa e D. Rodrigo.

Dando um salto até às ilhas pode-se provar: na **Madeira**, a carne de vinho e alhos, as broas de mel, a aguardente de cana e o vinho da Madeira; nos **Açores**, a morcela frita, batata cozida com massa malagueta, favas escoadas, caldo de peixe, frango frito aos pedaços, queijo da ilha de S. Jorge, ananás, vinhos do Pico (cavaco, verdelho), aguardente da terra, licor angelica e de S. Miguel o chá e o licor de maracujá.

O Folclore marca presença importante na «festa!», em especial nos diversos espectáculos do Palco Arraial. Um dos ranchos ali presentes, para a mostra de folclore beirão, é o Rancho da Nespereira que vem do distrito da Guarda

Mostra de gastronomia internacional

Há ainda outros espaços para comes e bebes espalhados pela Festa mas sem características acentuadamente regionais: bares de apoio ao Palco Principal, ao Desporto, ao Pavilhão Central (o Café da Amizade), à entrada, à Cidade Internacional ou a espaços dos sectores: pioneiros, juventude, mulheres, reformados, deficientes e emigração.

Outros há de gastronmia internacional: Restaurante de Timor Leste de cuja ementa consta: Tukiz (prato de cabrito) com arroz Katupa (com coco) e Sassate (espetada de cabrito e porco); Restaurante de Cuba com arroz Congri (com carne de porco) e arroz al Caribe (com frutos do mar) e Restaurante da URSS, entre outros.

XIV Festa Avante!

88 000 CONTOS!

Mais de 88 mil contos é o balanço provisório do mês de Agosto no que diz respeito aos resultados do andamento da campanha dos 150 mil para o terreno da Atalaia. O resultado definitivo desse mês será divulgado na própria «festa!», altura ideal para todos nós, já que nos encontramos juntos na Atalaia, contribuirmos e ajudarmos a contribuir para rapidamente chegarmos ao final desta campanha, numa participação massiva que esses três dias certamente irão proporcionar. Adquirindo títulos de Comparticipação ou participando no sorteio (cujo primeiro prémio estará exposto na «festa!»), eis duas formas de participação nesta campanha. Mas também há *o construtor* a mascote desta campanha que confirma a descrição já anteriormente feita: veste de vermelho, tem capacete, é fofinho e vai sobretudo ajudar a construir festas do «Avante!». Referência ainda para o facto de existirem três locais próprios na Atalaia(um deles no Pavilhão Central), dedicados a esta campanha, para assim mais facilmente todos podermos ter acesso a essas formas de participação.

É pois grande a expectativa de um salto nos resultados desta campanha, nos três dias da «festa!», em direcção à concretização dos objectivos desta campanha dos 150 mil contos. É para o terreno, nosso!

E NA FESTA VAMOS TODOS AJUDAR!

Cerâmica para a campanha

Inserida na CAMPANHA DOS 150 MIL CONTOS para a Atalaia vai a Organização Regional de Leiria lançar na Festa do «Avante!» uma peça em **cerâmica** da autoria de **Armando Correia**, que simbolizará o terreno, a Festa, camaradagem, luta, trabalho, alegria e confiança no futuro e cujas matérias-primas utilizadas fazem parte dos sectores económicos do Distrito de Leiria.

Ela é reproduzida em trabalho voluntário por um conjunto de operários cerâmicos com a colaboração da empresa de cerâmica «MOLDE».

O seu preço de venda ao público será de 2000$00.

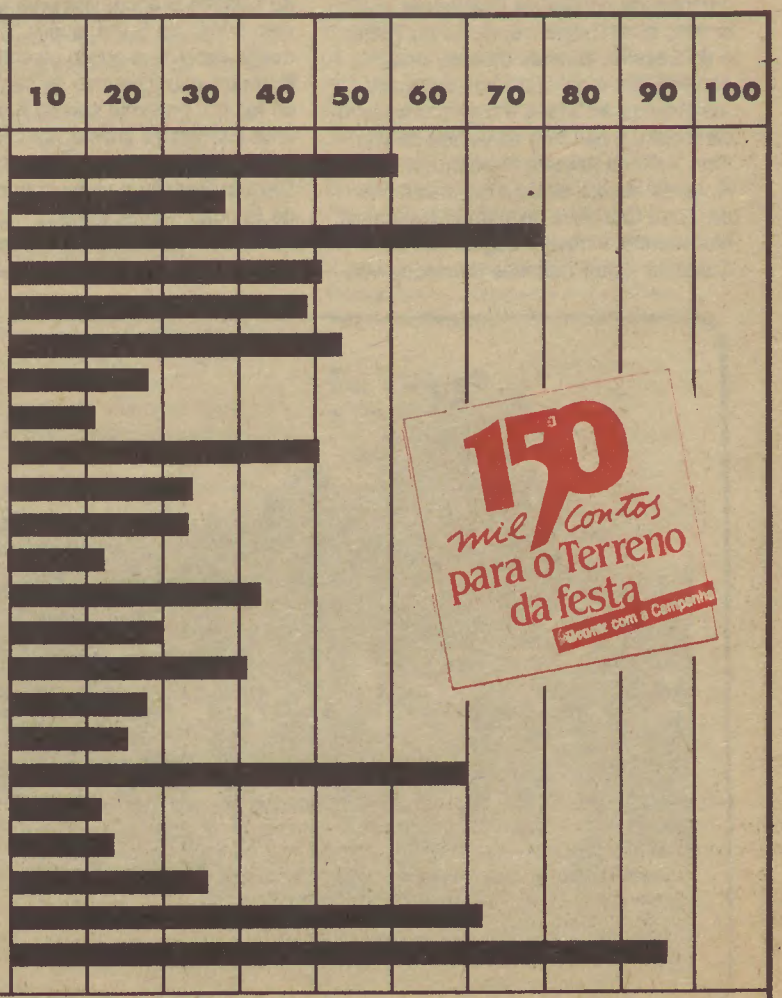
Como é habitual uma vez por mês, desde o início da campanha dos 150 mil contos para o terreno da Atalaia, publicamos o gráfico que dá conta, a nível das organizações regionais do PCP, do andamento registado nas últimas quatro semanas, numa altura em que o início, já amanhã, da XIV edição da Festa do «Avante!», marcará também o início da utilização pública de um terreno que é nosso! e para o qual se prevê um aproveitamento futuro que ultrapassará em muito a realização periódica da própria «festa!». É objectivo do nosso Partido que a Atalaia seja um espaço de lazer e cultura, aberto todo o ano para um vasto conjunto de iniciativas.

Um desafio para o futuro cuja possibilidade de concretização passa pela resposta a este outro desafio a que estamos todos a dar resposta: cumprir rapidamente as metas definidas nesta campanha dos 150 mil!

Durante os três dias da «festa!», certamente um novo passo em frente nesse sentido será dado...

Avante! com a campanha

ORGANIZAÇÃO	Percentagem
Regional de VILA REAL	50,03
» BRAGANÇA	28,10
» BRAGA	69,67
» VIANA DO CASTELO	41,35
» PORTO	38,45
» CASTELO BRANCO	44,13
» GUARDA	17
» COIMBRA	11,20
» AVEIRO	41
» VISEU	24,36
» SANTARÉM	23,80
» LEIRIA	12,26
» LISBOA	33
» SETÚBAL	20
» ÉVORA	31,27
» BEJA	18,15
» PORTALEGRE	16
» FARO	60
» AÇORES	11,83
» MADEIRA	16,33
JCP	26,47
EMIGRAÇÃO	62,37
CENTRAL E DIVERSOS	86,93



Total realizado até 31/8/90 — Esc. 88 312 951$10

Agenda

Avante!

Ano 60 – Série VII
N.º 872
6 de Setembro de 1990
4.º Caderno
Não pode ser vendido separadamente

Sexta
Sábado
Domingo

Festa para todos na Atalaia!

Comício no Domingo às 17 horas

TV O Programa

Quinta 6

RTP1

09.00 - **Bom Dia**
10.00 - **Às Dez** (inclui «O Sítio do Picapau Amarelo»)
12.05 - **A Gata Comeu** (86º epis.)
13.00 - **Jornal da Tarde**
13.30 - **Um Anjo na Terra** (58º epis.)
14.15 - **Pescadores** (10º epis.)
14.40 - **Wang Chung**
15.40 - **O Mundo em Extinção**
16.40 - **O Cacilheiro do Amor** (4º epis.)
17.20 - **O Mundo Animal** (50º epis.)
17.40 - **Brinca Brincando**
18.35 - **O Sítio do Picapau Amarelo**
19.00 - **Jogo de Cartas**
19.30 - **Telejornal**
20.05 - **Boletim Meteorológico**
20.15 - **Roda de Fogo** (54º epis.)
21.10 - **Guerra de Espiões** (últ. epis.)
22.50 - **Luta pela Democracia** (8º epis.)
23.45 - **Murphy Brown** (22º e últ. epis.)
00.10 - **24 Horas**
00.40 - **Remate**

RTP2

14.00 - **Primeiro Jornal**
14.30 - **Espaço Infantil**
15.00 - **Filhos e Filhas** (549º epis.)
15.25 - **Agora, Escolha!**
16.50 - **Os Centuriões** (21º epis.)
17.15 - **O Fantasma de Faffner Hall** (4º epis.)
18.15 - **O Homem da Carabina**(4º epis.)
18.45 - **Ti-ti-ti** (14º epis.)
19.15 - **Espaço Infantil**
19.55 - **Via Rápida**

20.05 - **Clássicos da TV** - «Ruas de S. Francisco» (33º epis.)
21.00 - **Jornal das Nove**
21.30 - **Emoções** (32º epis.)
22.00 - **Hora da Verdade**
23.00 - **Fora de Horas**
23.40 - **Universidade Aberta**

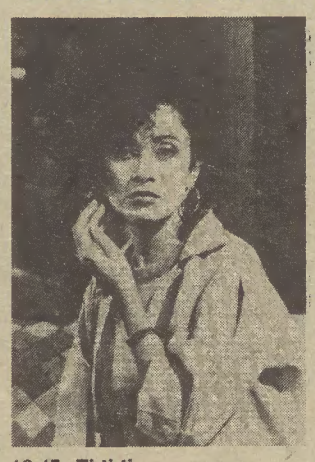
Sexta 7

RTP1

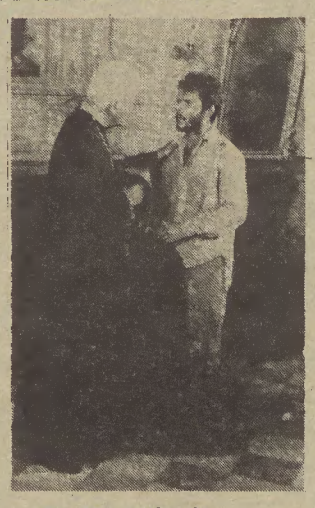
09.00 - **Bom Dia**
10.00 - **Às Dez**
12.05 - **A Gata Comeu**
13.00 - **Jornal da Tarde**
13.30 - **Guerra e Paz** (6º epis.)
14.20 - **O Mar e a Terra** (10º epis.)
14.45 - **Smithereens**
15.55 - **A Ilha** (5º epis.)
16.45 - **O Mundo Animal**
17.05 - **Brinca Brincando**
18.30 - **O Sítio do Picapau Amarelo**
19.00 - **Jogo de Cartas**
19.00 - **Telejornal**
20.05 - **Boletim Meteorológico**
20.15 - **Roda de Fogo**
21.05 - **Wolf** (9º epis.)
21.55 - **A Magia de Paul Daniels**
22.45 - **Chefe, Mas Pouco** (30º epis.)
23.15 - **24 Horas**
23.45 - **Remate**
23.55 - **Pela Noite Dentro** - «Veludo Azul» («Blue Velvet»), real. David Lynch (EUA/1986, 120 min.)

RTP2

14.00 - **Primeiro Jornal**
14.30 - **Espaço Infantil**
14.45 - **Filhos e Filhas**
15.10 - **Agora, Escolha!**
16.30 - **As Três Damas do Quiosque** (3º epis.)
17.45 - **Primeiro Andamento**
18.15 - **O Homem da Carabina**



18.45 - **Ti-ti-ti**
19.15 - **Espaço Infantil**
19.55 - **Via Rápida**
20.05 - **Clássicos da TV** - «Ruas de S. Francisco»
21.00 - **Jornal das Nove**



21.30 - **O Pagador de Promessas** (9º e 10º epis.)
23.00 - **Rotações**
24.00 - **Haja Música**

Sábado 8

RTP1

09.00 - **Espaço Infantil/Juvenil**
13.00 - **Notícias**
13.10 - **Brian Adams**
14.05 - **Lendas e Factos da História de Portugal** (5º epis.)
14.30 - **O Barco do Amor** (15º epis.)
15.20 - **Vivamúsica**
16.05 - **Recordes Guiness**
16.30 - **Sessão da Tarde** - «Polícia de Choque» (EUA/1987, 86 min.)
18.20 - **Ouro Negro** (7º epis.)
19.15 - **Nem o Pai Morre...** (últ. epis.)
19.45 - **Totoloto**
20.00 - **Jornal de Sábado**
21.20 - **Campion** (6º epis.)
22.15 - **Monte Carlo World Music Awards 1990**
23.30 - **Cinema da Meia Noite** - «Casamento em Branco», real. Michel Brault (Canadá/1989, 86 min.)

RTP2

09.00 - **Universidade Aberta**
11.00 - **Caminhos**
11.20 - **Gala Circom**
12.10 - **Um Lar para os Animais**
13.05 - **Documentário**
13.15 - **Tauromaquia**
13.45 - **Cine-Sábado** - «A Cidade Submarina», real. Jacques Tourneur (EUA-GBr/1965, 81 min.)
15.00 - **Estádio**
19.00 - **Primeiro Jornal**
19.15 - **Boa Esperança** (10º e 11º epis.)
21.00 - **Estádio**
23.30 - **Fora de Horas**

Domingo 9

RTP1

09.00 - **Espaço Infantil**
11.30 - **70x7**
12.00 - **Missa**
13.00 - **Notícias**
13.10 - **Uma Aventura em Lisboa**
13.35 - **Nem o Pai Morre...** (12º epis.)
14.00 - **Oito e Oitenta** (12º progr.)
15.15 - **Aqui D'Elrock** (festival de música rock na Caparica - VI)
16.15 - **Bairros Populares de Lisboa**
17.00 - **Primeira Matinée** - «O Príncipe e a Corista», real. Laurence Olivier (GBr/1957, 113 min.)
19.00 - **McGyver** (50º epis.)
20.00 - **Jornal de Domingo**
20.30 - **Boletim Meteorológico**
20.35 - **Querido John** (24º e últ. epis.)

21.05 - **Histórias de Guerra** (2º epis.)
22.00 - **Domingo Desportivo**

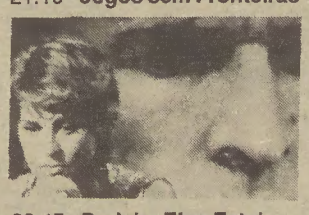
RTP2

09.00 - **Música n'América**
10.00 - **Troféu**
13.00 - **Espaço Infantil**
13.30 - **Novos Horizontes**
13.50 - **Troféu**
19.00 - **Primeiro Jornal**
19.15 - **Vestígios do Passado** (5º epis.)
20.00 - **A Bela e o Monstro**
20.45 - **Artes e Letras** - «Marlon Brando»
21.50 - **Cineclube** - «Júlio Cesar», real. Joseph L. Mankiewicz, interpr. Marlon Brando, James Mason, John Gielgud (EUA/1953, 116 min)
23.50 - **Lusitânia Expresso**

Segunda 10

RTP1

09.00 - **Bom Dia**
10.00 - **Troféu**
12.05 - **A Gata Comeu**
13.00 - **Jornal da Tarde**
13.30 - **Com Amor!** (últ. epis.)
14.20 - **A Água e a Vida** (11º epis.)
14.45 - **Eurythmics**
15.40 - **O Mundo em Extinção**
16.30 - **Buck Rogers**
17.15 - **O Mundo Animal**
17.40 - **Brinca Brincando**
18.35 - **O Sítio do Picapau Amarelo**
19.00 - **Jogo de Cartas**
19.30 - **Telejornal**
20.05 - **Boletim Meteorológico**
20.15 - **Roda de Fogo**
21.10 - **Jogos sem Fronteiras**



22.45 - **Dadah - Elos Fatais** (4º epis.)
23.45 - **24 Horas**
00.15 - **Remate**

RTP2

14.00 - **Primeiro Jornal**
14.45 - **Espaço Infantil**
15.00 - **Filhos e Filhas**
15.25 - **Agora, Escolha!**
16.55 - **Fora de Horas**
17.15 - **A Irmã Kate** (10º epis.)
17.40 - **Loriot** (últ. epis.)
18.25 - **O Homem da Carabina** (6º epis.)
18.55 - **Ti-Ti-Ti**
19.25 - **Espaço Infantil**
19.55 - **Via Rápida**
20.05 - **Clássicos da TV** - «Ruas de S. Francisco»
21.00 - **Jornal das Nove**
21.30 - **Teatro Estrangeiro** - «Nora Helmer», de Ibsen, realização para TV de Rainer W. Fassbinder

Terça 11

RTP1

09.00 - **Bom Dia**
10.00 - **Às Dez**
12.05 - **A Gata Comeu**
13.00 - **Jornal da Tarde**
13.30 - **Dallas** (40º epis.)
14.15 - **Rotas do Extremo Ocidente** (8º epis.)
14.40 - **Julian Cope**
15.45 - **O Mundo em Extinção**
16.30 - **Damond and Debbie** (últ. epis.)
17.15 - **O Mundo Animal**
17.35 - **Brinca Brincando**
18.30 - **O Sítio do Picapau Amarelo**
19.00 - **Jogo de Cartas**
19.30 - **Telejornal**
20.05 - **Boletim Meteorológico**
20.15 - **Roda de Fogo**
21.10 - **Primeira Página**
22.10 - **Saracen** (9º epis.)
23.10 - **24 Horas**
23.40 - **Remate**

RTP2

14.00 - **Primeiro Jornal**
14.35 - **Espaço Infantil**
14.50 - **Filhos e Filhas**
15.15 - **Agora, Escolha!**
16.35 - **Os Novos Caça-Fantasmas** (42º epis.)
17.00 - **Os Henderson** (2º epis.)
17.40 - **No Rasto dos Animais Selvagens**
18.25 - **O Homem da Carabina**
18.55 - **Ti-Ti-Ti**
19.20 - **Espaço Infantil**
19.55 - **Via Rápida**
20.05 - **Clássicos da TV** - «Ruas de S. Francisco»
21.00 - **Jornal das Nove**
21.30 - **Cinemagazine**

21.50 - **Cinemadois** - «Morgan, Um Caso para Tratamento», real. Karel Reisz (GBr/1966, 94 min.)
23.25 - **Universidade Aberta**

Quarta 12

RTP1

09.00 - **Bom Dia**
10.00 - **Às Dez**
12.05 - **A Gata Comeu**
13.00 - **Jornal da Tarde**
13.30 - **Clínica Geral** (últ. epis.)
14.20 - **Estrada Larga** (11º epis.)
14.50 - **Simply Red**
15.50 - **O Mundo em Extinção**
16.30 - **Acção em Miami** (11º epis.)
17.20 - **O Mundo Animal**
17.40 - **Brinca Brincando**
18.35 - **O Sítio do Picapau Amarelo**
19.00 - **Jogo de Cartas**
19.30 - **Telejornal**
20.05 - **Boletim Meteorológico**
20.15 - **Roda de Fogo**
21.05 - **Vamos Jogar no Totobola**
21.20 - **Lotação Esgotada** - «Debaixo de Fogo», real. Roger Spottiswoode (USA/1973, 120 min.)
23.35 - **24 Horas**
00.05 - **Remate**

RTP2

14.00 - **Primeiro Jornal**
14.30 - **Espaço Infantil**
15.00 - **Filhos e Filhas**
15.25 - **Agora, Escolha!**
16.35 - **O Liceu Degrassi** (20º epis.)
17.05 - **O Menino Doutor** (11º epis.)
17.30 - **National Geographic** (6º epis.)
18.15 - **O Homem da Carabina**
18.55 - **Ti-Ti-Ti**
19.25 - **Espaço Infantil**
19.55 - **Via Rápida**
20.05 - **Clássicos da TV** - «Ruas de S. Francisco»
21.00 - **Jornal das Nove**
21.30 - **Tourada**
23.00 - **Fados do Fado** (5º progra.)

Filmes

«**Veludo Azul**» - 6ª, 23.55, RTP-1
«**A Cidade Submarina**» - sáb., 13.45, RTP-2
«**Polícia de Choque**» - sáb., 16.35, RTP-1
«**Casamento em Branco**» - sáb., 23.30, RTP-1
«**O Príncipe e a Corista**» - dom., 17.00, RTP-1
«**Júlio César**» - dom., 21.50, RTP-2
«**Morgan, Um Caso para Tratamento**» - 3ª, 21.50, RTP-2
«**Debaixo de Fogo**» - 4ª, 21.20, RTP-1

Música

Quinta
14.40, RTP-1: **Wang Chung**
19.55, RTP-2: **Via Rápida**

Sexta
14.45, RTP-1: **Smithereens**
19.55, RTP-2: **Via Rápida**
01.30, RTP-2: **Haja Música**

Sábado
10.40, RTP-2: **Zona Jazz**
13.10, RTP-1: **Brian Adams**
15.20, RTP-1: **Vivamúsica**
22.15, RTP-1: **World Music Awards**

Domingo
09.00, RTP-2: **Música n'América**

Segunda
14.20, RTP-1: **Eurythmics**
19.55, RTP-2: **Via Rápida**

Terça
14.40, RTP-1: **Julian Cope**
19.55, RTP-2: **Via Rápida**

Quarta
14.45, RTP-1: **Simply Red**
19.55, RTP-2: **Via Rápida**

Desporto

Remate - RTP-1, 5ª (00.40), 6ª (23.45), 2ª (23.45), 3ª (23.40), 4ª (23.35)
Domingo Desportivo - RTP-1, 22.00
Estádio - RTP-2, sáb., 15.00 e 21.00
Troféu - RTP-2, dom., 10.00 e 13.50

Teatro O Cartaz

LISBOA

Clube Estefânia, Rua Alexandre Braga, 24-A. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17. **O Fado, a Navalha e a Guitarra ou a História da Rosa Enjeitada**, de D. João da Câmara, encen. Fernando Gomes, pelo Grupo Persona.

Ritz Clube, Rua da Glória, 57. 6ª e sáb. às 22. **O Regresso de Bucha e Estica**, encen. Mário Viegas.

Teatro Maria Vitória, Parque Mayer. De 3ª a dom. às 20.30 e às 23, ao dom. também às 16. **Vitória! Vitória!**, de H. Santana, F. Nicholson, A. Fraga, Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

CASCAIS

Teatro Mirita Casimiro, Av. Marechal Carmona, 6-B. De 3ª a sáb. às 21.30, sáb. às 16. **Rei Lear**, de Shakespeare, enc. Carlos Avilez, pelo TEC

PORTO

Teatro Sá da Bandeira, R. de Sá da Bandeira, 108. De 3ª a dom. às 21.30, dom. também às 16.00. **O Homem do Vestido Lilás**, de Badaró, enc. Morais e Castro.

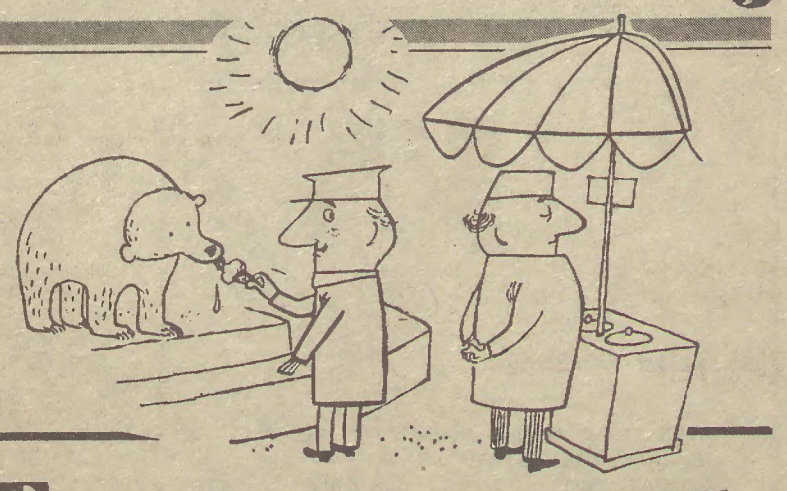
Cinema

A selecção

		David Lopes	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A	Ata-me!	—	★★	—	★★
B	Jules e Jim	—	★★★★	★★★★	★★★★
C	Na Corda Bamba	—	★★	—	★★★
D	O Regresso ao Futuro III	—	—	—	★★

Classificação de ★ a ★★★★★

A — Real. Pedro Almodovar – **Quarteto/2** (14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00, 24.00) – **Lisboa.**
B — Real. François Truffaut — **Forum Picoas/1** (14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00) — **Lisboa.**
C — Real. John Badham — **Amoreiras/7** (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15); **S. Jorge/3** (15.30, 16.45, 19.00, 21.15) — **Lisboa.**
D — Real. Robert Zemeckis — **Alfa/Clube, Mundial/2** e **Star** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); **Berna** (15.15, 18.00, 21.30); **Amoreiras/6** e **Fonte Nova/2** (14.15, 16.30, 18.45, 21.15); **S. Jorge/2** (14.15, 16.30, 19.15, 21.45) — **Lisboa.**



Tempo

Fim de Semana

Para sábado e domingo a previsão é de continuação do bom tempo.

(Previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica)

Exposições...

António Areal - exposição retrospectiva (1934-1978). Centro de Arte Moderna, Rua Nicolau Bettencourt. 4ª e sáb. das 14 às 19.30, restantes dias das 10 às 17 (fecha 2ª). Até 7/9

Arte Suiça Contemporânea. Fundação Gulbenkian/CAM (galerias de exposições e parque). 4ª e sáb. das 14 às 19.30, restantes dias das 10 às 17 (fecha 2ª). Até 9/9.

Artistas Famosos - colectiva de serigrafia. Escorial, Rua Portas de Santo Antão, 47 (até 20/9)

Azulejos do Metro - mostra dos azulejos de autor que decoram as estações do Metro de Lisboa: trabalhos de Maria Keil, Cargaleiro, Júlio Pomar, Sá Nogueira, Rogério Ribeiro, Eduardo Nery, Vieira da Silva. Museu do Azulejo, Rua Madre de Deus, 4. De 3ª a dom. das 10 às 12.30 e das 14 às 17 (até 14/10)

No Centenário da Morte de D. Luís - A sua vida e a sua época, em exposição evocativa de que fazem parte peças raramente expostas, designadamente as jóias da Coroa e obras de arte da colecção pessoal do rei. Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda. De 3ª a dom. das 10 às 17 (até Setembro)

Colectiva (pintura de Graça Morais, Menez, António Dacosta, entre outros). Galeria 111, Campo Grande, 113 (até fim de Setembro)

Colectiva de Desenho (Bual, Hogan, Lima de Freitas, Dourdil, Stuart, Tom). Ditec-Espaço Arte, Av. da Igreja, 46-A (até 15/9)

Colectiva de Desenho (Bual, Dourdil, Hogan, Lima de Freiras, Stuart, Tom). Espaço Ditec, Av. Igreja, 46-A. De 2ª a sáb. das 10 às 13 e das 14.30 às 19.30.

Desenhar a Revista - Cenários e figurinos para o Teatro de Revista (de 1900 a 1960). Museu do Teatro, Estrada do Lumiar, 10. De 3ª a dom. das 10 às 12.30 e das 14 às 17.

Evocação de Ivone Silva. Museu do Teatro, Estrada do Lumiar, 10.

«90 Anos de Arte Moderna Portuguesa» (colectiva). Galeria de S. Bento, Rua do Machadinho, 1. De 2ª a sáb. das 11 às 13 e das 15 às 20.

Miguel Mira - Pintura e desenho. Biblioteca Nacional, Campo Grande

Paulo Cardoso - Pintura. Gal. S. Mamede, R. Escola Politécnica, 167. 2ª das 15 às 19.30, 3ª a sáb. das 10.30 às 13 e das 15 às 19.30.

Saldanha da Gama - Pintura e desenho. Gravura, Trav. do Sequeiro, 4, r/c.

Um Século de Electricidade. Central Tejo, Av. Brasília (Belém). De 3ª a dom. das 10 às 12.30 e das 14 às 19 (ao sáb. até às 22, ao dom. até às 18).

Tapeçaria do Séc. XVI - Galeria do Rei D. Luís, Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda. De 3ª a dom. das 10 às 17.

Vítor Ribeiro - Aguarelas. Mãe d'Água das Amoreiras, Praça das Amoreiras, 10.

PORTO

Arte Efémera na Paisagem - exposição de espantalhos. Parque de Serralves (até 29/9)

OUTRAS LOCALIDADES

Alfredo Garcia Revueltа - pintura. Centro Cultural S. Lourenço, ALMANCIL

Gabriel Seixas - escultura em mármore. Até 16/9, Galeria de Exposições da Junta de Freguesia de ALVERCA

II Bienal de Gravura da Amadora - obras de 89 artistas portugueses e 30 brasileiros; homenagem aos pioneiros da gravura em Portugal. Das 15 às 23, a partir de 8/9 (até 14/10) Galeria Municipal e Recreios Desportivos, AMADORA

Cabrita Reis - «Alexandria», instalação. Até 28/8, Convento de S. Francisco, Lg. D. Nuno Alvares Pereira, BEJA

Américo Silva - gravura, fotografia. Museu José Malhoa (até 7/10) CALDAS DA RAINHA

Exposição Colectiva de Pintura Naturalista. Almadarte, Av. Gen. Humberto Delgado, 3-B, COSTA DA CAPARICA

X Salão Nacional de Pintura Naif. Até 24/9, Galeria de Arte do Casino, ESTORIL

Jorge Martins - pintura. Galeria Municipal de Arte, Rua do Trem. Das 9 às 19 (até 30/9), FARO

Vítor Belém - Pintura. Museu Municipal Dr. Santos Rocha (até 15/9), FIGUEIRA DA FOZ

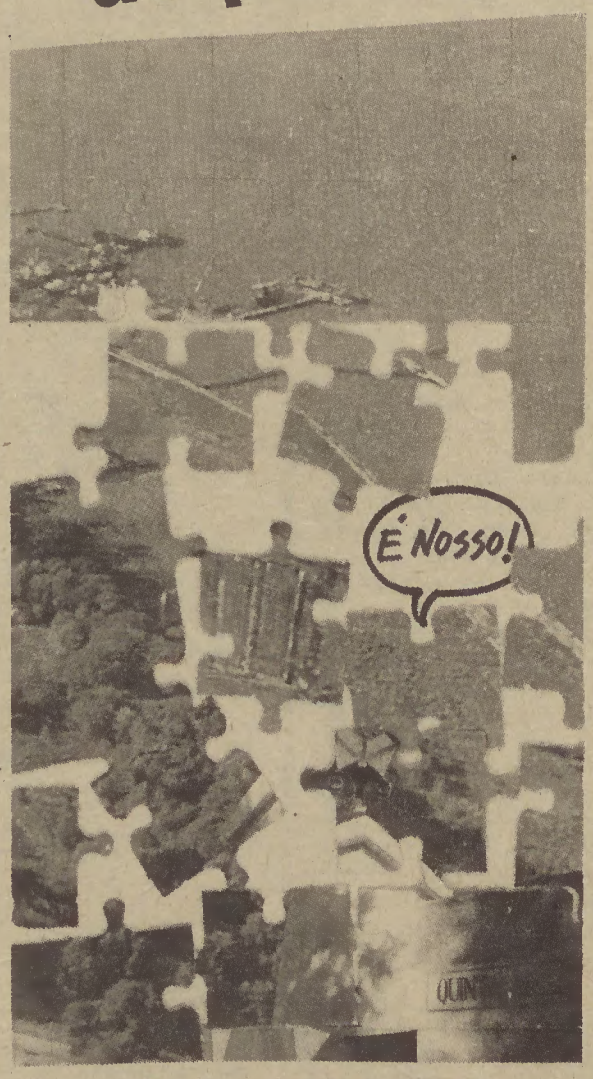
3ª Bienal Internacional de Óbidos - pintura. Até 2/9, ÓBIDOS

Edith Forjaz - Aguarelas. Palácio Nacional da Pena. De 3ª a dom. das 10 às 17 (até 16/9) SINTRA

Pintura Portuguesa 1842-1979 (da colecção do Museu Nacional de Arte Contemporânea). Galeria de Exposições Temporárias do Palácio Nacional de Queluz. De 4ª a 2ª das 10 às 13 e das 14 às 17 QUELUZ

Rui Vasquez - Pintura e cerâmica. Até 9/9, Galeria Municipal, VILA FRANCA DE XIRA.

Atenção ao puzzle!

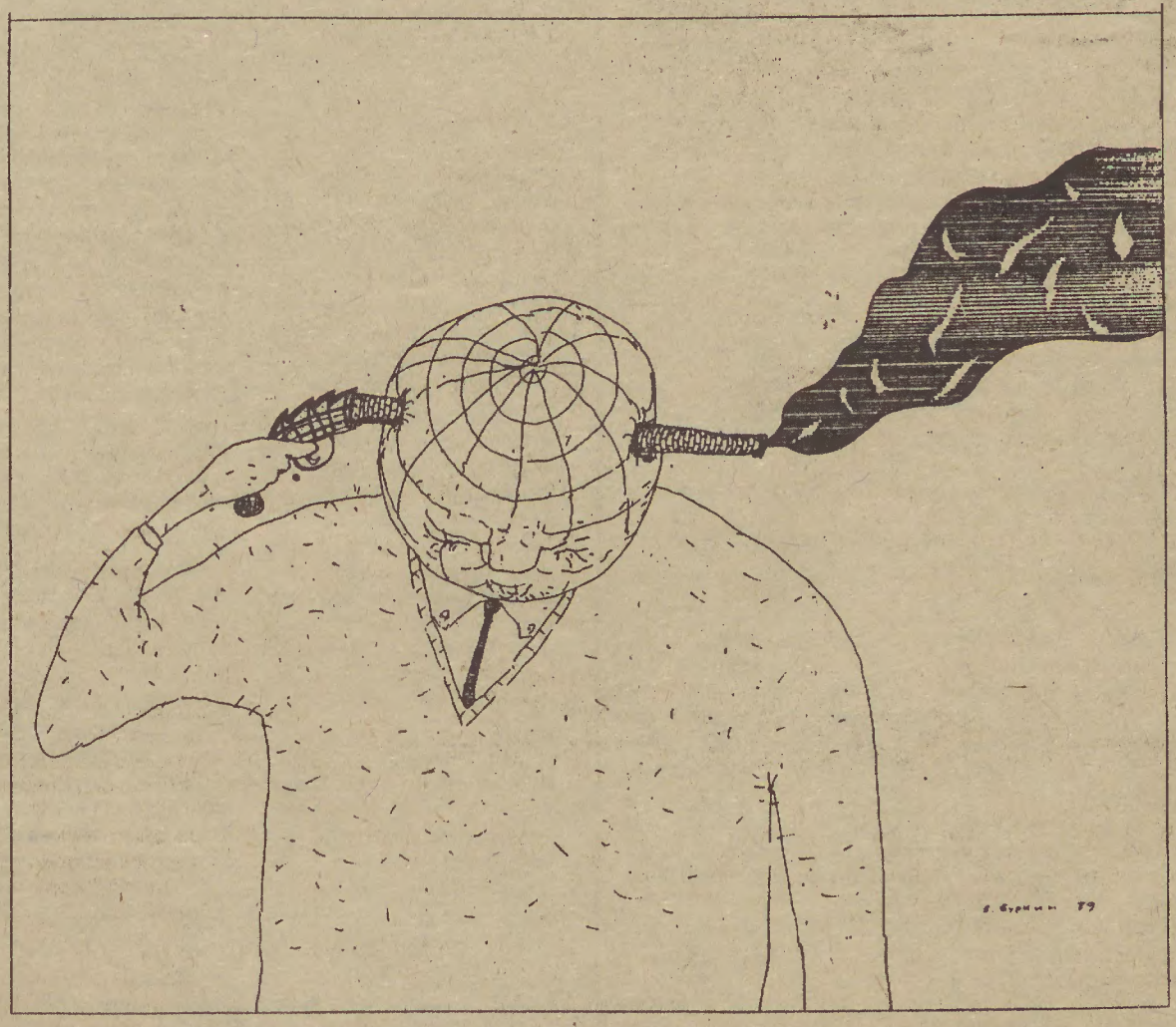


Está já em distribuição e, naturalmente, também o encontraremos na Festa.

Mais do que um interessante «passatempo» para gente de todas as idades, é uma recordação simpática da edição 90 da Festa do Portugal de Abril.

Depois de juntar harmoniosamente aquelas peças, quem consegue desfazer a imagem do belo terreno da Atalaia? Só para o fazer de novo e ver quem é o mais rápido...

ANTOLOGIA



BURKIN, Vladimir *(URSS) in «Voz» Semanário Colombiano – Junho 1990*

a TV

As férias «baratas»

A locutora avança com o *lead* da notícia: «os portugueses não fazem férias baratas em Portugal...»

Telejornal descobriu a pólvora. Oxalá, já agora, não se esqueça de registar a patente. E tudo era dito com solenidade, em forma de pregão, como se o *Telejornal* dissesse aos portugueses: «Meus senhores, como vocês andam distraídos! Então vocês ignoravam que as vossas férias não eram baratas? Seus cabecinhas no ar...»

A verdade é que a maior parte dos portugueses, ao ouvir aquilo, se interrogaram: «Férias? Quais férias?»

Ora o *Telejornal* não devia desconhecer a situação da **esmagadora maioria dos portugueses** que não têm condições mínimas para gozar uns dias no campo, na praia ou nas termas por falta de condições materiais. Não devia desconhecer isso porque até... foi ele próprio quem o disse, talvez num momento imperdoável de distracção. Até nos disse que muitos portugueses passavam as férias... a trabalhar. A isto é que se chama, em linguagem oficial, «o progresso e o bem-estar que o governo proporciona ao povo português»...

Voltemos às férias. Após dizer o que disse, prossegue a locutora: «... Uma realidade que o governo tenta agora minorar através da campanha *Turismo em português*, com a participação dos hoteleiros».

Repare-se na cuidadosa terminologia: não se trata de o governo **resolver** a situação - trata-se de **minorá-la**. E o governo, mesmo **minorá-la**, não garante: vai **tentar**...

Não há nada que eu mais abomine do que a injustiça, venha ela donde vier. A verdade é que a medida tomada pelo governo dá bem a medida de uma solução positiva.

Assim, em **alguns** hotéis, os turistas portugueses beneficiarão de um desconto de 10 (dez!) por cento. Realmente notável. Se um hotel berusca onde pernoitar custa para aí uns cinco mil escudos, poupam-se 500 escudos. Mas se custar 20 mil, o desconto elevar-se-á a **dois mil**!

Acho que todos devemos aproveitar esta sábia decisão do governo. Agora, sim. Agora, com este desconto, as férias dos portugueses vão ser uma realidade!

E já que estamos a falar de descontos, é preciso dar desconto a uma demagogia tão à vista, tão à vista que se torna... pornográfica.

O que o Telejornal não disse

O País ficou naturalmente alarmado com a onda de acidentes de viação em poucos dias. Tragédias que provocaram elevado número de vítimas.

A União dos Sindicatos de Lisboa convocou uma conferência para (segundo as próprias palavras do *Telejornal*) «denunciar a situação dos trabalhadores».

A questão era grave. Só não se entende bem é que se lhe tenha dedicado apenas 48 segundos (!) à velocidade média de 250 palavras por minuto - excesso pelo qual, logicamente, devia ser multado.

Evidentemente o «apanhado» das informações colhidas pelo repórter nem de perto nem de longe deu uma ideia da gravidade da situação.

Não se disse que, dos acidentados em Algés, apenas quatro estavam sindicalizados.

Não se disse que, dos 300 mil trabalhadores da construção civil, a grande maioria são imigrantes trabalhando em regime de subempreitada com uma percentagem de ilegalidade laboral da ordem dos 75 por cento.

Não disse que 37 por cento dos acidentes se devem a equipamentos deficientes e precárias condições de trabalho.

Não disse que a União dos Sindicatos de Lisboa «responsabiliza o governo por falta de soluções para um sector de alto risco».

Outros acidentes na área da viação vieram dar razão à USL. Desgaste material, mas também desgaste humano, motivado por infernais condições de trabalho. Sem falar na erosão psicológica, anímica e física das instáveis condições sociais.

Tudo isso de que não prescinde a filosofia que preside ao governo do País.

Onde estão?

Terminou a série de emissões dedicada a Klaus Barbie.

O último episódio relatou-nos a vida do «carniceiro de Lyon» na Bolívia, com a demonstração de uma imensa teia de cumplicidades ao mais alto nível. Tais e tantas que Barbie nunca acreditou seriamente na extradição. Que só foi possível graças à opinião pública mundial intensamente mobilizada.

A imagem que nos fica na retina é a de um homem incapaz de um arrependimento, de um remorso - e ao mesmo tempo a de uma pessoa que conta com a justiça dos homens!!!

Pois. Mas Barbie não há só este. Onde estão os que, em Portugal, prenderam, perseguiram, torturaram, mataram? Onde trabalham? Que actividades exercem? Ao serviço de quem?

Esses nem precisam de ir para a Bolívia...

■ ***Ulisses***

Síntese semanal da IMPRENSA

Muitas fontes, pouca sede...

A Imprensa de fim-de-semana deu de repente em meditar sobre as consequências da crise do Golfo no relacionamento institucional no nosso país e concluiu coisas que se contradizem umas às outras com a mesma convicção com que também dizem nem sim nem não, antes pelo contrário. O hilariante está no facto de todas as versões convocarem a fidedignidade de «fontes» muito responsáveis e, como sempre, confidenciais, o que permitiu ao «Semanário» descobrir através de «fonte militar» que as chefias castrenses sempre estiveram de acordo com a actuação do Governo na crise do Golfo, enquanto «O Independente» «apurou» que o Governo fez precisamente o contrário do que as Forças Armadas lhe tinham recomendado nesta matéria e o «Expresso» «ouviu de alguém» ligado à Defesa Nacional que alguns chefes militares «são favoráveis a um empenhamento mais activo».

É o que dá ter-se muitas «fontes»... e pouca sede informativa.

Sim...

A decisão do Governo de enviar dois navios para as proximidades da zona de crise obteve o consenso das hierarquias dos três ramos das Forças Armadas. Por outro lado, fonte militar disse ao **Semanário** que os chefes militares sempre estiveram de acordo com a posição de princípios do Governo português — colocar as bases nacionais disponíveis e esperar pelas decisões a tomar pelas organizações internacionais a que Portugal pertence. Depois da reunião de segunda-feira da UEO ter decidido a participação de uma força militar composta pelos países membros, reuniram-se o Conselho Superior da Defesa Nacional e o Conselho Superior Militar.

Após algumas horas, foi possível o consenso e a decisão: dois navios portugueses a caminho do Golfo — ou, pelo menos, a caminho dos arredores da zona de crise. Entre as chefias militares dos três ramos das Forças Armadas é pacífico, segundo as nossas fontes, que a Marinha é a mais bem apetrechada para fazer face a uma situação como a do Golfo. Assim, vamos enviar o «S. Miguel» um navio de transporte da Armada com uma tripulação de 35 homens, todos dos quadros permanentes. É para transporte e ajuda ao bloqueio naval. O segundo navio é uma fragata, a «Roberto Ivens», e a bordo leva alguns marinheiros que cumprem o serviço militar obrigatório. Parte para o Mediterrâneo a 10 de Setembro «em exercícios militares da NATO».

A participação portuguesa na força naval enquadrada nas manobras da NATO, através do envio da fragata «Roberto Ivens», custará ao Estado entre 35 mil a 100 mil contos por mês. (...)

«Semanário», 1/9/90

Não...

O Governo fez ontem precisamente o contrário ao que as Forças Armadas lhe tinham recomendado. Com efeito *O Independente* apurou que o ministro da Defesa, Fernando Nogueira, em duas reuniões com as chefias militares, recebeu destas uma posição clara: «Portugal pode e deve enviar fragatas para a zona do golfo no quadro da União Europeia Ocidental (UEO)», disseram Soares Carneiro e Andrade e Silva, respectivamente Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas e da Marinha.

Segundo a doutrina militar, de que os meios se adequem às missões, os chefes asseguraram a Nogueira que as fragatas portuguesas estavam perfeitamente aptas a cumprir a missão de embargo ao Iraque. «Primeiro porque, como qualquer membro na NATO, tem participado nos exercícios, com grandes elogios e louvores». Segundo porque se fossem «para o Golfo as fragatas portuguesas iriam integradas na força europeia onde há países cujas fragatas também não têm defesa antimíssil». Terceiro, afirmaram ainda os chefes militares ao ministro, «porque os próprios comandantes das fragatas não são kamikases e não se iriam meter em missões suicidas». Para além destas opiniões, as chefias militares entregaram ainda a Nogueira toda a documentação técnica que apoiava a sua tese e mostrava estarem as fragatas prontas a partirem para o centro da crise.

Os três chefes dos ramos das Forças Armadas disseram a Fernando Nogueira que não fazia sentido «Portugal ter meios para participar, em igualdade de circunstâncias com outros países e não o fazer». A Armada queria zarpar. Soares Carneiro assumiu a vontade das FA e transmitiu-a na própria reunião da UEO onde disse: «*Defendo que Portugal deve participar mas a decisão é do poder político*». O ministro ouviu e ignorou.

Ontem ao fim da tarde o ambiente nas chefias das Forças Armadas era tenso contra o poder político. «*Eles vexaram-nos e é um enxovalho que vão ter de assumir e que não podem atirar para cima das FA*», disse a O Independente uma alta patente militar. (...)

«O Independente», 31/8/90

...antes pelo contrário

O Presidente da República é favorável a uma intervenção portuguesa no Golfo «mais consistente» do que a que foi decidida pelo Governo — disse ao *Expresso* uma fonte ligada aos trabalhos do Conselho Superior de Defesa Nacional, já depois da reunião de quinta-feira.

A fonte referiu que a posição de Mário Soares se aproxima da que alguns chefes militares têm defendido, designadamente em encontros com membros do Governo, a favor do empenhamento mais activo das Forças Armadas portuguesas no conflito do Golfo. O envio de uma fragata tem sido uma das hipóteses consideradas e chegou a ser recomendado, por razões políticas pelos serviços do MNE. Como se sabe, esta tese não venceu no Executivo, que disponibilizou apenas um navio de transporte para a força multinacional que garante o cumprimento do embargo ao Iraque.

A reunião do Conselho Superior de Defesa Nacional tornou claro o descontentamento das chefias militares quanto à imagem das Forças Armadas que tem vindo a ser projectada para o exterior e pela qual o Governo foi indirectamente responsabilizado. O *Expresso* apurou que, durante as duas horas e meia de debate, foi essa a grande preocupação evidenciada, quer pelo chefe de Estado-Maior-General, Soares Carneiro, quer pelos chefes dos três ramos.

No essecial, os militares quiseram sublinhar que, independentemente da qualidade e da quantidade dos meios existentes, as Forças Armadas estão prontas para executar as missões que o poder político decida atribuir-lhes, contra a ideia que tem vindo a ser formada de que a exiguidade ou a absolescência de material e equipamentos tornam as Forças Armadas praticamente inoperativas em caso de conflito.

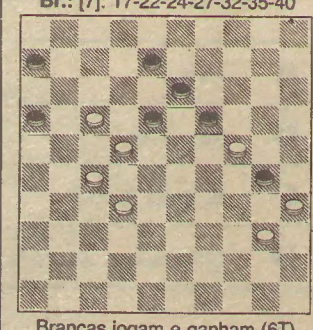
Aparentemente, o Governo reconheceu implicitamente que não havia tomado os devidos cuidados para evitar que a imagem das Forças Armadas tenha vindo a ser posta em xeque junto da opinião pública. É o que parece ficar demonstrado na comunicação lida pelo ministro Fernando Nogueira, na quinta-feira, dando «público testemunho da generosa e total disponibilidade manifestada pelas Forças Armadas, cujo brio e valor ficaram uma vez mais demonstrados (...)».

«Expresso», 1/9/90

Damas

CCLXIX – 6 de Set. de 1990

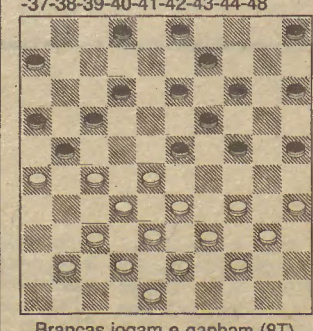
PROPOSIÇÃO N.º 269
Por: ANTOINE MÉLINON
– Villeurbanne, 1985
Pr.: [7]: 6-8-13-16-18-19-30
Br.: [7]: 17-22-24-27-32-35-40



Brancas jogam e ganham (6T)

* * *

GOLPE N.º 269
Por: MARCEL DESLAURIERS
– Canadá, 1959
Pr.: [16]: 2-3-5-6-9-12-13-14-15-16-17-19-21-23-24-25
Br.: [16]: 26-27-28-32-33-34-35-37-38-39-40-41-42-43-44-48



Brancas jogam e ganham (8T)

* * *

SOLUÇÕES DO N.º CCLXIX

N.º 269 (A.M.): 1. 40-34 (30x39); **2.** 27-21 (16x38); **3.** 35-30!! (18x27); **4.** 17-11 (6x17); **5.** 30-25 (19x30); **6.** 25x3 =D +

Golpe n.º 269 (M.D.): 1. 34-29! (23x45); **2.** 28-23 (19x28); **3.** 33x11 (6x17); **4.** 44-40 (45x34); **5.** 39x8 (2x13); **6.** 27-22 (17x28); **7.** 26x10 (5x14 ou 15x4); **8.** 32x23 B+2 e + executado em jogo!!!

3. ... (16x7); **4.** 26x10 e **5.** 44-40 B+2 e +

A. de M.M.

Xadrez

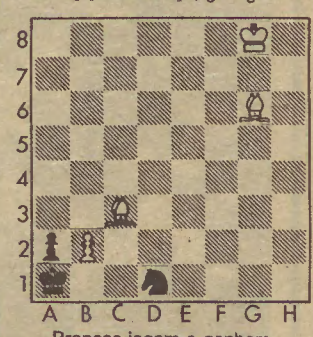
CCLXIX – 6 de Set. de 1990

PROPOSIÇÃO N.º 269/A
Por: WOLFGANG PAULY
«DEUTSCHE SCHACHZEITUNG», Junho, 1916
Pr.: [4]: Ps.ç4, é2, g4-Ré3
Br.: [5]: Ps.ç2, g2-Bs.é1, é4-Ré5

Mate em 7 (sete) lances

* * *

PROPOSIÇÃO N.º 269/B
Por: W. von HOLZHAUSEN
«Armée-Zeitung», 1904
Pr.: [3]: Pa2-Cd1-Ra1
Br.: [4]: Pb2-Bs.ç3, g6-Rg8



Brancas jogam e ganham

* * *

SOLUÇÕES DO N.º CCLXIX

N.º 269/A (W.P.): 1. ç3!, g3; **2.** Bç6, Rd3; **3.** Ba4, Ré3; **4.** Bé8, Rd3; **5.** Bg6+, Ré3; **6.** Rf5 e **7.** Rf4 ++

N.º 269/B (W. von H.): 1. Bh8!, C:b2; **2.** Rg7! Cd1; **3.** Rf7+, Cb2; **4.** Rf6, Cd1; **5.** Ré6+, Cb2; **6.** Ré5, Cd1; **7.** Rd5+, Cb2; **8.** Rd4, Cd1; **9.** Rç4+, Cb2; **10.** Rç3, Cd1+; **11.** Rb3+, Cb2; **12.** B:b2 ++

Corrigenda: O n.º 262/B está furado, segundo Klaman: **2.** ..., D:C; **3.** f8=D, D:P= com xeque perpétuo!

Corrige-se, colocando um PEÃO BRANCO em **a4!**

A. de M.M.